ANNO XXXII. N. 8.

Por 3 mezes adiantados 4$000.
Por 3 mezes vencidos 4$500.

QUINTA FEIRA 10 DE JANEIRO DE 1856.

Por anno adiantado 15$000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPCAO' NO NORTE. Parahiba, o Sr. Gervazio V. da Natividade ; Natal, o Sr. Joaquim I. Pereira Junior ; Aracaty, o Sr. A. de Lemos Braga ; Ceará, o Sr. J. José de Oliveira ; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues ; Piauhy, o Sr. Domingos Herculano A. Pessoa Cearense ; Pará, o Sr. Justiano J. Ramos ; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

PARTIDA DOS CORREIOS.
Olinda : todos os dias.
Caruaru, Bonito e Garanhuns : nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exu' e Ouricury : a 13 e 28.
Goianna e Parahiba : segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal : nas quintas-feiras.

AUDIENCIAS DOS TRIBUNAES DA CAPITAL.
Tribunal do commercio : quartas e sabbados.
Relação : terças-feiras e sabbados.
Fazenda : quartas e sabbados as 10 horas.
Juizo do commercio : segundas as 10 horas e quintas ao meio-dia.
Juizo de orphãos : segundas e quintas as 10 horas.
Primeira vara do civel : segundas e sextas ao meio-dia.
Segunda vara do civel : quartas e sabbados ao meio-dia.

EPHEMERIDES DO MEZ DE JANEIRO.
7 Lua nova as 8 horas, 48 minutos, 49 segundos da tarde.
14 Quarto crescente a 1 hora, 24 minutos e 48 segundos da tarde.
22 Lua cheia a 1 hora, 10 minutos e 48 segundos da manhãa.
30 Quarto minguante as 5 horas, 16 minutos e 48 segundos da m.
PREAMAR DE HOJE.
Primeir as 7 horas e 42 minutos damanhãa.
Segunda as 8 horas e 6 minutos da tarde.

DIAS DA SEMANA.
7 Segunda. Regresso do Menino Jesus do Gypto- S. Luciano pres.
8 Terça. S. Lourenço Jusiiniano patriarca de Veneza.
9 Quarta. Ss. Julião e Bazilica sua esposa mm.
10 Quinta. S. Paulo primeiro eremita ; S. Gonçalo de Amarante.
11 Sexta. S. Hygino p. m. ; Ss. Salvio, Sereno e Lucio martyres.
12 Sabbado. S. Satyro m. ; Ss. Arcadio, Zotico e Taciano mm.
13 Domingo. primeiro e ultimo depois de Reis ; S. Hilario m.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPCAÕ NO SUL. Alagoas, o Sr. Claudino Falcão Dias ; Bahia, o Sr. D. Duprat ; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins.

EM PERNAMBUCO.
O proprietario do DIARIO Manoel Figueiroa de Faria, na sua livraria Praça da Independencia ns. 6 e 8.

PARTE OFFICIAL

GOVERNO DA PROVINCIA.

Expediente do dia 7 de janeiro.

Officio—Ao Exm. marechal commandante das armas, transmittindo por copia o aviso da repartição da guerra de 21 de dezembro ultimo, do qual consta haver-se transferido para outros corpos os capitães José Maria de Alencastro, do 4. batalhão de artilharia a pé, Luiz Francisco Teixeira, do corpo de artilharia do Matto Grosso, e Joaquim Antonio Xavier do Valle, do corpo de artifices da côrte.—Communicou-se ao inspector da thesouraria de fazenda.

Dito—Ao mesmo, para mandar reforçar com mais doze praças o destacamento que existe actualmente no lazareto do Pina.

Dito—Ao inspector da thesouraria de fazenda, recommandando que a vista da carta que remette mande pagar a Peres & Vasconcellos, 106$800 réis, importancia da baeta e roupas de lãa, que para occorrer a epidemia em Cimbres, comprou o Dr. Olegario Cesar Cabossú.

Dito—Ao mesmo, transmittindo, afim de que o faça constar ao administrador da mesa do consulado, e ao inspector da alfandega, copias das concessões 4.ª e 5.ª do art. 9. do contrato geral n. 1113 e da 4.ª do de n. 1478 de 22 de novembro de 1844, das quaes constam as isenções e faveres outorgados a Companhia Pernambucana de navegação costeira.—Iguaes copias foram remettidas a thesouraria provincial.

Dito—Ao juiz relator da junta de justiça, transmittindo para ser relatado em sessão da mesma junta o processo verbal do soldado Eufrazio Alves da Rocha, pertencente ao oitavo batalhão de infantaria.—Participou-se ao Exm. presidente das Alagoas.

Dito—Ao inspector do arsenal de marinha, dizendo que pode contratar com os machinistas C. Starr & C., pelos preços por Smc. indicados a factura das seis boias, que são necessarias para demarcação e balisamento das barras de Camaragibe, Ponta de Pedras, Tamandaré e Maranguapa.—Communicou-se a thesouraria de fazenda.

Dito—Ao juiz de direito do Bonito. Tenho presente o seu officio de 2 do corrente, e inteirado do que nelle me communica devo dizer-lhe, que além das ambulancias que ja tenho mandado para essa comarca, remetto agora a requisição do Dr. Araujo Lima, alguns medicamentos mais.

Afim de que esse medico possa ter mais permanencia no Altinho, ordeno ao director da colonia de Pimenteiras, que faça seguir para o Bonito o respectivo cirurgião Souza Fontes, que deverá regressar ao seu lugar na colonia apenas sejam alli precisos seus serviços.

Me tem sido mui satisfatorias as informações que Vmc. tem dado acerca do bom comportamento e serviços que hão prestado o reverendo vigario do Altinho Agostinho de Goes e Vasconcellos, e o respectivo juiz de paz Dionisio Rodrigues Jacobina, aos quaes deve Vmc. louvar seu procedimento, que espero será imitado pelas demais autoridades.—Fez-se o necessario expediente a respeito.

Dito—Ao mesmo.—Quando houver Vmc. de fazer alguma requisição de soccorros ou generos alimenticios, mande logo dizer a vista das circumstancias, que ahi se derem quaes as quantidades precisas e mande portadores seguros que possam fazer a conducção.—Igual a camara municipal de Cimbres.

Dito—Ao director das obras publicas, approvando a convenção que Smc. fez com os proprietarios Nicoláo Harthery e D. Maria Francisca Marques de Amorim, para sem indemnisação alguma recuarem os muros de suas propriedades na estrada de Ponte do Uchôa afim de se poder dar a mesma estrada a conveniente largura e alinhamento, obrigando-se porém o governo a mandar reconstruir a sua custa todas as obras que elles possuem no actual alinhamento daquella estrada, com as quaes, segundo o orçamento que Smc. remetteu poder-se-ha gastar a quantia de 4:000$.—Communicou-se a thesouraria provincial.

Dito—Ao vigario da freguezia de Caruarú.—Os parochos com sua palavra e exemplos muito podem fazer a favor de suas ovelhas e por tanto espero de seu zelo, que agora mais que nunca se esforce em animar os habitantrs dessa freguezia para que encarem com coragem a epidemia que infelizmente se acha grassando. He muito conveniente que Vmc. lhes faça ver o quanto he prejudicial o enterramento nas igrejas, e por bom modo faça prevalecer a idea do estabelecimento dos cemiterios.

Dito—Ao bacharel Sergio Diniz de Moura Mattos communicando que por decreto de 15 de dezembro ultimo, segundo constou de participação da secretaria do ministerio da justiça, fora Smc. nomeado juiz municipal, e de orphãos do termo da Escada, e recommendando que venha prestar o devido juramento, para entrar no exercicio desse cargo, certo de que fica-lhe marcado o prazo de 3 mezes para dentro delle apresentar a competente carta imperial.—Fizeram-se as necessarias communicações a respeito.

Dito—Ao commandante do corpo de policia, dizendo que o soldado Antonio Jorge Monteiro, deve ser admittido a aquelle corpo afim de servir o tempo que lhe falta para completar o seu engajamento.

Dito—Ao mesmo, declarando que devem ser substituidos por outros os soldados do destacamento da Ilha de Santo Aleixo, José Joaquim de Araujo e João Francisco Ferreira, fazendo Smc. puni-los como for de lei pelos factos referidos pelo commandante do mencionado destacamento na parte que devolve.—Communicou-se ao provedor da saude.

Dito—Ao conselho de administração naval, approvando os contratos celebrados por aquelle conselho, para acquisição dos generos e mais objectos necessarios para fornecimento da enfermaria de marinha, navios da armada, barca de escavação, embarcações miudas do arsenal de marinha, e sustento dos Africanos livres, que se acham servindo no mesmo arsenal.

Portaria.—Ao agente da companhia das barcas de vapor, recommendando que mande dar passagem para a Bahia por conta do governo no vapor que se espera do norte ao musico Candido Martins Nogueira, e aos soldados José Francisco Gomes, Manoel Alexandre de Souza, e ao tambor Francisco de Assiz Araujo, todos pertencentes a companhia de invalidos daquella provincia.—Fez-se o necessario expediente.

Dita—Nomeando ao bacharel Aristides da Rocha Bastos, para o lugar de promotor publico da comarca do Brejo.—Fizeram-se as necessarias communicações.

Dita—Jubilando a professora publica de instrucção elementar do Curato da Sé de Olinda, Isabel Joaquina de Albuquerque, e removendo para aquella cadeira a professora publica da cidade de Goianna Iguez Barbalho Lins Uchoa.—Fizeram-se as necessarias communicações.

Rio de Janeiro, ministerio dos negocios do imperio.—Repartição geral das terras publicas em 30 novembro de 1855.

Illm. e Exm. Sr.—Determinando a lei n. 601 de 18 de setembro de 1850, que as sesmarias, e quaesquer outras concessões dos governos provinciaes, que estiverem nas circumstancias do art. 4, fiquem sujeitas á revalidação, e convindo não crear embaraços a prompta execução desta parte da lei, como lhe foi recommendado por aviso deste ministerio de 8 de outubro corrente, tenho ordem de sua magestade o Imperador para declarar a V. Exc. que taes sesmarias e concessões dos governos provinciaes, sendo em tudo sujeitas as diversas disposições da referida lei, e seus respectivos regulamentos, estão inteiramente fora da alçada das assembleas provinciaes não cabendo a estas da data da referida lei em diante conhecer dessas sesmarias, nem de quaesquer terras devolutas, que pelo art. 16 da lei n. 514 de 28 de outubro de 1848 foram concedidas a cada provincia, devendo mesmo neste caso procederem na conformidade do aviso dirigido ao presidente do Maranhão, de 27 de dezembro de 1854.

Deos guarde a V. Exc.—Luiz Pedreira do Couto Ferraz, Sr. presidente da provincia de Pernambuco.

COMMANDO DAS ARMAS.

Quartel general do commando das armas de Pernambuco na cidade do Recife em 9 de janeiro de 1856.

ORDEM DO DIA N. 183.

Tendo passado de doente a prompto o Sr. capitão do 10 batalhão de infantaria, Manoel Luciano da Camara Guaraná, determina o marechal de campo commandante das armas, que este Sr. official, passe a exercer as funcções de mandante, ficando dispensado deste serviço o Sr. capitão addido Joaquim Antonio Pientznawer o qual será desligado, e regressará ao corpo a que pertence.

José Joaquim Coelho.

EXTERIOR.

CORRESPONDENCIA DO DIARIO DE PERNAMBUCO.

PARIS.

20 de novembro.

A 15 deste mez uma grande solemnidade reunira, no immenso edificio consagrado a Exposição Universal, mais de trinta mil espectadores francezes e estrangeiros. Era o dia fixado para o encerramento da Exposição, e para a distribuição das recompensas. Ao mesmo tempo, o objecto da reunião tinha um mui vivo interesse, pois que se tratava de dar a palma aos mais merecedores nesta grande luta da industria e das artes, entre as principaes nações da Europa. Havia ahi o que absorvesse toda a curiosidade e todo o interesse do publico escolhido que assistia á ceremonia, e com tudo, toda a attenção dos ouvintes se concentrou sobre um ponto unico. Em presença de um auditorio composto em grande parte de industriaes, de artistas e de sabios estrangeiros, o imperador com grande intrepidez e mui felizmente resumio o programma da França na situação actual, e o seu discurso levantou uma trovoada de applausos. Estes testemunhos lisongeiros eram merecidos, não só como reconhecimento do benevolo acolhimento que o imperador fez aos representantes da industria estrangeira, mas tambem por causa da precisão, da firmeza e do bom senso patriotico que ha na linguagem de Napoleão III.

O discurso foi acolhido pelos jornaes de Londres com uma aprovação enthusiasta, e os jornaes da Allemanhã, que começam a occupar-se delle, rendem igualmente homenagem ao sentimento que dictou as palavras do imperador. Segundo a sua tendencia diversa, interpretam-no ou n'um sentido de paz, ou em um sentido de guerra ; mas o que he certo he, que o discurso diz clara e sinceramente o que quer dizer. O imperador Napoleão III deseja a paz, sejam quaes forem as consequencias da guerra, para uma nação militar como a França, e diz mui precisamente a Allemanha, que a paz depende mais della que das potencias occidentaes. Para vencer as resistencias desesperadas da Russia, bastaria com effeito que a Allemanha dissipasse a ultima illusão do czar, pronunciando-se formal e abertamente em favor das exigencias da França e da Inglaterra, e significando ao governo russo que ninguem na Europa, ainda entre aquelles que pretendiam permanecer neutros, não estava com elle. Uma declaração deste genero, feita no começo da guerra, teria prevenido a guerra, e hoje mesmo restabeleceria a paz.

Resta saber se este appello do imperador será attendido, isto he, se a Allemanha se pronunciará energicamente contra as pretenções do czar, as quaes unicamente tem perturbado a paz europea. Sobre este ponto só se podem fazer supposições, e a primeira vista parece impossivel que Napoleão III, politico fino, não estivesse quasi certo de antemão que as suas palavras achariam echo na Allemanha. Com effeito, ha poucas semanas, os dous homens mais influentes entre as cortes secundarias da confederação germanica, M. de Beust, primeiro ministro de Saxonia, e M. de Pfordten, primeiro ministro da Baviera, se achavam ambos em Paris, foram apresentados ao imperador, e tiveram com S. M. longas e secretas conferencias. De que se podia tratar nestas conferencias, senão do papel que pertence á Allemanha nas circumstancias actuaes. A presença em Paris destas duas personagens para onde vieram, sob pretexto de visitar a Exposição, era ja um facto mui significativo, pois que, no começo da guerra, M. M. de Beust e de Pfordten eram os chefes do que se chamou a liga de Bamberg, isto he, de uma especie de confederação dos Estados secundarios que se pronunciavam quasi abertamente em favor da Russia. A recepção benevola que lhes foi feita nas Tuilerias prova ja que a opinião delles se manifestara singularmente, e hoje, depois do discurso do imperador estamos perfeitamente autorisados a acreditar que elles estão promptos, com os outros Estados da Allemanha, a pesar, em nome da Saxonia e da Baviera, as resoluções supremas da Russia. Emfim, um futuro mui proximo esclarecerá todas as duvidas : se se emprehenderem outra vez as negociações, e se a paz se fizer, será antes da primavera; pois que, no mez de abril proximo, não se poderia tratar de conferencias, e sim de uma terceira e terrivel campanha.

Entretanto, os factos militares se vão tornando mais raros, e desde o feito de Kinburn, nada se passou na Criméa, que tenha alguma importancia, e apenas se pode assignalar uma escaramuça nos arredores de Kertch, que acabou na destruição de immensa quantidade de forragens, accumuladas para a sustentação da cavallaria russa durante seis mezes. Os dous exercitos, depois de se terem mutuamente ameaçado com um ataque, parecem inteiramente occupados neste momento com os meios para passar o inverno da melhor maneira possivel. A maior parte da nossa bella esquadra do mar Negro acaba de entrar em França com o almirante Bruat : a do Baltico, expellida pelos gelos, faz outro tanto : quanto aos Inglezes, os grandes navios da sua esquadra irão igualmente invernar em Malta.

He somente na Asia que as hostilides não são interrompidas. Ja lhe communiquei o assalto dado pelos Russos na cidade de Kars, e a victoriosa defeza dos Turcos que fizeram nos sitiantes uma verdadeira matança. Suppunha-se que depois deste revez, o general Mourawieff levantasse o assedio e se retirasse para a Georgia, tanto mais que, o generalissimo Omer Pacha ameaçava interceptar-lhe as suas communicações com Tiflis. A espectativa geral foi enganada. As suas massas continuam a cercar Kars, e não podendo tomar esta cidade por meio da força, se esforçam para reduzi-los por meio da fome ; mas as ultimas noticias nos annunciam que Omer Pachá sahio afinal da sua inacção, procurando ligar aos seus movimentos os Circacianos de Schamyl. Um feito grave ja teve lugar entre o Pachá e os Russos que de baldo tentaram disputar-lhe a passagem do rio Ingour. O recontro foi vivo e mortifero. Mais de 300 Russos ficaram mortos sobre o campo, e Omer Pacha teve 100 mortos e 200 feridos. Este feito lhe faz muita honra. Espera-se que não ficará ahi e que o general Mourawieff, ameaçado de achar-se entre dous fogos, levantará o assedio para voltar para Tiflis.

O czar depois de ter residido varias semanas em Nicolaieff, deixou esta cidade a 7 de novembro. Antes de voltar para S. Petersburgo, quiz visitar o seu exercito na Criméa, para agradecer-lhe os esforços, e distribuir em pessoa medalhas e recompensas. Foi a Sympheropol e passou revista as suas divisões, até sobre as linhas que ficam defronte do exercito alliado : partio a 13 de novembro para a capital. Asseveram que elle se mostrou plenamente satisfeito dos seus soldados e do general Gortschakoff que os commanda : dizem que ao retirar-se deixara a este plenos poderes para continuar a defender a Criméa, ou para retroceder para o isthmo de Perekop.

Um facto acerca de que, julgo, ja lhe ter dito algumas palavras, preoccupa vivamente a attenção publica. O general Canrobert foi encarregado pelo imperador de levar a el-rei da Suecia o grande cordão da legião de honra. Tem-se supposto naturalmente que o antigo general em chefe do exercito da Criméa não tinha somente de preencher uma missão de puro ceremonial, para a qual era sufficiente o encarregado de negocios de França. Assim, neste momento, os olhos dos homens politicos se voltam para Stockolmo, onde o general foi acolhido com um enthusiasmo extraordinario. Qualquer que seja a missão, parece que triumphou plenamente, e não se duvida que elle obtenha o mesmo resultado em Compenhague, onde deve ir preencher uma missão analoga junto de el-rei de Dinamarca. O segredo mais absoluto reina sobre o objecto desta negociação, e todos os jornaes da Allemanha e da Inglaterra estão reduzidos a conjecturas mais ou menos provaveis. Saberemos da verdade quando o general voltar para Paris.

INTERIOR.

RIO DE JANEIRO 21 DE DEZEMBRO.

Doutores em medicina.—Hontem ao meio dia na sala dos actos da escola militar, teve lugar a ceremonia do doutoramento em medicina, em presença de SS. MM. II., do Sr. ministro do imperio, da faculdade de medicina, e do um numeroso concurso de espectadores.

Logo depois da chamada dos doutorandos, e da declaração da nota que obtiveram na sustentação das suas theses, o director da faculdade tomou o juramento do estylo a cada um delles, e conferio-lhes o grao.

Teve depois a palavra o Sr. Dr. Saraiva de Carvalho, que em nome de seus collegas fez um discurso sobre o valor da medicina, dirigindo-se depois á mesma faculdade para lhe agradecer a instrucção que receberam, e finalmente a S. M. o Imperador a protecção que tem prestado ás sciencias, e particularmente a arte de curar.

Por ultimo o director em um breve discurso dirigio-se aos doutores dando-lhes alguns conselhos a respeito do comportamento que devem ter no exercicio da medicina. Foi ouvido com muita attenção, e terminou por estas palavras : « Lembrai-vos tambem do juramento que ha pouco prestastes, como vos haveis de recordar em todos os tempos da vossa existencia, dos trabalhos por que passastes na epoca calamitosa de uma epidemia, em que correspondendo as esperanças e á solitude paternal do governo de S. M. o Imperador, vos mostrastes dignos dos vossos mestres; o prazer que vos deve dar o sentimento de uma boa consciencia será a mais doce recompensa do zelo e do nobre desinteresse de que deu provas a maior parte de vós, e da justiça Divina esperamos que este vosso procedimento seja o preludio de uma vida feliz como vos desejamos por muitos annos. »

Aqui damos a lista dos senhores que tomaram o grão de doutor :

João Maria Lopes da Costa.
Saturnino Soares de Meirelles.
Luiz da Silva Brandão.
Antonio Justino da Silveira Machado.
José Pelidriano Martins da Silva.
José Joaquim de Gouvêa.
Antonio José de Souza Rego.
Lourenço Xavier Alves Carneiro.
Eduardo Augusto Pereira de Abreu.
Miguel Alves Vilella.
Candido Manoel de Oliveira Quintana.
Joaquim Corrêa de Figueiredo.
Joaquim Hermenegildo da França.
Balduino Joaquim de Menezes.
Diogo Antonio de Carvalho.
José Olympio Soares Ribeiro.
João José Cardoso.
José Joaquim Heredia de Sá.
Manoel Vieira da Fonseca.
Manoel da Silva Pereira.
Olympio Herculano Saraiva de Carvalho.
Manoel Antonio de Almeida.
Luiz Januario da Silva.
Custodio Cutrim da Silva.
Francisco Augusto Pereira Lima.
Joaquim José de Oliveira Mafra.
Childerico Rodrigues dos Santos França Leite.
Affonso Cordeiro de Negreiros Lobato.
José Antonio de Freitas Lisboa.
Francisco Vicente Gonçalves Penna.
Francisco de Assis Mendes Ferreira.
Fidencio Pedroso Barreto de Albuquerque.
João dos Santos Silveira.
Manoel Velloso Paranhos Pederneira.
Joaquim Antonio Hanvultando de Oliveira.
Manoel Vieira de Mello.
Rodrigo Antonio de Aragão Bulcão.
Francisco Antonio de Aguiar e Cunha.
José Bonifacio Caldeira de Andrada.
José Rodrigues de Oliveira Vereza.

Os Srs. Francisco de Paula Lazaro Gonçalves, Americo Hyppolito Ewerton de Almeida, e João Baptista dos Guimarães não tomaram o grão por se acharem doentes.

— 22 —

De ha muito se occupa a cidade com as occurrencias relativas ao casamento e á herança do Sr. José Bernardino de Sá, barão de Villa-Nova do Minho. Não tendo por costume ir adiante de novidades, mais do dominio das conjecturas da curiosidade e da maledicencia do que dos factos, abstivemo-nos de chamar a attenção dos nossos leitores para essas occurrencias, e apenas, quando pelo Dr. Manoel Jacques de Araujo Bastos foram publicadas as suas resposta, ao interrogatorio que perante o Sr. chefe de policia lhe havia sido feito, algumas palavras dissemos sobre a necessidade em que estavam as autoridades de tirar a limpo todas essas historias.

Agora porém que foram recolhidos em custodia, já á casa de correcção, já ao quartel de permanentes diversas pessoas, cumpre que digamos alguma cousa.

O barão de Villa Nova do Minho, que se apresentava como solteiro aos seus conhecidos, vivia em companhia da viuva do seu antigo patrão. Uns o consideravam casado com essa senhora, outros não. O fundo desse negocio era todo mysterioso.

Adoece gravemente o Sr. barão ; a enfermidade aggrava-se, até que por fim a ella succumbe. A senhora que em sua companhia vivia apresenta-se como sua mulher, e meeira em seus bens ; apresenta-se igualmente um testamento nuncupativo, reduzido a mui simplices declarações. O barão de Villa Nova do Minho deixava a sua terça aos seus parentes, e pedia *a sua mulher e a sua filha* que fielmente executassem essa sua vontade.

Esse testamento era o unico titulo de reconhecimento da esposa e da filha. Com esta cortára o barão todas as relações por ter ella casado contra sua vontade. Era o unico titulo, dizemos, porque nem se apresentava certidão de casamento, nem certidão de baptismo.

Com esse documento julgou a autoridade authenticado o estado civil dessas senhoras, e os bens foram deixados á presupposta viuva meeira como inventariante e cabeça de casal. Passado pouco tempo desavieram-se a viuva e o marido de sua filha : quiz este dá-la por demente, ou pelo menos tirar-lhe a administração dos bens do casal. Não acompanharemos porém esse incidente, por ser elle alheio ás questões da herança que preoccupam com tanta razão a vigilancia da autoridade.

Iam as cousas neste theor, quando o Dr. Basto levou ao sello uma lettra de 200 contos de réis aceita pelo marido da filha herdeira. Como parecesse alterada a data da lettra, houve duvida em sellar-lh'a, e logo após, levando ao Dr. Bastos ao juizo criminal para obter do aceitante que a resolvesse em outras de menores valores, conforme fôra ajustado, este, a requisição do promotor publico, apprehendeu a lettra e poz em custodia o portador.

Seguio esse processo os seus termos até á pronuncia do Dr. Basto, que allegava constantemente ter-lhe sido dada essa lettra em pagamento de serviços da sua profissão, serviços de tão alta importancia que podiam justificar a enormidade do salario.

Despertada por essas palavras e pelas reiteradas publicações do Dr. Basto, a policia proseguio em suas indagações, que tinham de recahir sobre tres pontos :

1.º e essencial. Era com effeito casado o barão de Villa Nova do Minho ?

2.º Será verdadeiro o testamento nuncupativo ?

3.º Será verdadeira a lettra de 200:000$? e que casta de serviços devia ella remunerar ?

O resultado das diligencias policiaes levaram-a a decretar hontem a prisão da Sr.ª D. Joaquina Rosa de Jesus, supposta viscondessa de Villa Nova do Minho, e do seu genro, Antonio de Souza Ribeiro. Aquella foi recolhida a' casa de correcção, e este, em virtude das honras militares de que goza, ficou no quartel de permanentes.

Com elles foram presos, e se acham tambem na correcção, os Srs. Luiz Carlos Adolpho de Souza, Bernardo de Oliveira Mello, Francisco de Paula Velloso, e Guilherme José Cardoso como testemunhas do testamento nuncupativo ; e os Srs. Paulo José da Costa e Antonio Antunes Gaimarães, como testemunhas do casamento. Outra testemunha do casamento, o Sr. Antonio Pereira do Lago, por ter sido achado gravemente enfermo e moribundo não foi preso, e das testemunhas do testamento uma, o Sr. Luiz Mendes Ribeiro, subtrahio-se fugindo apenas vio o official encarregado de prendê-lo.

Quanto a' questão da lettra de 200:000$, depois de pronunciado o Dr. Basto e obrigado a prisão e livramento como incurso nos crimes de falsidade e estellionato, foi o processo remettido ao Sr. juiz municipal Dr. Isidro Borges Monteiro para sustentação da pronuncia.

Ha mais neste triste negocio outra questão de uma lettra de elevadissima quantia que estava em poder de um Fulão Godinho. Este homem declarou na policia que a tinha, e prometteu apresenta-la ; depois arrependeu-se da promessa, e declarou não existir ja em seu poder. Está' preso e processado.

(*Jornal do Commercio* do Rio.)

PARAHIBA.

Resultado de todos os collegios da provincia na eleição dos deputados provinciaes.

1	Dr. Manoel Tertuliano Thomaz Henriques	318
2	Padre Francisco Pinto Pessoa	304
3	Dr. Anizio Salathiel Carneiro da Cunha	292
4	Manoel Porfirio Aranha	285
5	Dr. Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque	284
6	Dr. Olintho José Meira	277
7	Dr. José Paulino de Figueiredo	273
8	Vigario Camilo Mendonça Furtado	272
9	Dr. Francisco Jovita Cavalcanti de Albuquerque	272
10	Dr. Francisco Lucas de Souza Rangel	272
11	Dr. Joaquim da Costa Ribeiro	269
12	Dr. José Carlos da Costa Ribeiro	266
13	Dr. João Rodrigues Chaves	261
14	Dr. Antonio Carlos de Almeida e Albuquerque	258
15	Commandante-superior José Gomes de Sá	253
16	Dr. Flavio C. da Silva Freire	248
17	Commandante-superior Manoel Martins Casado	248
18	Padre Antonio Baptista Espindola	243
19	Dr. Francisco Felix de Carvalho	243
20	Dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha	241
21	Joaquim José Henriques da Silva	240
22	Padre Renovato Pereira Tejo	234
23	Dr. Chrispim Antonio de Miranda Henriques	228
24	Dr. Antonio de Souza Carvalho	224
25	Dr. José Maria Ferreira da Silva	223
26	Dr. Fausto Benjamim da Cruz Gouvêa	210
27	Marcolino Xavier Tavares da Silva	206
28	Tenente-coronel João Dantas de Oliveira	198

EXPORTAÇÃO.

Liverpool—Brigue inglez *Icene*, de 409 toneladas, conduzio 4,200 saccos com assucar pesando 21,000 arrobas.

Preços dos generos na Praça da Parahiba em 4 de janeiro de 1856.

Algodão de 5$000 a 5$200.
Assucar bruto a 1$700 por arroba.
Couros a 210 por libra.

Desde 29 de dezembro a 4 de janeiro corrente entraram só 35 saccas com algodão, e foram vendidas a 5$000 e 5$200 por arroba.

(*Commercial Parahibano.*)

PERNAMBUCO.

PAGINA AVULSA.

BOM DIA :

Nada ha que mais enfade, e nem que mais preciso se faça de sua leitura, do que os expedientes, os relatorios, as partes policiaes etc., etc. dos jornaes. He mister o sal, a variedade em tudo para o gosto não se finar, e o desejo perdurar. Um orador que não tiver sal em ambas as tribunas, que os seus discursos não forem variados em suas phrases, em suas figuras, torna-se indubitavelmente insipido.

A senhora que souber tanto musica como uma caixa de realejo, mas que não tiver graça, expressão e gosto não será uma italiana, mas ficará sendo uma esteril allemãa.

O poeta que não se afastar de um certo estylo secco, pesado e monotono enfastiará por certo ler as suas lucubrações.

Emfim este mundo sem graça, he o mesmo que a panella sem sal.

A nossa humilde *Pagina Avulsa*, que faz parte muito obscura desse *Diario*, onde são exarados os expedientes dos governos geral, e provincial, as diversas partes policiaes, as ordens do dia do quartel general, os trabalhos do jury, da relação, do tribunal do commercio etc., etc., a *Pagina Avulsa* não poderá ser lida satisfactoriamente se se cingir unicamente a narração de factos, sem que antes ou depois delles não offereça ao leitor alguma distração intellectual.

A *Pagina Avulsa* o que faz ?

Escolhe d'entre um sem numero de factos, que diariamente se vão reproduzindo entre nós, aquelles que embora, as vezes pequenos, mas que tem seu alcance tal ou qual, e dos quaes se possa tirar quando não moralidade ao menos alguma prevenção para a repressão desses mesmos factos.

Mas contada a historia, o que resta para a *Pagina Avulsa* ? Nem se quer uma distracçãozinha, um risozinho depois de alguma raivinha ? Não deve ser assim.

Se porém colhermos dos livros de nós mesmos alguma outra cousa que não seja—aconteceu— succedeu—que sim—que tal—não agradará mais. E que duvida !

O que sentimos he o nosso cabedal ser tão pouquinho... mais não importa quando houver falta delle recorremos ao de outrem, e quando assim nada haja conversa-se.

Uma flor inda murcha sempre excita o desejo de cheira-la.

— Teve alta da detenção um tal J. J. G. natural lá de outras bandas. Este illustrissimo senhor parece, que só foi aquella *residencia* para comer doce, mas he aquelle mesmo senhor, que na era de 4 de novembro de 1855 tendo pretendido enviar desta para melhor mansão a um caixeiro de certo livreiro, para o que fora armado de um estupendissimo *pasmado*, perdera (felizmente) a occasião, porque perseguido por pessoas do povo fora levado até a rua do R. depois de rodeios e escaramuças, onde por intervenção dos inspectores de quarteirão da mesma rua, e da rua da Praia foi preso, sempre com a sua amavel *bicudinha*, que depois foi tomada pelo inspector da rua da Praia.

Ainda não acabou ahi a *bernarda* : levado a casa do subdelegado esse homem, que parecia querer tirar casta de espalha brasas, ou arranca—toco—fez ao magistrado da policia um mimo que lhe havia ser bem incommodo, e pretendeu até tomar a espada ao ordenança, e por isto mesmo foi solto agora

— Acaba igualmente de ser posta em liberdade a ré T. M. C. sem se lhe ter formado a culpa.

Esta heroina he aquella mesma, que na éra de 27 de dezembro de 1855, tomada de ciumes, que he uma paixão, que rasga as fibras de um coração ardente... foi á rua estreita do Rosario, a casa do seu *jocen-lilia*, e depois do incomparavel recebimento de soccos e murradas, descasca uma boa *lambedeira* e mette-a sem a menor ceremonia na barriga do seu Adonis. Presa incontinente por alguns homens do povo, foi levada a casa do Sr. subdelegado,—que não achando materia para a accusação — soltou ha pouco a *infeliz* ! ! !

— Estamos na epoca das *solturas*. Teve mandado de despejo da detenção o bolieiro V. L. B., que as 5 horas da tarde do dia 10 de dezembro cortou de chicote na rua Nova a um pobre menino carvoeiro havendo resistido a prisão, a qual foi afinal effectuada por dous ordenanças do Exm. Sr. conselheiro presidente, que se achava de visita em casa do Dr. Braz. Pois a este homem não se instaurou processo—*ora brabos* as solturas !

— Hontem mimoseava, em uma das ruas mais publicas de S. Antonio, um bolieiro, palavras de arrancar couro e cabello a um moço, que por seus trajes e pejo de que estava coberto, parecia de fina educação, por não ter sido pago o aluguel do carro do seu amo conforme lhe pedira.

He hoje uma especulação que avulta. Os donos das cocheiras marcam um preço de aluguel para seus carros conforme a distancia, as horas, o asseio do carro e a gordura da parelha, e o bolieiro, que raros são os que não teem espertezas de rato, exigem outro, (além da gorgeta), de sorte que regula o preço dos carros segundo a vontade dos bolieiros, e quando alguem se atreve a fazer certas reflexões grama d'aquellas, que essa especie de *bichos* está acostumada a dizer aos de sua tempera. Nas cidades civilisadas a policia he quem marca a tabella dos preços dos carros, sempre de accordo com os interesses dos proprietarios das cocheiras.

— Hontem em um enterro apresentaram-se cinco carros alugados—contra uma das posturas da camara, segundo pensamos.

O tempo não he de *posturas*, e sim de solturas.

— Não nos deveriamos intrometter em questões alheias, mas o dever de amizade por um lado, e de consideração por outro, nos impelle a isto sem quebra de nossa dignidade pessoal. Pedimos com a mais boa vontade ao nosso collega, redactor da « Segunda-Feira do Chronista » que suspenda o juizo nimiamente desfavoravel, que faz do Dr. Pontes, pois he bem possivel, que o collega mal informado talvez do caracter desse moço, não lhe dê o devido apreço que elle merece por sua honestidade e sisudez : no entretanto não sirva este nosso ingenuo pedido de offensa ao collega, porque *mutatis mutandis*, estaremos sempre promptos a ouvi-lo, todas as vezes que queira nos honrar com suas reflexões judiciosas.

A tolerancia, a ordem e a conciliação são os nossos artigos de fé politica.

— Consta-nos que vai deixar a commissão de que está encarregado no batalhão de S. José o major Bernardino. Smc. se acha desgostoso por se ver privado de direitos, que lhe competem.

— O abbade Lacaille, famoso astronomo, construio uma especie de forquilha, que apertava a cabeça para poder passar as noites na observação dos astros. Quantos *Lacailles* não temos agora *enforquilhados* passando as noites na contemplação dos votos !... A breve apuração dos votos pela camara municipal vem-nos acabar de convencer, que muitos dos senhores deputados antigos a provincial não sahiram porque não quizeram.

— Prudencia he não querer
O que se não pode haver—

He bem verdade, que com a retirada de alguns a assembléa provincial perdeu bons deputados — não todos : appellem para os circulos

A's 7 horas da noite.

Sabemos agora, por nos informar pessoa mui fidedigna, que o Sr. Pinto, que tem botica na rua dos Quarteis, recebera uma carta de Papacaça que communica achar-se em perigo de vida o Dr. Amazonas.

Uma outra carta do vigario daquelle lugar noticia o estado mortal daquelle prestimoso medico, que não dando costas ao terror, e nem *negociando* sua consciencia ao governo, marchou para cumprir uma missão, que Deos e a sociedade lhe recommendara.

— De Garanhuns sabemos, que o povo tem desenvolvido uma coragem desmarcada, a exemplo dos Drs. juiz de direito e municipal, e do vigario.

Se apparece um caso de cholerina o povo não se aterra, corre a casa do doente, anima-o, e só sahe das immediações de sua habitação quando sabe de sua melhora.

O systema das fogueiras he alli empregado.

A limpeza esta' com todo apuro, e as autoridades são incansaveis no cumprimento de seus deveres na quadra actual.

Até amanhãa.

REPARTIÇAO DA POLICIA.

Parte do dia 9 de janeiro.

Illm. e Exm. Sr.—Levo ao conhecimento de V. Exc. que das differentes participações hontem e hoje recebidas nesta repartição, consta que se deram as seguintes occurrencias :

Foram presos : pela subdelegacia da freguezia do Recife, o portuguez Antonio Ignacio Cardozo, Maria do Rosario d'Apresentação, ambos por insultos, e o preto escravo Manoel, a requerimento do senhor.

Pela subdelegacia da freguezia de S. José, Marcelina da Paz, por furto, e o escravo Francisco, a requerimento do senhor.

E pela subdelegacia da freguezia da Boa-Vista, Manoel Luiz da Silva Freire, por suspeito em crime de roubo.

Deos guarde a V. Exc. Secretaria da policia de Pernambuco 9 de janeiro de 1855.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, presidente da provincia.—O chefe de policia, *Luiz Carlos de Paiva Teixeira.*

RELAÇÃO DAS PESSOAS FALECIDAS NA FREGUEZIA DE SANTO ANTONIO DO RECIFE, EM DEZEMBRO DE 1855.

Ignacio Domingues Tavares, branco, cazado, 30 annos, (caridade.)
Monica, crioula, escrava de Francisco Manoel de Souza Oliveira, 35 annos.
Antonia, Africana, escrava de Hilaria Maria das Virgens, 75 annos.
Adelaide, branca, exposta, 5 mezes, (caridade.)
Joanna Paula dos Santos, parda, viuva, 50 annos.

FOLHETIM.

OS FILHOS DA FORTUNA. (*)

POR PAULO FEVAL.

CAPITULO XI.

Intrigante.

O salão de Luiz XV era o lugar reservado exclusivamente por certas pessoas para o relogio de mesa, o sanctuario em que concentra-se o luxo, onde cada objecto tem preço exorbitante, historia mais ou menos authentica, e cobertura protectora. Ahi tem as pendulas vestidos de garça ; os candelabros camisolas de linho cinzento, os quadros camisas, as poltronas roupões, as esculturas do forro manto e até o tapete tem um avental de todos os dias.

Assim, as mulheres elegantes de costumes parcimoniosos calçam para irem ao baile, fazendo a economia de uma carruagem má, ignobeis meias de lãa por sobre os sapatos de setim.

O salão de Luiz XV era uma maravilha ; mas o intento da castellãa fôra baldado ; Stephen Williams, esse estrangeiro distincto não quizera o salão de Luiz XV. Os Americanos são grosseiros e estupidos ! He preciso ser um Yankee para desprezar esse salão de Luiz XV tão bello, tão fresco, tão cheio de caracter, apezar de seu preço fixo.

Eis o que acontece a quem offerece perolas a selvagens !

Era o salão ordinario, aquelle em que dansavam nas occasiões meio-solemnes as moças solteiras e casadas da tribu Ricardo. Fôra substituida por moveis modernos a mobilia antiga do tratante Turlot, a qual era verdadeiramente de Luiz XV, mas não Luiz XV da moda.

Quem aceita como madama Des Garennes resoluta e quasi ufanamente sua posição de filha da fortuna, não póde mais ser classificado entre o commum dos plebeos enriquecidos. Madama Des Garennes não tinha talvez tanto gosto quanto espirito, mas não era falta de gosto porque todas as cousas da intelligencia andam reunidas, e fôra mister ser cégo para recusar-lhe muita intelligencia e muito espirito.

Não tinha talvez o tino e a suavidade que he apanagio da raça ; mas quando queria, tinha a graça gauleza, e quando não mordia, seus bellos dentes serviam de adornar-lhe o sorriso.

Apezar de certas mesquinharias seu castello era tratado com grandeza ao menos apparentemente ; ahi não via-se nenhum ridiculo, e não era dado a todos penetrar os mysterios da despensa.

O salão em que se achava Stephen Williams, dava, como já dissemos, para o terraço, e nelle gozava-se da vista risonha e luminosa que tentámos descrever. Salva a extensão, certas formas architecturaes e a altura do forro, era um dos salões uniformes que ha em todos os andares de todas as casas de todas as ruas da Chaussée d'Antin. Duas portas collocadas no fundo davam para uma galeria elevada dous ou tres degráos, e destinada a orchestra. Essas portas communicavam tambem pelas duas extremidades da galeria com os quartos do interior.

Fôra por uma dellas que entrára *o estrangeiro distincto*.

Madama Des Garennes, sem embargo do pezar que sentia por não ter podido apresentar seu salão de Luiz XV, percorrêra com um olhar rapido e transcendente toda a pessoa de Stephen Williams. Este pareceu-lhe tal qual ella podera imagina-lo segundo a descripção do marido : personagem extravagante e de belleza um tanto romantica. Mas esse primeiro olhar da castellãa vio o que seu esposo teria passado a vida inteira sem ver. Um não sei que, certa cousa fugitiva e indefinivel que causou-lhe como um movimento de terror.

Achára seu senhor ?

Se Antonina ahi estivesse se teria lembrado de que nos romances de cavallaria a rainha experimenta assim as vezes uma emoção indizivel e sem causa á vista de Olivier ou de Renaud. E Antonina teria ficado cada vez mais persuadida de que *era um*.

Coitadinha! nesse momento ella chorava amargamente ; seu pai conversara com Bernardo o mordomo, e Pedro Tassel devia tratar de defender-se.

Quer Stephen Williams fosse cavalleiro errante, quer não, he certo que o sentimento experimentado aqui pela rainha não era amor. Ella tivera como um estremecimento, e seus bellos olhos haviam-se abaixado ao olhar firme do Americano.

Este affectava uma franqueza e uma sem ceremonia, que madama Des Garennes teria achado de máo gosto em outras circumstancias. Não era propriamente incivil ; mas sua familiaridade parecia prestes a passar os limites, e a incomparavel Julia podia notar que cruzava já as pernas uma sobre a outra.

— Ah ! vossas senhorias não estão mal estabelecidos aqui, disse elle recostando-se na poltrona ; bella vista, bom ar !... Ah ! agradeço-lhes muito seu acolhimento...

— Teriamos querido fazer mais... interrompeu a castellãa.

Des Garennes precipitou-se sobre a mão do hospede exclamando :

— Temos grande satisfação, senhor...

— Bem ! bem ! disse o Americano. Vejo daqui gente no jardim... Faça com que estejamos sós um momento.

— Baptista ! gritou Des Garennes, põe-te a porta do fundo, e não deixes entrar ninguem, absolutamente !

— Digam-me, tornou Stephen Williams quando Des Garennes voltou ao seu lugar, porque he que vossas senhorias recebem-me tão bem assim ?

— Porque ?... balbuciou o castellão sorprendido por essa pergunta inesperada.

— Nem ao menos sabem quem sou... accrescentou o estrangeiro distincto.

— Entre nós, milord, respondeu madama Des Garennes com a mais delicada cortezania, a hospedagem pode ser modesta... e mesmo insufficiente...

— Irra !... murmurou Stephen Williams, pozeram-me em um gabinete como o presidente do congresso não tem !

— Mas ao menos, acabou a castellãa, essa hospedagem não he indiscreta.

O Americano tirou um palito e metteu-o na bocca.

— O senhor teve a bondade, tornou Des Garennes, de escrever-me uma carta que manifestava o desejo...

— Ah ! ah !... e isso basta ?

— Perfeitamente !

— E nem perguntam porque desejei ter entrada em sua casa ?...

— Temos summo prazer de possui-lo, milord, disse a castellãa, eis o essencial.

— Isso he maravilhoso ! exclamou Stephen Williams com certo ar de zombaria ; a celebre hospitalidade dos montanhezes da Escocia parece-me que fica muito atrás... Rogo-lhe, senhora, por parentheses que não me chame milord, porque não ha lords na America : primeira razão... segunda razão porque se lá houvesse lords, eu não faria parte dessa nobre casta... porquanto confessarei eu mesmo, já que vossas senhorias não querem perguntar-me : sou apenas um pobre caixeiro pouco habituado a taes recepções.

Des Garennes inchou as bochechas. Para empregar seu estylo, suspeitava desde dous minutos o temporal. A mulher lançou-lhe um olhar que elle não vio, pois exclamou vivamente :

— Ah ! então não foi por sua conta que...

Parou porque a mulher beliscara-lhe fortemente o braço por detrás.

— Que ?... perguntou Stephen Williams com curiosidade.

Des Garennes estava embaraçado ; mas a incomparavel Julia livrou-o dizendo no tom mais simples :

— Meu marido desejava saber unicamente se o senhor vem ver-nos em seu nome ou por conta de outrem.

Stephen Williams mordeu os beiços para não sorrir, e disse comsigo :

— Que mulher atilada !... remendou a pergunta com mão de mestra !... O marido que he um pateta ia perguntar-me se foi por minha conta que comprei as rendas hontem na Bolsa... Ah ! vejo que convém jogar rijo !

— Justamente ! murmurou Des Garennes com ar idiota, a senhora exprimio meu pensamento inteiro.

— Pois bem, linda senhora, tornou Stephen Williams contemplando-a com mais attenção, venho por conta de outrem... Estou encarregado de muitas missões : em primeiro lugar dos cumprimentos de meu patrão Peter Bristol de Boston.

— O senhor faz parte da casa de Peter Bristol ? exclamou madama Des Garennes, cuja voz tomou inflexões mais fagueiras.

— Nosso illustre correspondente !... accescentou Des Garennes com emphase.

— Oh ! disse Stephen Williams, eu ignorava que o bom Peter Bristol fosse illustre.

— Esse nome he conhecido em todo o universo !.....

— Conhecido nas praças, não nego..... E Peter Bristol, que prefere o credito á gloria, não quer outra cousa.

— He como eu... quiz dizer Des Garennes.

A castellãa cortou-lhe a palavra.

— A modestia acha-se sempre reunida ao verdadeiro merecimento, tornou ella... O senhor Stephen Williams he sem duvida o principal caixeiro de Peter Bristol ?

— Isso he evidente !... exclamou Des Garennes.

— Para quem he isso evidente ?... perguntou o Americano.

— Para mim, senhor, respondeu a castellãa. Ha no verdadeiro gentleman certa distincção...

— He como o perfume do vinho de Bordeos, accrescentou Des Garennes, ninguem se engana a esse respeito !

Stephen Williams desatou a rir, e exclamou :

— Certamente, vossas senhorias tem muita bondade !

O marido e a mulher encararam-se.

— Ah ! acham que tenho perfume ! proseguio o estrangeiro distincto mettendo as mãos nos bolsos ; poderiam ser enganados a respeito de gentlemans, senão a respeito de vinhos !... Ha na casa de Peter Bristol mais de cincoenta caixeiros acima de mim !

— Ah !... exclamou Des Garennes endireitando-se, e sem occultar seu máo humor.

E como o Americano levantou-se para ir ver de perto o quadro que lhe ficava em frente, o castellão ergueu os hombros e inclinou-se para a mulher dizendo :

— Não he nada, absolutamente !

— Cala-te !... disse madama Des Garennes em voz baixa ; se elle vier pelas lettras de cambio !.....

— He justo !... Mas que idéa tinhamos feito desse homem !

— Então, tornou Stephen Williams contemplando o quadro, creio que vossas senhorias não me afagam mais ?...

— Que insolente !... disse Des Garennes.

A castellãa impoz-lhe silencio com um gesto energico.

— Fiz esta viagem como quartel-mestre, continuou Stephen Williams voltando ao seu lugar, afim de alugar uma casa para o caixeiro principal.

— Ah ! exclamaram ao mesmo tempo Mr. e madama Des Garennes, Peter Bristol enviou seu caixeiro principal a França !

— Para fazer certas cobranças importantes, respondeu simplesmente o estrangeiro distincto.

— E elle ha de chegar brevemente ?

— Já chegou.

— Que !... balbuciou o marido, o qual não teve presença de espirito para dissimular sua inquietação.

Madama Des Garennes pelo contrario bateu palmas mostrando a mais viva alegria, e disse :

— Que felicidade ! temos recebido cartas muito amaveis desse caixeiro que chama-se...

— Robinson.

— Com effeito, accrescentou Des Garennes um pouco serenado, creio que esse charo senhor Robinson tem-nos escripto cartas muito amaveis... mais do que amaveis... Quando o veremos ?

— Vossa senhoria já o vio, respondeu Stephen Williams.

— Eu o vi ?

— Não lembra-se mais daquelle Robinson que estava comigo na sala da hospedaria ?

Des Garennes arregalou os olhos e disse :

— Sim, lembro-me..... mas não he possivel !...... Vmc. tratou-o como caixeiro inferior...

— Precisamente.

— Peior ainda ! accrescentou Mr. Des Garennes, como servo.

— Justamente !... Aquelle Robinson he um original... No caminho teve a phantasia de inverter os papeis e de passar por meu subordinado.

A castellãa ouvira attentamente e em silencio ; depois dirigindo-se ao marido disse :

— Somente resta fazer uma cousa, meu amigo, he tomar a carruagem e correr á hospedaria.

— Para busca-lo ?... interrompeu Stephen Williams detendo Des Garennes que já tinha-se levantado, não aconselho tal cousa !

— Então porque ?

— Quem sabe se elle está ainda na hospedaria ?

— Na duvida convém apressar-se... insistio a castellãa.

— Ouçam-me, tornou o Americano, Peter Bristol he mui simples e mui franco, mas seus principaes caixeiros são principes !... Robinson não gosta do zelo, e foi para evitar certas demonstrações muito obsequiosas que tomou esse humilde papel.

Como vio que Des Garennes hesitava ainda, accrescentou recostando-se de novo na poltrona :

— Vá, se quizer, pela minha parte zombo delle !... Com effeito, esse Robinson he brutal ; mas ninguem morre de uma sova de chicotadas !

Mr. Des Garennes estava em pé como tolo diante da mulher, a qual não dizia mais nada. Seja qual fôr a idéa que o leitor tenha feito do castellão e da castellãa, he certo que essa ameaça indirecta de chicotadas ultrapassava os limites da mais estouvada phantasia.

Peter Bristol escolhera de proposito um embaixador de especie tão terrivel, ou esse subalterno insolente tomava a liberdade de fazer uma mystificação ?

Emquanto o marido e a mulher, ambos muito embaraçados, formavam uma especie de conselho mudo, Stephen Williams tornou com franqueza :

— O melhor he ficar tranquillo ; creia-me, vossa senhoria verá sempre esse Robinson, talvez brevemente. Assente-se e conversemos sobre um negocio de que lembrei-me agora... Não he grande cousa, e se eu não aproveitasse a occasião, certamente me esqueceria delle... Olá, tenho interesse em não esquecê-lo.

(*Continuar-se-ha.*)

(*) Vide *Diario* n. 7.

MUTILADO

ILEGÍVEL

Felix, pardo, filho de Maria Francisca da Conceição, 2 annos, (caridade.)
Feliciano, branco, filho de Manoel Raymundo Penaforte, 3 annos.
Manoel, pardo, filho de Antonio Martins, 8 dias.
Joaquim, crioulo, escravo de Manoel Martins de Araujo Castro, 20 annos.
Thomazia, parda, exposta, 13 dias, (caridade.)
Manoel, pardo, exposto, 2 dias (caridade.)
José, pardo, filho de José Esteves do Nascimento, 2 annos.
Leocadio, crioulo, escravo de José Ignacio Xavier, 1 anno.
Lourenço, pardo, escravo de Francisco Correa de Barros, 18 annos.
Maria, branca, filha de José Rodrigues da Silva Braga, 19 mezes.
Francisco, pardo, exposto, 3 annos (caridade.)
Francisco, branco, filho de José Rodrigues da Costa, 6 mezes.
Matheos, Africano, escravo de Joanna Francisca de Jesus, 55 annos.
Manoel, pardo, filho de Luiz Martins da Costa, 18 mezes.
Aurea, branca, exposta, 3 mezes, (caridade.)
Manoel Tavares, Africano liberto, cazado, 70 annos.
Maria Magdalena da Paz, branca, solteira, 42 annos.
Um parvulo, (ignora-se,) (caridade.)
Maria, branca, filha de Anna Maria da Conceição, 3 mezes (caridade.)
Jerimias de Sena da Porciuncula, pardo, solteiro, 20 annos.
Paulina, crioula, filha de Rita Maria do Rosario, 7 mezes, (caridade.)
Barbara, branca, exposta, 4 annos (caridade.)
Manoel, branco, exposto, 6 dias, (caridade.)
Severiana Elanteria da Silva Mello, crioula, liberta, solteira, 24 annos.
Joaquim José de Abreu, branco, cazado, 95 annos.
Jose, crioulo, cazado, escravo de Joaquim de Deos Baptista, 50 annos.
João, pardo, filho de João José de Lima, 2 annos.
Antonia, parda, exposta, 12 dias, (caridade.)
Theodora, parda, exposta, 3 mezes (caridade.)
Antonio, branco, filho de Antonio de Souza Mattos, 8 mezes.
João, pardo, filho de Maria Eufrosina da Conceição, 8 dias, (caridade.)
Antonia Tavares Sarmento, branca, viuva, 70 annos.
Anna Francisca do Nascimento, parda, cazada, 44 annos.
Alverina, branca, exposta, 1 anno, (caridade.)
Benedita Maria da Conceição, crioula, solteira, 50 annos, (caridade.)

Leonardo João Grego, prioste.

Communicados.

O DIA 8 DE DEZEMBRO NA COLONIA DE PIMENTEIRAS.

Furtar-se as mais patentes manifestações de regozijo, quando um acto caracteristico de civilisação se manifesta, será uma culpa indelevel que manchará a vida do homem patriota; porque sendo aquella a divisa mais nobre de uma nação, só o homem sem patriotismo e sem religião podera ser indifferente ao engrandecimento da mãi patria que o vio nascer.

A religião igualmente necessaria á intelligencia e ao coração; a religião, que dá soluções a problemas que a razão por si não poderia resolver; a religião que põe um freio poderoso ás paixões criminosas, que reina nos corações para aplacar os odios e as dissenções, e nas familias para nellas se manter a paz e os bons costumes; que alimenta no rico a humanidade, no pobre a resignação, no magistrado a inteireza, nos povos a obediencia, e em todos a probidade, pelo que he a salvaguarda das sociedades, assim como dos individuos; a religião, em fim, que contem e consola o desgraçado, que lhe prepara a morte, que lhe abre o céo, he incontestavelmente a bussola infallivel do progresso da civilisação.

He esta uma verdade consagrada pelos seculos, recommendada pelos mais illustres philosophos, e que por certo atravessará todas as gerações.

Ja Platão havia dito: *Religio vera est firmamentum reipublicæ*, a verdadeira religião he o fundamento da republica.

A religião, diz Tito Livio: « Depois de ter unido os homens em sociedade, he só quem mantem entre elles a paz e a ordem social, como verdadeira doutrina fundada na santa e indestructivel maxima do Evangelho de Christo.

A irreligião, diz Seneca, he para a nação a fonte de todas as desordens, assim como ao contrario, a religião vem a ser a fonte de todas as prosperidades.

Plutarco diz: « Que seria mais facil edificar uma cidade nos ares, do que fundar uma sociedade civil sem religião.»

Mostesquieu, fallando da religião, diz: « Quando fosse inutil, que os subditos tivessem uma religião, não o seria que a tivessem os principes, e que embranquecessem de escuma o unico freio que podem ter aquelles que não receiam as leis humanas; e era pelo mesmo motivo que Machiavel dizia, que se a affeição ao culto divino he a garantia mais segura da grandeza de um estado, o desprezo da religião he a causa mais certa de sua decadencia.

Não podemos ainda deixar de mencionar um importante trecho do Sr. conselheiro Bastos a este respeito.

« A religião, diz este sabio escriptor, unica base segura da ordem, da justiça e da liberdade deve ser o principio de toda a organisação social, deve ser as estrella que constantemente no guie: e quem sabe se os homens auxiliados ou mesmo impellidos por uma graça especial do Senhor, no silencio, ou na ausencia de todas as paixões, lançando mão dessa base, deixando-se possuir inteiramente desse principio, marchando sempre á luz dessa estrella, chegarão um dia onde nunca tem podido chegar? Quem sabe se eram como os Magos; que depois de haverem costeado as extensas praias do Eufrates, atravessando os ardentes desertos da Syria, subindo os montes alcantilados de Hermon, chegaram finalmente, conduzidos por uma estrella mysteriosa, ao lugar em que o *Filho de Deos* havia nascido de uma Virgem, para operar a redempção do mundo? »

Logo os monumentos e as manifestações de regozijo que attestem a grandeza e magnitude da religião serão provas irrefragaveis do aperfeiçoamento e do progresso da civilisação. O christianismo a ultima expressão da verdade, a mais tocante, a mais sublime, essa religião toda de paz, de mansidão, de doçura e d'amor, extendendo suas augustas azas, afim de que a tocha da fé expandindo seus raios luminosos nelles refractados, voasse d'uma extremidade do mundo a outra, e podesse assignalar a pureza e veracidade de suas doutrinas, cada dia conta (cousa prodigiosa) maior numero de proselytos, não obstante as grandes perseguições porque passou: os factos materiaes e moraes multiplicando-se aos milhares vem em demonstração de seu engrandecimento e brilhantismo.

Elle nos apresente a pureza immaculada da Virgem Mãi de Deos potente, essa Mulher mortal, na phrase d'um grande escriptor, tornada immortal mãi d'um *Deos* redemptor; esta Maria ao mesmo tempo virgem e mãi, os dous estados mais nobres e divinos da mulher inconciliaveis na humanidade, mas perfeitamente percebidos com a graça de *Deos Padre*, esta filha do antigo Jacob, que vem em soccorro das miserias humanas, e sacrifica um filho para salvar os descendentes de seus pais, esta meiga e terna medianeira entre nós e o *Eterno*, a qual abre com a doce virtude de seu sexo um coração cheio de piedade as nossas tristes confidencias, e desarma um Deos offendido, como um de seus mais ricos mysterios, como um dos seus mais sublimados dogmas: dogma encantado, exclama Chateaubriand, que modera o terror d'um Deos, interpondo a belleza entre nosso nada e a magestade divina! Por tanto esta mulher escolhida, pura e virgem mesmo durante e depois da Conceição de *Deos Filho*, necessariamente virtuosa, cheia de bondade e graça pela eleição do Deos Padre, e santificada pela obra do Espirito Santo, deveria deixar immaculado o ventre que o concebeu; e assim a Conceição da Senhora Mãi de Deos Salvador fôra uma obra mysteriosa do poder do Altissimo.

O dogma da Immaculada Conceição, proclamado o anno passado em Roma pelo santo padre Pio IX. foi ainda um triumpho que obteve o Christianismo contra seus inimigos.

A Virgem da Conceição, padrocira do nosso imperio, he com effeito faustamente festejada pelos fieis em geral que unisonos a consideram como *refugium peccatorum et consolatrix afflictorum*, e que a reputam toda bondade, toda compaixão, toda indulgencia.

Foi debaixo da impressão destes principios que desde a infancia se acham arraigadas em nossa alma, que vimos ha pouco nesta colonia se lhe erguer um novo sacrosanto monumento, uma Igreja provisoria cuja capacidade he de 350 a 400 pessoas em quanto se não acaba a matriz.

Foi ainda debaixo das mais vivas emoções e da mais completa satisfação que vimos neste canto do mundo tambem solemnisada e festejado no dia 8 do corrente a Senhora da Conceição tambem padroeira de nossa colonia.

A madrugada do dia 7 raiou com signaes precursores de uma grande festividade; houve missa, benzeu-se a bandeira da Senhora da Conceição com a sua effigie benzeu-se a propria Imagem; numeroso povo calcava este solo outr'ora inhabitado.

A' noite teve lugar uma rica vespera, a materia combustivel em ignição, os fogos artificiaes oscillando o ar, e a musica marcial, vinda do Bonito tremulando harmoniosamente a atmosphera, excitaram a embriaguez dos animos; alegria indizivel, contentamento intimo que dominavam os corações dos habitantes deste lugar, annunciavam um grande dia de festa, de regozijo e de satisfação.

O céo azulado e limpido do dia 8, cuja aurora com purpureo e encantador arrebol felicitára a humanidade, apresentava um quadro magnifico e extasiador.

Uma pleiada de jovens de ambos os sexos, gente de todas as idades, de todas as condições, do Bonito, Altinho, S. Benedicto, Capoeiras, Agua-Preta e outros lugares circumvizinhos affluiam por todas as veredas e de todos os lados de uma maneira nunca vista, com o nobre fim de festejarem e adorarem a Senhora do dia, que vive sempre no coração dos christãos. A igreja e sua competente sacristia estavam cheias: uma festa esplendida e brilhantissima tivera lugar: houve missa cantada, sermão, musica marcial, guarda de honra, balões, girandolas de foguetes que crepitando nos ares echoavam o prazer que dilatava os corações de numeroso povo.

O mui digno e jamais esquecido director desta colonia, o bravo capitão José Gomes de Almeida, a quem realmente se deve todo o brilhantismo de tão louvavel solemnidade, porque fora elle quem fizera construir a igreja provisoria, quem fizera aprompiar uma bandeira com a effigie da Senhora e a sua imagem, quem envidando todos os esforços fizera vir de outros lugares musica, etc., apresentou depois da festa duas longas mesas que com appetitosos acepipes offereciam um lauto jantar, uma ás pessoas mais gradas, que vieram á festividade da Padroeira da colonia; outra situada no grande barracão, aos soldados colonos e ao povo.

A' noite apinhada a igreja de assistentes com esplendido *Te-Deum* deram-se graças á Virgem da Conceição. Findou-se a festividade com fogo artificial: os estrepidos das girandolas, e os vivas patenteavam o jubilo e o contentamento de que se achavam possuidos os habitantes deste lugar.

Reinou em todo este dia a maior ordem, alegria e enthusiasmo, só se ouviam os vivas ao digno e Exm. Sr. presidente da provincia, o Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, ao distincto e sempre lembrado capitão Gomes, como director da colonia, ao vice-director, á todos os Pernambucanos emfim.

Assim não podemos deixar de tecer os devidos elogios ao Sr. capitão Gomes, a quem devemos mais esta prova demonstrativa do progresso da nossa religião e da nossa civilisação.

Continue o Sr. capitão Gomes a praticar iguaes actos de patriotismo e de religião que immortalisará sua vida neste mundo e receberá do bom Deos o devido premio de suas boas acções.

Um Bonitense.

A MACHINA DE DESCAROÇAR ALGODAO' DO SR. JOSÉ DA MAIA.

Acabamos de analysar a nova machina de descaroçar algodão, inventada pelo Sr. José da Maia, e francamente exposta pelo mesmo senhor as vistas do publico desta cidade em casa dos Srs. Gouvea & Leite.

Não he sem alguma violencia, que mencionamos aqui o nome do Sr. José da Maia, não porque deixemos de acatar o seu genio eminentemente emprehendedor, e admiravel tenacidade de espirito, tanto mais louvavel, quanto ja por vezes contrariada pelos desfavores da fortuna e pelos azares da sorte; reconhecemos porem, que o seu nome baldo do prestigio de uma infallibilidade pratica em seus inventos, pode talvez incutir na actualidade suspeita, ou descrença relativamente ao merito e valor do seu novo achado artistico, e comprometter assim a prosperidade da industria a que se refere. Mas ainda bem que he só o povo, quem placidamente se deixa acorrentar ao poste das primeiras impressões, e não he para o povo, que nós escrevemos; escrevemos, sim, para os homens entendidos unicos, que podem aquilatar o valor deste novo e importante achado tão estreitamente ligado a uma das principaes riquezas da provincia, e do imperio. Julgamos a questão de um interesse capital para a nossa industria; por isso posto que estranha a conhecimentos professionaes decidimo-nos aventurar algumas reflexões nesse sentido.

A machina de descaroçar algodão do Sr. José da Maia he um perfeito authomato de forma irregularmente cubica, apresentando exteriormente em uma das suas faces lateraes, uma manivela, e na sua face superior um caixão destinado a receber o algodão bruto. O movimento communicado á manivela dá em resultado immediato a desnudação do caroço ou semente, e a collecção da lãa em receptaculo proprio. He extremamente difficil pintar descriptivamente um apparelho qualquer por maior que seja a sua simplicidade, e faze-lo por tal arte comprehender perfeitamente. As melhores descripções não valem um simples volver d'olhos sob. e o apparelho, como porem este recurso não se ache talvez ao alcance de todos, daremos uma descripção, posto que muito succinta, das suas diversas partes componentes.

Consta a machina de descaroçar algodão do Sr. José da Maia, primeiro, de uma fita ou facha continua de couro, guarnecida por uma das suas faces, (a que olha para o deposito do algodão), de pequenos colchetes de ferro, e tendo dous movimentos; um de ascensão, outro de descida; o primeiro conserva-a em contacto permanente com o deposito; o segundo com: — segundo, dous pequenos cylindros de ferro de pequeno diametro, sobre-postos um ao outro, e girando sobre seus eixos, e no mesmo sentido: terceiro, duas escovas parallelas a estes; quarto, um percussor de ferro, collocado fronteiramente a facha de couro, o qual por um movimento continuado de vai-vem a fere de quando em quando com pequenas pancadas.

Agora o trabalho.

Lançado o algodão dentro da cavidade do deposito, cumpre somente imprimir a manivela o seu movimento de rotação. Este propaga-se immediatamente a todas as demais peças da machina por meio de fios de communicação. A facha de couro roçando então pelo deposito do algodão em seu movimento de ascenção traz comsigo presos aos colchetes de ferro uma quantidade de caroços proporcional ao numero daquelles até que os entrega aos cilyndros, os quaes em rapido movimento os absorvem, e despojam do seu involucro, cahindo de um lado a lãa, do outro a semente nua.

As outras peças do apparelho satisfazem a' medidas preventivas, por exemplo: a facha de couro em seu movimento de ascenção podia carregar uma porção de algodão superior ás forças e capacidade dos cylindros; dahi o affrontamento inevitavel da machina, lá está, porem o regulador attento e vigilante (n. 4) o qual de quando em quando por meio de pancadas sobre a facha sacode o algodão excedente. Podia acontecer tambem, que a lãa depois de ter esperimentado a compressão dos cylindros, e attrahida pela rapidez dos movimentos destes (tendesse a acompanha-los, e a insinuar-se de novo no espaço de recepção depois de os ter costeado. Isto embaraçaria consideravelmente o movimento ulterior da machina; lá estão porem as escovas (n. 3), que defendem a passagem de qualquer corpo pelo dorso dos cylindros. Ainda podia acontecer, que a semente ja despida do seu involucro por incidente conseguisse abrigar-se no pequeno espaço triangular — de recepção — aberto entre os cylindros, e demorar-se ahi, embaraçando assim a passagem ao novo algodão, que chega; uma mão artificial porem collocada na facha de couro entre as fileiras dos colchetes, compellindo para baixo tudo quanto encontra nesse espaço, responde pela liberdade constante desse ponto.

Ja se vê, que tudo foi previnido pelo inventor da nova machina de descaroçar algodão. Restava somente, que a pratica sanccionasse o bom desempenho de todas essas previsões. A este respeito diremos, que a vimos funccionar e ficamos satisfeitissimos da regularidade do seu trabalho.

Ignoramos até que ponto o Sr. José da Maia esta informado dos diversos processos, e apparelhos até hoje empregados no descaroçamento do algodão. Em quanto a nós apenas conhecemos dous propriamente ditos: o processo ou apparelho dos *fusos*, ainda hoje usado nos nossos sertões, e a machina de Whitner, por meio de *serra*, usada nos Estados Unidos. A pratica defeituosissima e informe de descaroçar o algodão malhando-o com varas de páo, ou sugeitando-o a compressão alternativa de um grande cylindro de madeira, pratica ainda hoje usada em alguns districtos da India, não merece, que se lhe deem as honras de processos regulares, tanto pelo seu grande despendio como pela má qualidade do educto. O processo dos *fusos*, se escapa a segunda pecha pecca na primeira; e a mesma machina Whitner apezar da sua maior perfeição não he com tudo muito mais feliz; escapa ao primeiro defeito, mas não está livre do 2.º porque o algodão assim descaroçado he violentamente quebrado, o que diminue muito o seu valor, 25 por cento menos em relação ao tratado pelo processo dos *fusos*. E no entanto, (facto notavel!) antes da invenção de Whitner, isto he até 1793, não consta, que os Estados Unidos exportassem algodão, no anno subsequente ao apparecimento da machina a exportação do algodão nos Estados Unidos apresentou a cifra assombrosa de 1:601,760 libras; e no anno seguinte (1795) subio a 5:276,300. No anno de 1841 foi de perto de 600:000,000. Tal he a influencia da perfeição, economia e facilidade nos processos d'arte sobre o acrescimo da materia prima offerecida a industria pela agricultura! Posto isto he logico concluir, que a machina de descaroçar algodão do Sr. José da Maia deve trazer um melhoramento consideravel e um acrescimo avultado na producção e valor do algodão do Brasil, porque se uma machina eivada de um tão grande defeito como he a machina de Whitner, fez por tal modo avultar a producção do algodão nos Estados Unidos, a machina do Sr. José da Maia sendo indubitavelmente muito mais perfeita e superior deve tambem trazer ao Brasil grandes e consideraveis vantagens.

Dando porém de barato, que a cultura do algodão no Brasil fique ainda por algum tempo em virtude de outras circumstancias entorpecida ainda assim vai a machina do Sr. Maia prestar ja um grande serviço as provincias, que se dão a cultura do algodão serviço extraordinario, quasi incalculavel, porque tomando para termo de comparação so a provincia de Pernambuco, onde a exportação annual do algodão regula por 100,000 arrobas, vai ella prestar ja a esta uma economia de cerca de.... 100,000$, regulando a 1$ por arroba, como actualmente regula, o despendio do descaroçamento.

Se nos não illudimos em nossas esperanças um lindo futuro de florescimento e prosperidade aguarda o porvir deste ramo importante da nossa industria, cumpre porem, que o facto se leve a evidencia em grande escala, pela menos como ensaio experimental, e pensamos, que o governo não deve ser estranho a uma tal tentativa.

Recife 7 de janeiro de 1856.

Correspondencia.

Srs. redactores.—Peço lhes a publicação da carta, que lhes remetto com as presentes linhas, pela qual se vê ter-se desenvolvido o cholera em a villa de Cimbres, tendo até 2 do corrente perecido 8 pessoas, principiando a peste a 24 do passado, havendo muitas pessoas accommettidas. A carta he do vigario da freguezia, que nesta data officia ao governo pedindo providencias e soccorros. Muito agradecemos ao Exm. Sr. presidente da provincia a providencia, que tomou fazendo sahir para aquelle termo o Dr. Olegario Cesar Cabossú com alguns soccorros, e 600$000 reis, mas he do nosso dever como filhos de Cimbres, e conhecedores das localidades lembrar a S. Exc. que sendo a villa de Cimbres o lugar onde primeiro está se desenvolvendo a molestia, e o mais populoso, por ser a villa em cima da serra do Urubá, que pela sua fertilidade contem em si a maior força da população, alli deve o Dr. Cabossú fixar sua residencia com os soccorros e ambulancia, e não dentro da villa de Pesqueira, que apenas he habitada pelas autoridades, e poucos individuos, a quem não faltam recursos, não tendo ainda alli apparecido a molestia, segundo nos consta. Acrescendo a razão de distar Pesqueira de Cimbres 4 a 5 legoas ficando Cimbres em cima da serra, onde está tambem o aldeiamento dos Indios, e onde está a molestia em todo o seu vigor; e a não haver essa providencia tornam-se inuteis os soccorros enviados. Accreditamos que o Sr. Dr. Cabossú, e o digno delegado do termo o Sr. Dr. Miguel Archanjo, independente de ordem do governo assim procederão; mas julgamos não obstante do nosso dever lembrar nos essa medida tão necessaria a população miseravel daquelle termo. Pela publicação destas linhas muito ficará obrigado o seu constante leitor.

Illm. Sr. commendador João Leite de Terres. Douthe a infausta noticia, que desde o dia 24 existe entre nos o cholera, foi a festa e bons annos que tivemos, ja tem ceifado oito vidas, e existem grande numero doentes, e continuam a cahir, tudo está sem recurso algum por falta ao menos de medicamentos para acudir de prompto aos enfermos, que estão morrendo a mingoa, neste momento officio ao governo pedindo soccorro para o presente mal; V. S. faça o possivel de sua parte para se conseguir algum soccorros para esta pobreza desvalida, e sem abrigo nesta altura, ha tambem grande necessidade de alimentos, o açude ja secou de todo, nem limão ha por causa do forte verão. Adeos.—Seu amigo—O vigario José Mathias Ribeiro.

Cimbres 2 de janeiro de 1856.

Litteratura.

JOAO' JACQUES ROUSSEAU, SUA VIDA E SUAS OBRAS.

Discurso sobre a desigualdade das condições.

I

Porque ha ricos e pobres, grandes e pequenas? Porque não temos todos nós o mesmo fim e a mesma sorte? Terrivel pergunta esta que em nossos dias de aborrimento e martyrio dirigimos a Deos e á sociedade, e que faz ora atheos e ora revolucionarios; questão dolorosa que os indulgentes e os bons se propõem tambem quando veem seus semelhantes soffrerem, e que para elles he um mysterio divino, do qual sem procurar penetrar-lhe a profundeza, elles tentam por seus beneficios abrandar-lhe o rigor. Mas quer venha da inveja e da cobiça, quer da curiosidade ou mesmo de um sentimento de justiça, a questão da desigualdade das condições humanas esta no fundo de todas as queixas e duvidas do homem; ella irrita os invejosos, inquieta os curiosos, afflige os bens. So o egoista he que acha que tudo esta na ordem natural, quando a desigualdade he em seu proveito.

Porque as condicções humanas são desiguaes? Diz Rousseau. Porque o homem se desenvolve, e sobretudo se desenvolve na sociedade. «Sendo a desigualdade quasi nenhuma no estado da natureza, ella tira sua força e seu crescimento do desenvolvimento de nossas faculdades e dos progressos do espirito. Na sociedade, com effeito, as faculdades do homem teem mais occasiões e probabilidades de se desenvolverem que na solidão. Uma vez que o homem esta em relação com seus semelhantes, elle se engenha, considera; compara e mede; ha fortes e fracos, habeis e tolos, bons e máos; ha quem preveja que, se elles derrubam a arvore para terem o fructo, só o colhem uma so vez, se ao contrario deixam viver a arvore e mesmo se a cultivam, tem fructo todos os annos. Esta unica reflexão crea ja entre os homens do mesmo paiz uma desigualdade espantosa, mas tambem esta reflexão não acode ao homem no estado da natureza: e só aquelle que ja sahio do estado da natureza.

O que he, pois, este estado de natureza onde nenhuma reflexão, nem desenvolvimento algum do espirito vem perturbar a igualdade primitiva? O estado de natureza existio elle em alguma parte? Os philosophos do seculo decimo-oitavo fallavam muito do estado de natureza sem que investigassem bem o que he, e o figuravam uma idade de ouro, que oppunham a sociedade. Rousseau abstem-se bem de adoptar este estado de natureza inventado por philosophos que elle se apraz em contestar; elle nega ousadamente que tenha jamais existido em parte alguma um estado de natureza. Mas se a igualdade não existe senão no estado de natureza, e se este estado nunca existio, o que vem a ser a igualdade tão chara a Rousseau? E por isso Rousseau, depois de haver distruido o estado de natureza dos philosophos, apressa-se a refazer um outro, isto he, o estado do homem natural. Este procedimento, notemo-lo de passagem, he o favorito de Rousseau. Ninguem mais habil e mais activo para destruir os systemas dos outros e substitui-los pelos seus, sem que na essencia haja grande differença entre o systema que elle distrue e o que crea.

Nada de estado de natureza, he uma chimera que nunca existio; mas podemos imaginar o que seria a natureza do «homem abandonado a si mesmo.» O homem natural, eis pois a hypothese que Rousseau substitue ao estado de natureza. Vejamos se a hypothese vale mais que a chymera. Uma não existio; a outra póde existir? Tal he a questão. Aqui João Jacques nos põe a nossa vontade. O dialectico aparta com tanto cuidado todas as idéas e todas as acquisições que vem de uma outra origem que *da natureza do homem abandonado a si mesmo*, que elle acabou por tornar seu homem natural tão impossivel como o estado de natureza he chymerico; mas esta impossibilidade não inquieta a João Jacques Rousseau: elle se contraria valentemente, mais orgulhoso da sua força dialectica para reduzir o homem natural a sua propria expressão do que molestado, do damno que esta conclusão deve fazer a sua doutrina. Elle aferra-se mais a sua logica que a sua causa.

Esta logica he admiravel na selecção que ella faz entre o que o homem recebe da natureza e o que recebe da sociedade; só depois de chegados ao fim desta escolha he que se fica terrorisado do pouco que he o homem natural. Mas este terror he mesmo um serviço que Rousseau presta a sociedade. Ha com effeito duas doutrinas que lutam desde muito no mundo: uma crê que o homem pode tudo tirar do seu proprio genio, sua moral, seu governo, leis, linguas, artes, industria, a sociedade emfim; a outra ao contrario crê que o homem recebeu do mesmo Deos não só o poder de crear a sociedade, as linguas e as instituições, como ainda recebeu a sociedade mesma, isto he, a linguagem e a lei, e que he desta sociedade primitiva e divina que dirivam-se as diversas sociedades que vemos sobre a terra. Leva-i até o fim a doutrina que faz a sociedade de instituição homana: e então o homem tem feito tudo, tambem póde todo desfazer. Elle fez as leis, elle as póde desfazer, fez os governos, os póde desfazer: elle fez a familia, a propriedade, a religião, tambem as póde desfazer. Tudo lhe he sujeito; nada de regras invariaveis, nada de direitos primordiaes. Nós somos, o que as leis, que estabelecemos, nos fazem. A ordem social com esta doutrina depende de um escrutineo. Apurai pelo contrario a doutrina de que a sociedade he de instituição divina: todo o innovador he um sacrilego, todo melhoramento he uma impiedade, toda assembléa legislativa um conciliabulo de hereticos. No decimo-oitavo seculo em que o homem estava em caminho de proclamar sua soberania e de desligar-se de Deos, era prestar serviço a sociedade mostrar ao homem o pouco que elle he abandonado a si mesmo.

He verdade que Rousseau queria provar ao mesmo tempo que esse pouco que o homem natural he vale mais que o homem civilisado; porem que importa a conclusão do philosopho? Qu'importa que elle chegue ao erro passando pela verdade? Não somos senhores de pararmos onde finda a verdade e começa o erro.

« Considerando o homem, diz Rousseau, tal como devera sahir das mãos da natureza, eu vejo animal menos forte que alguns, menos agil que outros, porem, no todo, organisado o mais vantajosamente de todos (1). » Sim, o homem he o animal o mais vantajosamente organisado de todos; mas, tomai sentido, que o que constitue a superioridade de sua organisação, he que elle he capaz de reflexão e de raciocinio. Ora, se elle reflecte e raciocina, está tudo perdido: apenas sahe do estado de natureza, a desigualdade começa, de tal sorte que o homem, que não tem a faculdade de reflectir para compensar sua falta de força e de agilidade em face dos outros animaes, não pode usar dessa faculdade sem arriscar immediatamente esta igualdade primitiva que João Jacques Rousseau toma tanto a peito.

Esta necessidade que tem o homem de reflectir, porque a reflexão he o dom particular de sua organisação, essa necessidade he as syrtes em que Rousseau vem a cada momento encalhar; porquanto por mais que faça, seu homem natural não pode olhar, andar mover os braços, nem comer, sem reflectir.

Tudo lhe desperta a reflexão, tudo a ella obriga. Vêde a discripção que faz Rousseau das primeiras acções de seu homem natural.

« A terra, diz elle, entregue a sua fertilidade natural e coberta de immensas mattas virgens de machado, offerece a cada passo provisões e asylos aos animaes de toda a especie. Os homens dispersos por entre elles observam, imittam-lhe a industria e sobem até ao instincto das féras, com a vantagem que cada especie só tem o seu instincto proprio, e que o homem, não tendo algum que lhe pertença, apropria-se de todos, alimenta-se igualmente da maior parte dos nutrimentos que a outros animaes se partilham, e por conseguinte acha sua sobsistencia mais commodamente que não pode fazer nenhum dos outros animaes.»

Sim, como o homem não tem instincto que lhe seja proprio, pode appropriar-se do dos differentes animaes; mas em virtude de que e como pode o homem fazer essa appropriação?

Por sua razão, por sua reflexão. Que trabalho intellectual o de observar em cada animal a qualidade que lhe he propria e que pode ser util ao homem, accommoda-la á nosso uso, e sobretudo, e he esse o ponto mais difficil e mais delicado, transformar em sciencia o que só he um instincto! Avista da profunda differença de força e de processo que ha entre o instincto dos animaes e a sciencia humana, pode-se grandemente duvidar de que a imitação dos animais podesse ajudar o homem a inventar as sciencias. Fôra-lhe mais breve e mais facil o crea-las pelo esforço espontaneo de sua intelligencia, se he real que o homem tenha elle mesmo inventado suas artes e suas sciencias, do que imita-las dos animaes e partir do instincto para chegar a sciencia.

Isso não he tudo: quando Rousseau falla da fertilidade natural da terra, o que quer elle dizer? Será uma fertilidade util e alimenticia, ou uma fecundidade incommoda e parasita? Abandonada a sua fertilidade natural, sem o soccorro e direcção da cultura, a terra se cobre de hervas inuteis e damnosas, do que de messes nutritivas. (2)

A terra tem necessidade do homem como este della. O homem que, para viver, esperasse na fertilidade natural da terra correria o risco de bem depressa morrer de fome; o homem cultivará pois a terra; mas então tudo ainda esta perdido. Cultivar, he reflectir, he prever, he raciocinar, e mais que não sei? Demais, para lavrar, he preciso o ferro; a agricultura, primeiro perigo, nos conduz á metallurgia, segundo perigo. « Para o poeta, diz Rousseau, foram o ouro e a prata, mas, para o philosopho, o ferro e o trigo que civilisaram os homens e perderam o genero humano. »

Assim o homem não pode aproveitar-se de sua organisação mais vantajosa que a dos outros animaes senão com a condição de reflectir; porem se reflectir, então, segundo Rousseau, o homem sahe do estado natural: esta perdido: não mais igualdade possivel, e, uma vez perdida a igualdade, todos os males da civilisação chegam. Rousseau não hesita sobre este ponto: elle prefere muito o homem natural ao homem civilisado, e, para que não accusem-no de abrandar ou de dissimular sua conclusão, chega, sem se fazer rogar a seu famoso aphorismo: « O estado de reflexão he um estado contrario a natureza, e o homem que medita he um animal depravado.»

Se o homem que reflecte he um animal depravado, o homem que não reflecte he um animal impossivel. Que fazer, pois?

Eu sei bem que Rousseau procura cobrir o rigor de seu aphorismo dizendo: « Se a natureza nos destinou a ser sadios, a reflexão he um estado contra a natureza. » Mas que quer isto dizer, que o homem não tem neste mundo outra cousa a fazer senão passar bem? O estado de natureza não he outra cousa mais que a saude? Neste caso o aphorismo de Rousseau parece-se muito ás prescripções de certos medicos: Se quizerdes gozar saude não penseis muito. Tendes cuidados, esquecei-os; tendes pezares, nelles não cuideis. Não vos inquieteis nem por vossa familia, nem pelos amigos nem pelos vossos negocios; não vos porfieis senão em bem digerir, eis o importante:

Os medicos depois de longo tempo observam que a alma e o espirito, uma com suas paixões e o outro com suas reflexões, arruinavam o bom estado do corpo, que a lamina gastava muito a bainha, e, como elles são encarregados de entreter a bainha, queixam-se dos abalos da lamina. Elles acham que a machina iria muito melhor, se andasse toda só, e elles supprimiriam de bom grado o máo habito que temos de pensar. Mas que? não pensar, não será approximar-se da imbecilidade? Os medicos nos respondem com nossa descripção: « Oh! assegurai-vos, que pensareis sempre assás. » Rousseau vai mais além: « Pois bem! quando mesmo não pensasseis, onde estaria o mal?

A imbecilidade não he uma desgraça tão grande, e aquelle foi um ente bemfazejo que primeiro sugerio a um batante das praias do Orenoco o uso dessa pranchas sobre as fontes de seus filhos e que lhe asseguram pelo menos uma parte de sua imbecilidade e de sua original felicidade. »

A saude e a imbecilidade, eis o estado natural. Um imbecil, com saude, eis o homem natural: na verdade, quando separais com uma logica rigorosa tudo que o homem tem da sociedade, chegais por fim de contas ao selvagem inerte e imbecil. Entretanto esse selvagem, á despeito de sua inercia, será agitado por alguma cousa; terá desejos e temores; haverá para elle bens e males; sim, eis os desejos do selvagem « desejos que não passam de suas necessidades physicas; os unicos bens que elle conhece no universo, são o alimento, uma mulher, e o repouso; os unicos males que teme são a dor e a fome.» *Ecce homo!*

Não posso deixar de citar aqui uma anecdota.

Madamoiselle Quinault, atriz da Opera recebia em sua casa os philosophos e os grandes senhores do XVIII seculo. Elles vinham ceiar com ella, e apenas os famulos sahiam, começava então entre os homens do mundo e os de lettras a conversação a mais livre e mais animada que se pode imaginar. Leis e religião, governo e culto, tudo era porfiadamente atacado. Ora, uma noite que se dilacerava a Deos o papa, os reis, o clero, os magistrados, e que só se poupava o tenente de policia, que obsta a que a boa companhia seja roubada, e não tenha mais de que dar á ceiar, pozeram-se, no fim, a fallar do prazer e da felicidade. O que he o prazer? O que he a felicidade? « Senhores, exclama Duclos, um dos convivas, he absurdo discutir sobre uma cousa que está nas mãos de todos. He-se feliz quando se quer ou se pode. Eu não vejo...— Fallai para vós a quem para sê-lo, não ha mister senão do pão, queijo e da primeira Venus « lhe responde Madamoiselle Grinault. (3)

O alimento, uma mulher, o repouso, eis a felicidade do homem segundo a natureza; pão, queijo, e a primeira venus, eis a felicidade do homem, segundo a philosophia do seculo XVIII e explicada em resumo por Madamoiselle Quinault. Singular semelhança e plena de ensinos! Sim, quando a civilisação começa, se ella começa nas florestas, como o pretende Rousseau, ella começa pelos brutaes desejos e as grosseiras necessidades do selvagem; mas logo essas necessidades e esses desejos se regram e se purificam, mais tarde até elles tomam outros nomes, nomes doces e sagrados.

A comida torna-se o banquete do lar domestico, a mesa hospitaleira onde os deoses são invocados e onde elles presidem, onde qualquer que assentar-se he um hospede e um amigo. Este terrivel nome de mulher desapparece diante do nome gracioso e santo de esposa, e do nome terno e sagrado de mãi de familia. Quando depois de um largo gozar desses queridos e sagrados bens, a civilisação deixa corromper os costumes ou alterar os sentimentos dos homens, então como que para punir as nações e os individuos, o homem retrogarda aos grosseiros dezejos e as necessidades grosseiras de seu começo, e termina como principiou. Triste condição das sociedades ou do homem, que tendo umas cançado as leis e suas instituições, outras pervertido a idéa da regra e do dever, e chamando isso não ter prejuizos, regressa a barbaria pelo requinte! Existem, ai! dous estados de natureza ou dous homens naturaes, um que Rousseau inventa e pinta, mas deste ao menos tenho o direito e a felicidade de duvidar, e creio que nunca existira em parte alguma; o outro he aquelle que produz a corrupção do caração e do espirito humano, quando o homem, rejeitando toda a lei e todo o dever, abandona-se a si, a suas paixões a seus instinctos, sem escrupulo e sem recato, e só para satisfazer seus apetites brutaes. Este he o verdadeiro estado de natureza, e não o procureis nas divizas: elle existe nas sociedades que acabam, nas almas que se pervertem e se degradam.

Não temo da barbaria que dá começo as sociedades; temo e aborreço a que as acaba: esta he a peior. Outra não ha senão esta que he a barbaria e realmente o contrario da civilisação; he tanto mais o contrario, quanto ella he o excesso, o que faz que muitos se enganem.

Rousseau não ignorou esta grande e dolorosa verdade. Elle sabe que, se nós entramos no circulo social pelo estado de natureza, he pelo estado de natureza que sahimos; elle põe somente este ultimo estado de natureza a cargo do despotismo. « Quando os subditos não tem outra lei, diz elle, mais que a vontade do tyranno, nem este outra regra que suas paixões, as noções do bem e os principios da justiça desfallecem. He neste estado que tudo se reconduz a unica lei do mais forte, e por conseguinte a *um novo estado de natureza diverso daquelle porque começamos*, em que um era o estado de natureza em sua pureza, e que este ultimo he o fructo de um excesso de corrupção. » No seculo decimo oitavo cria-se e dizia-se de boa vontade que o despotismo he o grande culpado de todos os males da sociedade. Sabemos hoje que o despotismo he um dos destruidores da sociedade, mas não he elle o unico. Era o estado de natureza, eu o creio, o estado do imperio romano sob seus tyrannos, quando a lei era a força, quando o imperador engolfava-se em todos os seus caprichos de crueza e devassidão, até ser assassinado; quando os delatores satisfaziam suas ambições pela calumnia, como o imperador pela força; quando o desejo, o pensamento universal era o ouro e o prazer. Mas a democracia atheniense em seus dias asiagos, quando o povo obedecia cegamente a seus lisongeiros, quando matava Socrates e Phocion, ou, sem recorrer a historia antiga, a França, quando em 1793 não tinha lei nem regra senão a vontade dos demagogos ou o capricho brutal da multidão, não era este tambem o estado de natureza? O despotismo e a anarchia são uma igual volta da sociedade á barbaria. Nero he o selvagem sobre o throno, como Marat nos clubs, porquanto não ter freio nem escrupulo, ceder a todos os seus desejos e a todos os seus pensamentos, he certamente ser selvagem, e pouco me importa que tenhais desejos mais puros e pensamentos mais complicados que os do selvagem de Rousseau, tanto peior para a sociedade! Nero não he um tyranno tão cruel senão porque he um artista, Marat não he um tão cruel demagogo senão porque he um sophista: uma alma selvagem e um espirito civilisado, ah! que combinação terrivel e frequente nas velhas sociedades!

Não se pode censurar Rousseau por ter enfeitado seu estado de natureza para no-lo fazer adoptar mais facilmente. Dir-se-hia mesmo que em vez de abrandar sua descripção, a elle compete torna-la dura e picante. Elle pinta com uma especie de complacencia o selvagem inerte e imbecil, de cujo faz elle o typo do homem. « Sua alma, diz elle, a quem nada move, se entrega ao unico sentimento de sua existencia actual, sem nenhuma idea do futuro, por mais proximo que possa estar-lhe, e seus projectos circumscriptos como seus intentos, apenas se alargam até o termo do dia. Tal he hoje ainda o grão de previsão do Caraiba: elle de manhãa vende seu leito de algodão, a tarde vem chorar para rehave-lo, falta de prever que a noite viria a ter precisão delle. »

Aqui apresenta-se uma grande e importante questão. Ei-la: este selvagem inerte e imprevidente, que he, segundo Rousseau, o verdadeiro homem natural, como torna-se elle o homem civilisado que vemos? Pode elle o ser? A féra humana que Rousseau descreve poder vir a ser o cidadão de Athenas sob o reinado de Pericles, ou o cortezão de Versailles sob Luiz XIV? Os philosophos do decimo oitavo seculo não duvidavam que a metamorphose fosse possivel, e até criam que ella se operava pouco a pouco.

Elles julgavam que do estado de natureza á civilisação havia mais ou menos estancias, mas que a estrada era a mesma; sómente não faziam deste estado a imagem injucunda que faz Rousseau: elles pintavam-na favoralmente e por isso approximavam as escallas a percorrer do estado de natureza á civilisação. Rousseau não julga praticavel a passagem, e emprega sua inexoravel logica em demonstrar contra os philosophos seus contemporaneos a impossibilidade de passar do estado de natureza ao estado social. « Quanto mais se insiste neste assumpto, diz Rousseau, tanto mais a distancia das puras sensações aos simples conhecimentos se augmenta á nossa vista, e he impossivel conceder como um homem poderia com as suas unicas forças sem o soccorro da communicação e sem o aguilhão da necessidade franquear um tão grande intervallo. Quantos seculos se passaram talvez antes que os homens tivessem chegado ao alcance de ver outro fogo que o do céo! Quantos perigos diversos não lhes foram mister para apprender os usos mais communs deste elemento?.. Que dizemos da agricultura, essa arte que exige tanto trabalho e previdencia, que depende de outras artes, que evidentemente se vê, não ser praticavel senão em uma sociedade ou pelo menos começada?... » Assim para inventar e praticar as artes as mais simples faz-se necessario que a sociedade esteja pelo menos começada; mas para dar começo a sociedade he preciso que os homens tenham entre si um meio de se entenderem e communicarem seus pensamentos; he mister uma linguagem. Ora como inventar a linguagem? Dizer que se começou a fallar por gestos, depois que se substituiram um bello dia aos gestos as articulações da voz, não he dizer cousa alguma, porquanto « esta substituição he difficil de se conceber em si mesma, pois que este accordo unanime devera ser motivado, e a palavra pareceria ter sido muito necessaria para estabelecer o uso da palavra.» Logo o homem não póde crear as artes as mais simples antes de crear a sociedade; elle não póde crear a sociedade antes de crear a linguagem, e não póde crear esta sem ter ja uma linguagem a sua disposição, e Rousseau conclue por esta significativa reflexão. « Quanto a mim, assombrado das difficuldades que se multiplicam, e convencido da impossibilidade quasi demonstrada *que as linguas podessem nascer e se estabelecer por meios puramente humanos*, eu deixo a quem queira o emprehender a discussão deste difficil problema, qual he mais necessario se a sociedade ja ligada a instituição das linguas, ou se as linguas ja inventadas para o estabelecimento da sociedade?

Neste momento tocamos em duas conclusões diversas, a conclusão de Rousseau ou antes a de seu paradoxo, conclusão esta cheia de embaraços, e de contradicções apenas disfarçadas, e, a par daquella, a conclusão natural e verdadeira dos principios que Rousseau estabeleceu, conclusão que he impossivel elle não tivesse visto, tanto se aproxima elle della. Vejamos agora a conclusão de Rousseau. « Vivendo nas florestas, sem industria, sem palavra, sem domicilio, sem guerra e sem união, sem necessidade alguma de seus semelhantes como sem desejo algum de lhes ser nocivo, talvez mesmo sem jamais reconhecer algum individualmente, o homem selvagem, sujeito a poucas paixões e bastando a si mesmo, não tinha senão os sentimentos e as luzes proprias a este estado; elle só sentia suas verdadeiras necessidades, só olhava para o que cria haver interesse de ver, e sua intelligencia não fazia mais progresso que sua vaidade. Se por ventura fazia alguma descoberta, elle podia tanto menos communica-la que elle mesmo não reconhecia seus filhos...Se tenho sido estenso sobre a supposição desta condição primitiva, he porque, tendo antigos erros e inveterados prejuizos a destrui-, cri dever profundar até á raiz e mostrar no quadro do verdadeiro estado de natureza quanto a desigualdade, mesmo a natural, esta longe de haver nesse estado tanta realidade e influencia como o pretendem nossos escriptores. » Eis pois, segundo Rousseau, as condições da igualdade primitiva: nada de domicilio, nada de industria, nada de familia; o homem não reconhece mesmo seus filhos: um espirito inerte, uma alma indifferente, he este o unico modo porque a igualdade pode ser conservada. Mas então surge a seguinte questão: Vale apenas ser a igualdade conservada a este preço? E se não podemos reachar com effeito a igualdade senão reachando o estado natural do homem, e se este estado natural he não ter familia, domicilio, linguagem, nem industria, não obraremos por ventura bem resignarmo-nos a não ser iguaes uns aos outros, visto ser este o unico meio de não sermos brutos inertes?

Tenha Rousseau, fallando como acabamos de ouvi-lo, querido concluir pró ou contra a desigualdade, pouco importa, porquanto ahi no meu pensar só está a pequena conclusão de seu discurso; ha uma outra mais bella e maior, que elle não exprime, mas a qual eu apresso-me a chegar.

As impossibilidades humanas fazem termo no poder divino; he ahi que ellas se vão dissolver. Quando, pois, Rousseau demonstra com uma força espantosa a impossibilidade para o homem natural de ter uma familia, uma linguagem, um domicilio, uma patria não me espantam estes golpes que elle dá no homem natural, ao contrario folgo, porquanto já que o homem não creou a familia, a habitação, a linguagem, nem mesmo a arte e a industria, he Deos quem tudo isso creou, e alegra-me ver tirar-se de tão grandes e boas cousas o caracter humano para lhes dar o caracter divino. Repugnava-me ouvir dizer que o homem era o autor da familia, da sociedade, da patria, e longe de estar satisfeito de orgulho humano e fazer tudo proceder do homem, eu dizia a mim mesmo, que se tudo isso fôra creado de mosso pó, tudo podia volver a elle. Graças a Deos, eis Rousseau que prova-me que o homem he incapaz de crear o lar domestico, o leito conjugal, a mesa hospitaleira, o berço do infante, a poltrona do avô e o tumulo dos antepassados. Graças, mil vezes graças, ao philosopho que injustamente se toma por um mysanthropo! Eu me apoiarei de ora em diante com confiança sobre estes objectos sagrados, pois que eu sei que elles não procedem de mim. O homem com effeito só arrima-se ao que elle não creou; só se confia das cousas que não sahem de suas mãos. Chamam-no orgulhoso, sim orgulhoso em apparencia, mas fraco e timido na realidade, por quanto de tudo o que elle creou, desconfia. Elle sabe que há ahi uma fragilidade original que o inquieta e o descontenta; elle se pavonêa de ser creador das pequenas cousas, elle se espanta de o ser das grandes. Elle, por orgulho, preza fazer suas leis, suas instituições, seu governo; mas por que os faz, não os respeita. Governos creados por homem, religiões filhas da imaginação humana, que de vezes não vos hei visto nascer e morrer! E he porque assisti a vosso nascimento que eu sabia antecipadamente que veria a vossa morte. Feliz, pois, das instituições que o homem não creou, e que o sustentam! Feliz da familia e da sociedade por não terem podido ser creadas pela humanidade! Para quem sabe ver e sabe ouvir, o abysmo que Rousseau poz entre o homem natural e o homem social he um abysmo inutil; he o fosso que extrema a civilisação da barbaria.

II.

Tres cousas são estabelecidas, primeira nunca houve estado de natureza, he uma chymera dos philosophos; mas pode-se suppor o homem abandonado a si mesmo: eis o estado natural segundo este estado natural he o unico que comporta a igualdade: mas este estado he a immobilidade d'alma e do espirito, em outros termos a inercia e a imbecilidade; terceira finalmente o homem não pode passar por si mesmo do estado natural ao estado social; o abysmo he muito profundo. Uma vez estabelecidos estes tres pontos, prosigamos.

Se o homem não pode pelos seus proprios esforços passar do estado natural ao estado social, segue-se que a sociedade não he obra humana, mas divina, e que a desigualdade, que, segundo Rousseau, he o caracter do estado social, tambem he de instituição divina. Eis onde Rousseau vem terminar, e, chegado a este ponto parece nos poder ir mais adiante; por quanto o que dizer da desigualdade, se ella he, como a mesma sociedade, de instituição divina? Como sahirá Rousseau da beleza onde se internou? Como, tendo levantado o muro contra o qual parece não ter mais que quebrar a cabeça, vai elle procurar-se uma sahida?

Sente-se na passagem da primeira para á segunda parte quando Rousseau esta embaraçado. « Depois de haver mostrado, diz elle, que a perfectibilidade, as virtudes sociaes e as outras faculdades que o homem natural recebera em partilha não podiam jamais desenvolver-se por si mesmas, e que para isso ellas haviam mister *do concurso fortuito de muitas causas estranhas que podiam nunca nascer*, sem as quaes elle teria eternamente ficado em sua constituição primitiva, resta-me agora examinar e cotejar os differentes accidentes que hão podido aperfeiçoar a razão humana deteriorando a especie, e tornar o homem um ente máo, fazendo-o sociavel, e *de um termo tão distante conduzir emfim o homem e o mundo ao ponto em que os vemos.* » Extraordinaria contradição! ainda ha pouco o homem só por si passar do estado natural ao estado social, e ja Rousseau se reconcilia com os philosophos a quem combatia, e crê que o homem, graças, na verdade, a acasos efficaces, pode por si mesmo aperfeiçoar sua razão e chegar ao estado social. Rousseau ensaia, pois, determinar as differentes phases desse aperfeiçoamento contra o qual praguêja, desse espontaneo desenvolvimento das faculdades humanas, que elle considera uma decadencia, dessa passagem finalmente, que dizia impossivel, do estado natural para o social.

A primeira phase do estabelecimento da sociedade he o estabelecimento da propriedade; Rousseau assignala-a detestando-a: « O primeiro, diz elle, que tendo cercado um terreno, animou-se a dizer: isto he meu! e achou gente assás simples para isso acreditar, esse foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. Que de crimes, guerras, homicidios, mizerias e horrores não teria poupado á humanidade aquelle que arrancando as estacadas ou entulhando o fosso, houvesse bradado a seus semelhantes: não deis ouvidos a este impostor! Perder-vos-heis se esquecerdes que os fructos são de todos, e que a terra não pertence a ninguem! » O anathema he eloquente; mas Rousseau dahi a pouco muda de pensar, e, considerando que para o homem chegar á ideia de sociedade, he mister que a aquella tenham precedido outras ideias, consente em não se considerar o primeiro occupante como o primeiro culpado neste mundo. Este procura um culpado mais antigo, um crime mais original, não sendo a propriedade senão um dos ultimos graos do desenvolvimento do homem. Vejamos pois os primeiros. No principio o homem refugiava-se para dormir na primeira arvore que encontrava, ou n'uma caverna; em um bello dia lembrou-se de cavar a terra ou de se construir uma choça de ramos: « Esta foi a época de uma primeira revolução que formou *o estabelecimento e a distinção das familias*, e que introduzio uma especie de propriedade, donde talvez nasceram bem disputas e combates. » Assim o homem sahe da promiscuidade que he a mais radical igualdade do mundo; distingue sua familia, primeiro passo para a decadencia; elle tem uma cabana que diz sua, segundo passo. A cabana traz o jardim ou a agricultura, e esta a propriedade. « As cousas teriam ainda podido permanecer neste pé iguaes, se os talentos houvessem sido iguaes; mas, eis a desgraça! Havia fortes e fracos, sagazes e dezasados, « e, trabalhando igualmente, um ganhava muito, ao passo que outro custava a viver. » Bem comprehendemos. A decadencia he consumada; e somos chegados pela sociedade á desigualdade.

Aqui Rousseau faz um quadro medonho da sociedade, e, se não lisongeou o estado natural na pintura que lhe fez, elle indemnisou-se das verdades que se vio forçado a dizer sobre o estado natural pelas durezas que diz contra a sociedade. « Uma vez estabelecida a sociedade, diz Rousseau, ser e parecer tornaram-se duas cousas inteiramente diversas, e dessa distincção nasceram a ostentação grave, a astucia engenhosa e todos os vicios que lhe servem de cortejo. Por outro lado o homem de livre e independente que era d'antes, ei-lo, por uma enchente de novas necessidades, sujeito por assim dizer a toda a natureza, e sobretudo a seus semelhantes, de quem elle torna-se escravo em um sentido, ainda mesmo tornando-se seu senhor: se rico, tem precisão de seus serviços, se pobre tem necessidade de seus soccorros, e a mediocridade não o põe em estado de não carecer delles. He preciso, pois, que elle incessantemente procure interessa-los á sua sorte e fazer-lhes achar real ou apparentemente seu proveito em trabalhar para o seu; o que o faz fraudulento e artificioso com uns, imperioso e severo com outros, e o constitue na necessidade de enganar a todos aquelles de quem elle precisa, quando elle não pode-se fazer temer, e não acha interesse em os servir utilmente. Emfim, a embriagante ambição, o desejo ardente de augmentar sua fortuna relativa, menos por uma verdadeira necessidade do que para se collocar acima dos outros, inspiram a todos os homens uma negra inclinação a se offenderem mutuamente, um ciume secreto tanto mais perigoso, que para tornar seu tiro certeiro, reveste-se muitas vezes da mascara da benevolencia. Em summa, concurrencia e rivalidade de uma parte, de outra opposição de interesses, e sempre o desejo occulto de tirar proveito a custa de outrem, todos estes males são o primeiro effeito da propriedade, e a comitiva inseparavel da desigualdade nascente. »

Lendo essa viva censura á sociedade, recordavamo-nos de ja have-la lido em mil lugares diversos; e não nos enganavamos: era nos pregadores e nos moralistas christãos do XVII seculo, e só estamos perplexos, na verdade, a respeito da escolha das citações. Tomai, por exemplo, o menor theologo dos pregadores do XVII seculo, e eu voluntariamente diria o mais leigo dos pregadores; tomai Massillon em suas paraphrases dos psalmos: que vemos nós? « A vaidade, a ambição, a vingança, o luxo, a volupcia, o desejo insaciavel de accumular; eis as virtudes que o mundo conhece e estima; eis as virtudes, as quaes elle conduz seus partidistas.... Longe de se considerarem todos, como formando uma mesma familia, cujos interesses devem ser communs, parece que, neste mundo corrompido, os homens não se unem todos senão para se enganarem reciprocamente, e impingirem uns aos outros uma cousa por outra. A equidade ahi passa por simplicidade; ser refolhado e fingido he um merito que honra. Todas as sociedades estão envenenadas pelo defeito da sinceridade. A palavra não he o interprete dos corações; ella não he senão a mascara que os occulta e que os encobre. Os entretenimentos não são mais que mentiras envoltas nas apparencias da amizade e da polidez. Prodigalisam-se á porfia os louvores e as adulações, e traz-se no coração o odio, o ciume e o despreso daquelles a quem se louva. O interesse o mais vil arma o irmão contra o irmão, o amigo contra o amigo, rompe todos os laços do sangue e da amizade, e he este motivo tão baixo que decide de nossos odios e de nossos amores. » Que semelhança, ou antes que conformidade!

O que Rousseau diz da sociedade, diz Massillon do mundo. O caracteristico da sociedade, segundo Rousseau, he ser ella o dominio das paixões humanas; he tambem este o caracteristico do mundo, segundo todos os moralistas christãos. A censura christãa não he menos viva e menos acerba certamente que a censura philosophica, Que faz entretanto a doutrina christãa? Depois de haver mostrado ao homem o mundo tal qual elle he, lhe diz ella que he preciso abandona-lo e ir viver no deserto? lhe diz ella que só o abandono da sociedade, ou sua destruição (os philosophos preferem destruir o mundo que abandona-lo) he que pode preserva-lo da corrupção universal? Não. A doutrina christãa tambem conta seus exaltados e fanaticos que chamavam a humanidade para o deserto. A igreja teve seus anachoretas da Thebaida: ella teve seus cartuxos e seus cistercienses, esses emigrados do mundo que creem não poder delle por-se assaz longe; mas os anachoretas da Thebaida e da Trappe abandonam o mundo, elles não o querem destruir: elles buscam a calma e quasi a immobilidade, não a impõem aos outros; elles suffocam as paixões, desesperando de as não regrar, mas somente as suas. Entre o anachoreta christão e o selvagem de Rousseau, ha todavia, pelo menos quanto ao exterior da vida, semelhanças curiosas. O homem selvagem e o homem civilisado, diz Rousseau, differem de tal sorte pelo fundo do coração e das inclinações, que o que faz a felicidade suprema de um levaria o outro ao desespero. O primeiro não deseja senão o repouso e a liberdade; elle só quer viver e permanecer ocioso, e a ataraxia mesma dos stoicos não approxima-se de sua profunda indifferença para todo outro objecto. O cidadão, pelo contrario, sempre activo, sua, afadiga-se, atormenta-se incessantemente para procurar occupações ainda mais laboriosas..., Que espectaculo não he para um Caraiba os trabalhos peniveis e invejados de um ministro europeo! O selvagem vive em si mesmo; o homem sociavel, sempre fóra de si, não sabe viver senão na opinião dos outros... » Mudai algumas palavras desta descripção, que ella poderá ser applicada ao solitario christão; elle não he ocioso como o selvagem, e sim calmo e pacifico, e sobretudo indifferente a's cousas mundanas e tão desdenhoso ou tão espantado como o Caraiba da actividade dos mundanos.

Em vez de fallarmos nós mesmos, tomemos ainda de Massillon nossos traços de comparação. « Não so diz Massillon, nossa vida não he interior e concentrada, mas ainda he o espirito do mundo que lhe forma os desejos, lhe guia as affeições, lhe regula os juisos, lhe produz as vistas, e lhe anima todos os

(1) «*Deus homini animam creavit qua per rationem atque intelligentiam omnibus esse præstatior.*» S. Agostinho, *Cité de Dieu* L. 12-23.

(2) Vede em Buffon a discripção da natureza selvagem.

(3) *Memoires* de Mme. d'Epinay, tit. 2º pag. 65,

MUTILADO

ILEGÍVEL

movimentos..., E o que he a vida do mundo senão um perpetuo captiveiro onde ninguem vive por si ? (4) Eis como Massillon pinta a vida do mundano. Agora que seria se tomassemos a pintura que os moralistas christãos fazem dos encantos da soidão ? O que ha pois feito Rousseau ? Elle tem, sem saber e sem o querer, parece-nos, tomado na doutrina christãa o que ella tem de opposto ao mundo e de favoravel a solidão, deixando de parte tudo o que ella tem de regras piedosas e sabias sobre o modo de christãmente viver no mundo, e elle a metamorphoseou social. O ter assim torcido a doutrina christãa e te-la, por assim dizer, desbaptisado, para apropriar-se della, ainda não he tudo : elle tirou a esta doutrina o que faz seu principio e sua causa. O que procura, com effeito, no deserto o solitario christão ? Elle procura a hi Deos. E he por isso que elle foge do mundo. Elle não pede a solidão a ociosidade e a liberdade do Caraiba ; elle pede o recolhimento e a oração : elle não vai alli viver como egoista apathico e brutal, mas como piedoso enthosiasta. Tambem ninguem esta' menos só que o anachoreta no deserto : Deos povôa alli a solidão com a sua infinita presença.

« In solis tu mihi turba locis »

eis o que o anachoreta diz sempre a Deos no retiro. Tirai Deos da Thebaida, e S. Jeronymo com effeito não sera' senão um Caraiba.

Assim a doutrina de João Jaques Rousseau não he senão a doutrina da Thebaida, desfigurada em seus effeitos e sobre tudo privada de sua causa ; mas não o esqueçamos, a doutrina da Thebaida não he a verdadeira doutrina christãa he a exaltação A doutrina christãa he mais sabia e mais indulgente ; ella não ordena ao homem que fuja do mundo, ella lhe mostra as sysles e os perigos, e ao mesmo tempo lhe ensina como pode evita-los. « O' meu Deos ! exclama Massillon depois de haver pintado o mundo e seus vicios. O' meu Deos ! quanto não necessito eu de vossa graça e de uma protecção particular para conservar meu coração no meio de uma corrupção tão universal. (5) Eis o sentimento christão.... Pedi a Deos a força, merecei-a pela fé, e não temais viver no mundo. Deos nos deu seus mandamentos para nos preservar do mal, não da desgraça que he o exercicio da virtude, mas do mal que he a tentação de todos os homens, e que não he a necessidade de nenhum. *Nihil est tam discordiosum vitio, tam sociale natura quam genus humanum*, diz S. Agostinho fallando da humanidade, (6) admiravel maxima que estabelece e ao mesmo tempo que resolve a questão em torno da qual Rousseau accumula tantas contradicções. O homem he feito para a sociedade, mas são os vicios do homem que tornam a sociedade má : d'ahi a conclusão que são os nossos vicios que he preciso destruir e não a sociedade ; conclusão simples e facil, a não se consultar senão a razão, mas que não he praticavel senão com o soccorro e a presença de Deos. Esta presença, Deos a deu ao homem por seus mandamentos na antiga lei e pelo evangelho na lei nova.

Tudo se harmonisa pois na doutrina christãa e tudo he claro. O mal vem da natureza humana abandonada de Deos, e o bem tambem vem da natureza humana escudada por Deos. Tirai Deos ao homem, a sociedade não sera' mais toleravel, e do mesmo modo que Deos torna a terra fecunda pelas leis que deu as estações, assim tambem Deos torna a sociedade humana possivel e suave pela regra que deu ao homem. Sómente póde dar-se que a sociedade humana desobedeça a' esta regra. He verdade que de uma vez ella torna-se intoleravel e impossivel. Tentai tirar a alma humana um só dos sentimentos bons que lhe provem da graça de Deos, ou então tentai tirar a vegetação uma só das gotas de orvalho ou um só dos raios solares que Deos lhe destinou, vereis a alma humana definhar-se e a vegetação murchar e morrer.

Havemos ultimamente lido um admiravel conto de Dickens que tem por titulo o *Pacto do Phantasma*, um pouco obscuro talvez a primeira vista, mas cujo assumpto, a proporção que se esclarece e se patentea, pouco a pouco, commove profundamente a alma.

He um chymico a quem o diabo concede não ter mais a lembrança nem do mal que soffreu dos outros homens ou daquelle que elle lhes fez, nem do bem que elle recebera ou daquelle que elle lhes fizera. Uma alma que não tem mais a memoria nem da alegria, nem do pezar deixara' por tão pouco de ser uma alma humana ? porquanto o que ser [illegible] em fim a memoria entre nossos sentimentos ? [illegible] uma destas gottas de chuva ou um desses raios solares sem os quaes a vegetação não póde passar. O dom do esquecimento desmoralisa a alma, e o homem que não se lembra mais das diversas emoções de sua vida moral, de suas alegrias, de seus pezares, este homem, por mais sabio que seja torna-se uma fera. Para melhor explicar a lição esse possesso tem o infeliz dom de communicar o esquecimento moral a todos aquelles com que esta' em commercio. Tambem, por toda a parte onde vai, muda immediatamente, por seu dom pernicioso, o clima moral das familias. Alli onde reinava a alegria do lar domestico, alli onde a infelicidade inspirava a resignação, porque a desgraça era supportada em commum e tornava-se uma piedosa lembrança da affeição mutua, as almas, feridas do esquecimento, tornam-se logo egoistas e más, tanto nossa alma nada póde perder de sua vida moral ! Tanta necessidade tem ella de todos os soccorros que Deos lhe preparou, para conservar-se atravez da vida deste mundo !

Rousseau quer que nossos vicios tômem as instituições necessarias, e accrescenta que esses mesmos vicios fazem inevitavel o abuso das instituições, de tal sorte que a darmos-lhe ouvidos não podemos viver em sociedade nem te-la boa. A este preço, o mal he invencivel e geral, pois que o estado de natureza he impossivel, e a sociedade intoleravel. Que temos nós a fazer pois senão desesperarmos e morrermos o mais cedo possivel, afim de tornarmos ao pó donde jamais deveramos sahir, já que não podemos ser felizes, nem segundo a natureza, nem segundo a sociedade ? Em vez de nos deixar como Rousseau neste terrivel embaraço, a religião nos offerece seu preceito consolador e suave, que não condemna a sociedade em sua origem, porque ella a julga natural ao homem, e não a condemna em sua marcha por causa de nossos vicios, pois ella crê que os nossos vicios he sobretudo o que a tornam ma.

Rousseau para prevenir os abusos da sociedade, para evitar a desigualdade, que he o grande flagello, não tem senão um meio, he impedir o desenvolvimento das paixões humanas, isto he, nos impõe um preceito impraticavel : a religião quer somente que corrijamos essas paixões, e que as encaminhemos antes para o bem que para o mal. Rousseau diz : « Não haja pobres, não haja ricos : » a religião diz : « Que os ricos soccorram os pobres, e os pobres soffram os ricos. »—«Fugi de reflectir, fugi de fazer uso de vossa razão, » diz Rousseau;—«Usai de vossa razão para seguir a lei, » diz a religião; *sit rationabile obsequium vestrum*. Desses dous conselhos ou desses dous preceitos, aquelle do philosopho e aquelle da religião, qual será o mais suave ao coração humano ? Qual o que anima mais a supportar a vida? Qual he emfim aquelle que revela e honra mais o mysterio da condição humana, esse mysterio que encerram duas palavras, um grande dever sobre a terra e uma grande esperança no ceo?

(*Continuar-se-ha.*)

(4) Massillon, t. 1. pg. 381 a 406.
(5) Massillon t. 1 pag. 403.
(6) *Cité de Dieu*. liv. XII.

Variedades.

TESTAMENTO DE UM JORNALISTA.

Visto que me acho de perfeita saude, que como quatro vezes por dia, e que engordo a olhos vistos, como um poeta elegiaco ;

Visto que não padeço, nem de gota, nem de pedra, nem de outra alguma especie de enfermidade ;

Mas visto tambem que a morte he do sexo feminino, por consequencia caprichosa, e que a magra póde de hoje para amanhãa, de uma hora para outra, vir bifar-me deste mundo ;

Visto que os jornalistas não estão mais isentos deste tributo do que os simplices particulares e outros animaes, e tudo quanto pensa, falla, berra e digere :

Visto finalmente, que de um minuto para outro, e no momento em que termino um artigo para uma gazeta, posso achar-me em artigos de morte ;

Por todas estas causas, entendi que devia lançar aqui minhas ultimas vontades para serem fialmente cumpridas por meus testamenteiros, se os tiver :

Art. 1. Lego minha alma a Deos, meu coração as pessoas que me amaram, minha penna aos gansos, e duzentos assumptos de artigos aos meus collegas no jornalismo.

Art. 2. Arrependo-me sinceramente de todos os absurdos, frioleiras e ninharias com que fiz gemer os prélos desde o dia em que me alistei nas bandeiras do jornalismo ; de todos os dichotes, graçolas, trocadilhos e outras futilidades litterarias de que me servi durante a minha insipida carreira.

Art. 3. Rogo ao publico que me perdoe os disparates, erros de orthographia, anachronismos e barbarismos que commetti muitas e muitas vezes.

Art. 4. Peço humildemente perdão aos autores, pelas ultimas vezes que me diverti a costa das boas peças, e peço perdão ao publico por ter frequentemente preconisado as más.

Art. 5. Peço perdão a todas as pessoas, que por causa dos meus elogios, leram os romances dos Srs. A. B. C., e as obras do Sr. Z. e outros, pela minha recommendação.

Art. 6. Por outro lado perdão aos dramathurgos e aos vaudevillistas, terem-me obrigado muitas vezes a velar até ás duas horas da manhãa para analysar suas producções.

Art. 7. Perdão aos impressores, compositores, revisores e correctores seus erros typographicos, *pasteis, saltos e transposições*, que tantas vezes desfiguraram o meu pensamento e me fizeram passar no dia seguinte por um imbecil, sem prejuizo do que era na vespera.

Art. 8. Perdão aos meus amigos e conhecidos que me pediram bilhetes de theatro ; perdôo aos directores do theatro, que m'os não deram.

Art. 9. Finalmente, rogo ao céo que se digne absolver-me de meus peccados mortaes e veniaes, e tratar-me com toda a clemencia imaginavel, em desconto das crueis provas por que tive de passar na qualidade de homem, e das outras ainda mais crueis que tive de corrigir como jornalista.

Feito de perfeita saude por um jornalista enfermo, etc.

(*Braz Tisana.*)

COMO HE ENGANO CUIDAR QUE HA AMOR.

Para que vos desenganeis que não ha amor, e que este nome especioso, ainda que nos parece mais fino he falso ; ponhamos o exemplo em embos os sexos, para que chegue o desengano a todos, e nem os homens se enganem com as mulheres, nem as mulheres com os homens.

Entre os homens houve por ventura algum amante mais perdido que Adão por Eva ? Tão perdido, que por ametade de uma maçã deu um mundo inteiro, e não pelo que era a maçã, senão pela mão de quem vinha. Tão perdido que perdeu o paraizo e se perdeu a si, e nos perdeu a nós, e todos seus descendentes por não perder um leve agrado, de quem imaginava então que amava muito. Mas assim como Adão se enganou com o pomo, se enganou tambem com o seu proprio amor...

Em quanto cuidou que a pena da lei era sómente communicação, grandes apparencias de fineza (que tudo o que dissemos foram apparencias) : mas tanto que vio que a devassa ia deveras, livre-me eu uma vez, e padeça Eva embora.

Pois estes eram, Adão, os vossos amores, estas as vossas finezas, estes os vossos extremos tão affectuosos ? Estes eram. Estes eram os de Adão, e estes são os de todos os seus filhos ; para que na primeira mulher aprendam as mulheres e no primeiro homem se desenganem de todos.

E os homens onde conheceram o amor das mulheres ? Não he necessario repetir o exemplo, porque já o vimos na amante de Joseph. Não reparou na autoridade, sendo princeza, nem na lealdade, sendo casada, na desigualdade, sendo ella senhora e elle escravo, porque nada disto via. Por isso, diz a Escriptura, não que poz os olhos em Joseph, senão que lh'os lançou, ou lhe atirou com elles : *injecit oculos in Joseph*, para significar que em tudo o que fez e pretendeu, obrou como cega. Mas tanto que recuperou a vista, logo vio a falsidade de seu amor, e como se quizesse vingar Eva, o mesmo que Adão disse a Deos, disse ella ao marido : *Ingressus est servus Hebræus, quem adduxisti, ut illuderet mihi*. Eis aqui para que me trouxestes a casa o servo hebreu, para que elle se atrevesse a me querer descompor. Oh falsa ! Oh desleal ! Oh fementida ! Oh traidora !

Agora porém só verdadeira, quando descobristes o avesso do teu coração, e nelle o interior inconstante e já mudado, com que a Joseph enganavas e a ti mesmo mentias. Mas que muito he que mudasse tão de repente a scena, o amor de uma mulher ; quando o primeiro autor de semelhante tragedia foi o primeiro homem ? Se os homens querem outro exemplo lembrem-se do amor de Dalilá para com Sansão. E se as mulheres quizerem tambem outro, não se esqueçam do amor de Amon para com Thancar, no mesmo dia com os maiores extremos amada, e no mesmo com muito maiores aborrecida.....

Eu bem ouço que as mulheres, e não os homens tem a opinião da inconstancia, mas elles são filhos dellas. Olhai que bem o notou Job, com ser homem. O homem filho da mulher, he tão vario, tão mudavel e tão inconstante que nunca permanece, nem dura no mesmo estado. Mas se todo o homem nasce da mulher e do homem, porque lhe chama Job neste caso só nascido da mulher *Homo natus de muliere* ? Porque os homens no sexo sahem aos pais e na inconstancia as mãis.

Porém daqui mesmo se colhe que tão inconstantes são os homens, como as mulheres ; es homens por filhos de taes mãis e as mulheres por mãis de taes filhos. *Homo natus de muliere*. A mulher inconstante por condição, o homem inconstante por nascimento ; a mulher como a lua, por natureza ; o homem, como o mar por influencia. Vêde o que disse Christo a uma mulher, a Samaritana. Era ella não só a mais discreta, de que se lê no Evangelho ; senão tambem a mais sabia, pelas questões que altercou com o mesmo Christo. E que lhe disse o Senhor ? *Quinque viros habuisti ; et hunc quem habes non est tuus vir.* « Além do amigo que agora tens, já tiveste outros 5.» Pois cinco amigos, uns depois dos outros, uma só mulher, e não de muita idade ? Ahi vereis a inconstancia do amor humano. Mas reparai no que por ventura não advertis. Ou a Samaritana deixou aos cinco, ou os cinco a deixaram a ella ; se elles a deixaram fiai vos lá de amor de homens ! E se ella os deixou quem se fiará de amor de mulher ?

Bem digo eu logo que isto, que no mundo se chama amor, he uma cousa que não ha, nem he.

(*Padre Vieira—Sermões.*

Rossini.—Parece que o principe dos maestros passara' o inverno em Paris, pois que ja' ahi alugou uma bella casa, pela qual paga 160$000 rs. por mez. Diz-se que todos os domingos recebera, não os seus admiradores, por que para isso seria necessario um campo immenso, mas os seus amigos de Paris. Affirma-se que nessas reuniões não se cantara' nem tocara'. Não he isto, como muitos teem dito, porque o illustre compositor hoje despreze a sua arte ou esteja della desgostoso, senão porque o afflige uma excessiva sensibilidade nervosa : as impressões da musica, boa ou ma', agitam-no, exaltam-no, produzem-lhe como espasmos nervosos, o que de certo lhe faz soffrer muito.

O facto he que Rossini muitas vezes chora ou ri involuntariamente, e neste caso até o riso he um padecimento. Outra molestia soffre que lhe he muito penosa, e procede de que tendo tido um leve incommodo foi necessario applicar sanguesugas a um dos ouvidos ; postas desastradamente, uma dellas mordeu n'uma arteria, o que deu lugar a um esvaecimento de sangue. Levou annos a restabelecer-se, e ainda hoje padece dôres de ouvidos e de cabeça tão fortes, que o apoquentam sobremaneira. Uma outra molestia, que importa ao seu amigo, o doutor Civiale, complica ainda mais a sua saúde, porém quando está livre de crises nervosas e outros achaques, o seu espirito mostra-se agudo e jovial como outr'ora. Ha quem affirme que Rossini emquanto estiver em Paris, não entrara em nenhum theatro lyrico.

Um banquete imperial monstro.—Refere um jornal francez, o *Courrier de la Gironde*, que he costume immemorial em certo districto desse departamento, celebrar a recepção do filho mais velho, ou do mais novo, com um festim gastronomico de proporções collossaes. Vai ter lugar agora o casamento de um rapaz e uma rapariga de uma villa desse districto, para o qual a familia de cada um dos noivos deve fornecer a sua ametade dos seguintes animaes, que comporão os pratos do banquete : um boi, cinco vitellas, cento e vinte gallinhas, cincoenta gansos e cento e quarenta patos ; ao todo seiscentas e vinte seis victimas ! Isto além da sopa, das ervas e das sobremezas : ora imagine-se qual será a quantidade de vinho que terão de absorver os convidados para lhe ajudar a digestão.

Jornal do Commercio de Lisbôa.

COSTUMES DA ANTIGA FRANÇA.

A fera de Gevaudan.

Por Mary Lafon.

I.

Algum tempo antes da revolução de 1789, um acontecimento que parece hoje muito extraordinario poz toda a França em alvoroto. Uma fera apparecera em Gevaudan (donde provém o departamento actual de la Lozere e devastava essa provincia. Para julgar dos estragos desse monstro, que todas as relações dos caçadores representavam com corpo enorme sobre pernas curtas, cauda mui longa e cabelluda, guela assustadora, e garras capazes de despedaçar um elephante, importa que o leitor se colloque um momento atraz da poltrona de Mr. de Bonlainvilliers intendente de Auvergne, e que leia a sua correspondencia por cima do hombro.

« Ha dous mezes, escrevia-lhe Mr. de Marvejols no 1 de novembro de 1764, que apparece nesta provincia nos arredores de Langogne e da floresta de Mercoire uma fera que espalha a consternação por todos os campos. Ja tem devorado umas vinte pessoas sobretudo crianças e particularmente raparigas. Não ha dia que não seja marcado por algum novo desastre O terror que ella infunde impede os lenheiros de irem as florestas, o que torna a lenha mais rara e mui cara.

« Só ha oito dias foi que conseguio-se ver de perto esse animal formidavel. He muito mais alto que um lobo, tem as mãos curtas e garras terriveis, pello avermelhado, cabeça mui grande, comprida, e terminando como focinho de galgo, orelhas pequenas e direitas como cornos, peito largo e um tanto cinzento, costas listadas de preto e guela enorme armada de dentes tão agudos que tem separado muitas cabeças do corpo como poderia fazer uma navalha.

« Anda mui lentamente, e corre saltando. Tem agilidade e ligeireza extremas. Em mui pequeno intervallo de tempo he vista a duas ou tres leguas de distancia. Approxima-se da preza andando de rojo e então não parece maior do que um raposo grande. A uma ou duas toezas de distancia ergue-se sobre a preza, a qual agarra sempre ao pescoço por detraz ou por um lado. Teme os bois, os quaes a põem em fugida. A afflicção he geral neste cantão. Fizeram-se preces publicas. O marquez de Morangies reunio 400 camponezes para dar-lhe caça ; mas ainda não o conseguio. » (1)

« A fera de que fallam ha algum tempo as folhas, dizia outra carta vinda de Mende e datada de 29 de dezembro, depois de haver difundido o terror e causado destruições em muitas provincias, esta desde alguns dias na nossa. Foi vista ha um mez a dez leguas daqui, e acha-se actualmente em nossos arredores. Devorou ante-hontem uma rapariguinha que guardava bestas a uma legua deste lugar. Um destacamento de cavallaria andou durante seis semanas em seu encalço sem ter podido avista-la. A provincia propoz uma recompensa de mil escudos a quem matar este animal ; mas ninguem poude achar ainda occasião de ataca-lo. (2)

O intendente estava nesse ponto de sua leitura quando foi-lhe annunciado o cura de Aumont. Este digno ecclesiastico ajudava a autoridade com muito zelo nas medidas por ella tomadas pelo que não podia deixar de ser bem acolhido. Mr. de Boulainvilliers recebeu-o de braços abertos, e depois de te-lo feito assentar-se ao seu lado sobre o sofá forrado de seda com grandes ramagens, perguntou-lhe se trazia boas noticias.

—Infelizmente não, senhor, respondeu o cura fazendo um gesto de desespero.

—Os soldados de cavallaria não acharam nada?..

—Não, senhor.

—E a fera continua suas destruições ?...

—Hontem esteve prestes a devorar o filho de um fazendeiro em Javols.

A estas palavras abrio-se a porta do gabinete, e entrou um fidalgo que o intendente apresentou ao cura accrescentando :

—Eis aqui Mr. d'Enneval, o celebre caçador que deixou a Normandia para vir em nosso soccorro ; elle estimará muito ter informações minuciosas e exactas sobre o monstro de Gevaudan.

— Estou as suas ordens, senhor, respondeu o cura inclinando-se.

— Então, disse o velho caçador, permitta-me que peça-lhe sua opinião sobre essa fera extraordinaria. Julga que seja como dizem uma hyena escapada de alguma gaiola, um lobo cerval, ou simplesmente, um lobo grande ?

— Senhor, respondeu o cura, confesso-lhe francamente que ser-me-hia impossivel asseverar cousa alguma a tal respeito. A impressão que tem causado esse animal sobre a mor parte daquelles que o tem visto, a grande distancia em que achavam-se os outros, as pegadas equivocas e sempre contraditorias que se hão observado, e as narrações diversas das pessoas atacadas tudo isso somente serve para derramar mais escuridão.

— Todavia ha um ponto fora de duvida, observou o intendente, he o afinco desse animal em preferir as raparigas e mesmo as mulheres aos meninos.

— He verdade, senhor. A mocinha da aldea junto de Garde, que colhia hervas em seu jardim com um irmão e uma irmãa menores, muitas mulheres devoradas no anno passado, a serva do Estival, que defendeu-se muito tempo com um bastão, a pastora que só póte pô-la em fugida a terceira machadada sobre o focinho, e muitos outros factos que passo em silencio, formam sobre esse ponto uma especie de demonstração. Acrescentarei duas provas recentes de que vossa senhoria não teve ainda tempo de ser informado. (3)

Uma moça de vinte annos indo ouvir missa a 24 de fevereiro, avistou um lobo que sahia-lhe ao encontro. Deu os gritos usados para afugentar essa especie de animaes ; mas este alcançou-a em um instante e saltou-lhe sobre a cabeça. Felizmente acudiram o pai e muitas pessoas que iam pouco adiante, e a fera fugio depois de ter feito a rapariga feridas pouco perigosas. No mesmo dia ella atacou a mais de duas leguas de distancia do Croiset uma mulher occupada a porta de sua casa. No movimento que fez voltando-se, o animal saltou-lhe a cabeça, fez-lhe cahir a touca, e antes que ella tivesse entrado, teve tempo de alcançar o hombro esquerdo e de arrancar-lhe um pedaço do vestido. Os gritos e os cães pozeram-no em fugida.

— Essa preferencia, disse Mr. d'Enneval com ar pensativo, confirma minhas conjecturas. O lobo tem olphato mui delicado e sente facilmente a carne que provou uma vez. Sua preferencia pode provir tambem do instincto desse animal, que o induz sempre a atacar o inimigo mais fraco.

— Eu adoptaria de boa vontade essa opinião, tornou o cura, porque concorda maravilhosamente com a precaução que elle toma de subir as alturas para avistar a presa de mais longe, e com o cuidado que parece ter de evitar os homens necessariamente espalhados pelos campos em grande numero. Seus olhos são julgados mui penetrantes, visto a difficuldade que se tem de encontra-lo, e as voltas que faz quando avista os caçadores.

— Então, disse Mr. d'Enneval, deve ser timido.

— Timido a ponto de ser as vezes afugentado por crianças :

A 12 de janeiro atacou cinco meninos da aldeia de Villaret, freguezia de Chavancilles. Os tres mais idosos tinham menos de onze annos, os outros dous tinham somente oito, e achavam-se com elles duas meninas quasi da mesma idade. Apascentavam um rebanho sobre um monte, e estavam armados de um bastão em cuja ponta tinham cravado uma lança de ferro pontuda do cumprimento de quatro dedos. A fera veio sorprende-los, e elles somente a avistaram quando ja estava perto ; reuniram-se apressadamente e pozeram-se na defensiva. A fera deu tres voltas ao redor delles, e emfim lançou-se sobre um dos menores. Os outros tres cahiram sobre ella picando-a repetidas vezes sem poderem furar-lhe a pelle ; todavia a' força de atormenta-la conseguiram faze-la soltar a presa. Ella retirou-se a dous passos depois de ter arrancado parte da bochecha direita do menino, que agarrara e poz-se a comer diante delles esse trapo de carne.

Pouco depois tornou a atacar os meninos com novo furor ; segurou pelo braço o menor de todos e attrahio-o a' guela. Um delles assustado propoz aos outros fugirem em quanto ella devorava o que acabava de agarrar, porem o maior chamado Portefains que estava sempre a frente gritou-lhes que deviam livrar o companheiro ou perecer com elle. Pozeram-se pois a perseguir a fera, e impelliram-na para um charco que ficava a cincoenta passos, no qual o terreno era tão molle que ella atolava-se até ao ventre, o que retardou-lhe a carreira, e deu aos meninos o tempo de alcança-la. Como haviam reparado que não podiam furar-lhe a pelle com suas mas lanças, procuraram feri-la na cabeça e sobretudo nos olhos. Durante esse combate ella conservava sempre o menino debaixo da mão ; mas não teve o tempo de morde-lo, porque estava occupada em esquivar-se aos golpes que lhe davam. Emfim os meninos vexaram-na com tanta constancia e intrepidez que fizeram-lhe largar segunda vez a presa, e o menino que ella arrebatara não teve mais do que uma ferida no braço pelo qual fora agarrado, e uma arranhadura no rosto.

Como não cessavam de gritar com toda a força, um homem acudio, e poz-se a gritar de sua parte. O animal ouvindo chegar novo inimigo ergueu-se sobre os pés, e tendo avistado o homem que dirigia-se a elle, fugio, e foi lançar-se no riacho a meia legua dahi. Tres homens o viram mergulhar, sahir, e espojar-se sobre a relva.

— Isso não prova grande ferocidade, disse Mr. d'Enneval.

— Espere, tornou o cura, ainda não acabei. Na mesma noite elle devorou um rapazinho de quinze annos em Mazel. No dia 21 lançou-se sobre uma rapariga da mesma idade, que por felicidade foi soccorrida a tempo, e cujas feridas embora graves não são mortaes. No dia seguinte sorprendeu uma mulher em Jullianges na fronteira de Auvergne, e cortou-lhe a cabeça. (4)

— Sim, murmurou o intendente : ella mostra encarniçamento incrivel.

— Com effeito, disse o cura, tivemos ultimamente um exemplo em Bessiere.

— Novo ataque ? perguntou o caçador...

— E o mais espantoso talvez de todos os que vossa excellencia conhece.

Imagine uma mãi carregando um filhinho de poucos mezes e tendo assentado junto de si outros dous maiores. A fera cahe sobre o primogenito como um raio. A mãi acode depois de ter deposto no chão o mais moço e arranca-o a força da guela do monstro. O animal furioso torna a toma-lo, arrasta-o sem embargo dos esforços e dos gritos da mãi até ao muro do jardim edificado como terraço sobre a estrada, e precipita-o dahi. Então a mãi desesperada agarra-se a uma perna da fera ; porem esta volta-se, morde-lhe o braço, e em quanto a dor obriga a mãi a larga-lo, salta sobre o menino, e em um minuto arranca-lhe todo a pelle desde a cabeça até aos hombros. (5)

— Senhor, disse o velho caçador, tomando a mão do cura, partiremos amanhãa juntos e a semana proxima não se passará, se Deos for servido, sem que saibamos qual he mais normando, se seu servo ou esse monstro.

— Se vossa excellencia conseguir o que intenta será o libertador da provincia ; pois, accrescentou o cura meneando a cabeça com ar significativo, Mr. Freron tem razão de dizer em sua gazeta que o cidadão do Gevaudan he devorado todos os dias, ou pouco falta para isso.

No dia seguinte bem como se ajustara, Mr d'Enneval partio com sua gente e guiado pelo cura de Aumont que conhecia todos os lugares foi pousar nos limites do Rouergue e do Gevaudan. Apenas correu a voz de que elle estava em Garde, todos os bons atiradores das duas provincias, entre os quaes notavam-se os senhores de Louriac, Duhamel e os tres Lafayette vieram por-se debaixo de suas ordens. Formou-se um grande conselho de caçada na casa do vigario, e Mr. d'Enneval expoz assim seu plano :

« O ataque geral começará a semana proxima futura. Os sabujos serão levados a trella, e somente se lhes permittirá correr na extensão de noventa ou cem pés, para que a fera vivamente perseguida não tenha tempo de lançar-se nas mattas mui densas. Não he inutil reunir a astucia a' força ; por conseguinte pretendo prender entre dous pilares mui curtos carneiros disfarçados em mulheres, erguidos sobre os pés ; terão as mãos livres e poderão fazer diversos movimentos que representarão ao animal pessoas vivas, e quando elle quizer cahir sobre a presa, um de nossos melhores caçadores, que estará occulto atraz de cada carneiro lhe atirara de perto. De outra parte para que se saiba o lugar e o momento de acudir se for necessario, havera sobre diversos monticulos aproximados fogueirinhas promptas para serem accesas, e esses diversos fogos serão o signal da presença ou da apparição da fera. (6)

Esse projecto pareceu excellente : para assegurar o bom exito somente era preciso uma cousa descobrir a fera. Mas infelizmente foi o que não se pôde conseguir. Depois de haver batido inutilmente os bosques durante oito dias e levado de Saint Just a Saint Chaly os carneiros disfarçados em mulheres, Mr. d'Enneval furioso accusou aos voluntarios, e queixou-se a corte de algumas excursões particulares estrondosas e mal combinadas que haviam estorvado suas medidas, fazendo perder totalmente a pista do animal. Prohibições muito expressas foram então feitas da parte do rei a todos os fidalgos e outros caçadores de perseguir a fera sem ordem precisa de Mr. d'Enneval. (7)

Esperava-se muito dessa nova policia. Dahi resultou que a fera menos acossada recommessou, segundo a expressão do proprio Mr. d'Enneval a fazer-se fallada. A 6 de março de 1765 ella decapitou junto de Albarez uma rapariga, da qual comeu os peitos, uma espadua e um braço. Foi perseguida, mas retirou-se para os bosques de que estava perto. No dia seguinte appareceu do lado de Ards, despedaçou uma mulher com as garras e devorou um menino. A 18 de abril comeu outro de 12 a 13 annos na freguezia de Paulhac. O clamor publico tornou-se então forte por tal maneira, que Mr. d'Enneval não poude deixar de sahir a campo ; bateu os matos no dia 21, e desta vez guiado pelo cura de Aumont não perdeu inteiramente os passos.

Entre seus caçadores achava-se um pastor do monte Estival, cujá imaginação fora inflammada pelos mil escudos offerecidos pelo intendente, a quem matasse o monstro. Em sua choupana solitaria e coberta de neve elle meditava noite e dia no meio de ganhar o premio, e a força de applicar-se a isso teve uma ideia extravagante. Fez de papelão uma imitação do animal, e ensinou seus cães, excitando-lhes constantemente o furor a lançarem-se sobre esse simulacro que jamais podiam alcançar (8). No dia 21 elle ia diante de todos. Guiado por pegadas que reconhecera cem vezes, penetrou na matta com os cães, e chegando a uma quebrada guarnecida de rochedos cobertos de moutas, vio os cães pararem, tendo o focinho ao ar e o pello herriçado.

Reunindo toda a sua coragem elle da' um passo e acha-se diante da fera, a qual agachada sobre um rochedo, encarava-o com olhos tão scintilantes que fizeram-no esmorecer. Os mil escudos tão desejados deixaram de zunir-lhe aos ouvidos, o amor da vida suffocou o do dinheiro, e esquecendo-se dos sonhos de ventura, das fadigas do monstro de papelão, e até dos cães poz-se a gritar em desespero. Ninguem ousava mover-se. O cura de Aumont sempre corajoso acudio armado de uma pistola ; porem o animal fugio apenas vio-o approximar-se.

A caçada não se podia mallograr mais completamente ; todavia Mr. de Enneval não desanimou. Sua reputação de habilidade estava mui compromettida aos olhos da cavallaria de Mr. Duhamel e dos fidalgos que a ordem do rei desarmara ; assim elle resolveu realça-la por um feito brilhante, e no principio de maio tornou a por-se no encalço do animal. O acaso servia-o a sua vontade.

Um dia que batia os bosques de Saint Chaly em companhia dos officiaes, e de alguns senhores da parochia todos o viram parar e fazer pontaria cuidadosamente. Dous tiros estrondaram antes que qualquer houvesse tido tempo de acudir ; elle tornava a carregar a espingarda e atirava pela terceira vez quando os caçadores se lhe reuniram. Não vendo nada depois que evaporou-se a fumaça, perguntaram-lhe em que acabava de atirar.

— Na fera, respondeu elle com voz suffocada.

— E vossa excellencia que fez tão boa pontaria, exclamou-o zombeteiro Duhamel, vossa excellencia que ferio o grande lobo do Soissonnais, não acerta um animal que dizem ser de tamanho de um boi !

— Elle estava alli ! balbuciava Mr. d'Enneval estendendo a mão a dez passos :

— Razão de sobra, senhor conde, para repetir um dos tiros de que vossa excellencia nos fallava hontem a noite.

Mas elle dirigia-se a um surdo ; Mr. d'Enneval não o ouvia. Pallido e assustado parecia paralysado de terror. Sem responder aos motejos que em qualquer outra circumstancia lhe teriam feito puchar pela espada, partio apressadamente, e ninguem tornou mais a vê-lo. Os cavalleiros abandonaram a caçada alguns dias depois, de sorte que o monstro ficou senhor do campo da batalha. Os estados do Languedoc por deliberação especial votaram de balde novo premio de 2,000 libras : nem essa recompensa, nem as 400 libras que lhe accrescentaram as dioceses de Mende e de Viviers, nem mesmo os 2,000 escudos promettidos pelo rei poderam despertar a audacia dos caçadores. Ninguem se apresentou. Forçoso, foi, pois acabar por onde se devia ter começado, confiando essa missão a um veterano da monteria.

Havia então um em Versailhes que foi designado por todos ; cavalleiro de San Luiz, tenente das caçadas e porta-arcabuz de sua magestade, o senhor Antonio recommendavel por cincoenta annos de pratica não podia temer rival. Foi chamado no primeiro de junho a casa do duque de Ayen, seu capitão, o qual annunciou-lhe, felicitando-o, que o rei o escolhêra para ser o libertador do Gevaudan. Antes de fazer-lhe essa communicação, o duque teria apostado mil luizes, que o semblante de seu tenente radiaria de alegria recebendo a noticia da felicidade que acontecia-lhe ; julgue-se, pois, de sua sorpreza quando a fronte do porta-arcabuz cobrio-se de nuvens !

Crendo apenas seus olhos, elle foi fechar a porta do gabinete, e disse com voz commovida :

— Meu bravo companheiro, o tempo passa tão rapidamente na côrte, que pela minha parte ha muito não entro mais em conta. Es mais velho ou mais moço do que eu?

— Tenho setenta annos, senhor !

— Sim ; mas que importa ? por ventura um caçador fica jamais velho ?

— Porque diz-me isso, meu capitão ?

— Essa he boa ! porque teu ar carrancudo afflige-me ! Certamente tenho alguns annos mais do que tu ; porém se o rei me houvesse dito : D'Ayen, vai ao Gevaudan e mata aquelle animal, que devora meus vassallos, eu teria partido a pé sem fazer caso do perigo nem de minha idade !

— Ah ! respondeu o tenente fazendo um simples movimento de cabeça, não cuido agora no perigo nem na idade.

— Em que cuidas então, meu velho amigo?

— Em uma cousa que inquieta-me mais do que o monstro de Mr. d'Enneval ! Porém viva Deos ! de dous males deve escolher-se o menor. Hei de reflectir nisso.

— E quando partiras?

— Amanhãa.

— Não tenho necessidade de recommendar-te esse lobo ou essa hyena...

— Respondo por elle !

Sahindo do gabinete do duque de Ayen, o Sr. Antonio achou um batalhão de picadores e de monteiros escolhidos, que o duque de Orleans e Penthievre punha a sua disposição ; lançou-lhes um olhar rapido, e o máo humor reappareceu-lhe sobre a fronte.

Todos fallavam-lhe ao mesmo tempo ; elle sómente disse estas palavras :

— Que he feito de Reinhard?

Um picador respondeu que elle dirigira-se passeando para o lago.

— Disso estava eu certo, murmurou o velho, o qual recobrou as pernas de vinte annos para seguir o mesmo caminho.

(*Continuar-se-ha.*)

(1) *Mercurio* janeiro de 1765.
(2) Papeis da antiga intendencia de Auvergne.
(3) Carta original de Mr. Labarthe, filho de Marveje (Marvejols) do 1º de abril de 1765.
(4) *Gazette de France* de janeiro de 1765.
(5) Carta autographa de Mr. Labarthe filho de Marvejols.
(6) Carta do abbade de Vianne conselheiro honorario de grand' chambre, e conde de Brionde, datada de Clermont 1765.
(7) Extracto de uma carta de Mr. d'Enneval a Mr. de Boulainvilliers intendente de Auvergne a 9 de março de 1755.
(8) Carta de Mr. Maury de Saint Victor, meu avô preboste em Millau.

Publicações a pedido.

OS REIS DO ORIENTE.

A meu primo e amigo o Rvm. conego Manoel Xavier da Trindade.

He certo o portento que a estrella assignala ;
Jesus—o Messias—nasceu em Belem :
O filho do grande que tudo avassalla
Os Magos do Oriente curvados o veem.

Seguindo o caminho traçado nos ceos
Após uma estrella Belem avistaram ;
E em pobre lapinha ao dilecto de Deos
Envolto nas faxas incenso offertaram.

Senhores e grandes em terras distantes,
O throno abandonam em busca da luz ;
Seus olhos a viram, e alli seus turbantes
Humildes tiraram perante Jesus.

He certo o portento que a estrella assignala ;
Jesus—o Messias—nasceu em Belem :
O filho do grande que a tudo avassalla
Os Magos do Oriente curvados o vêem.

Os brancos penedos deixando os pastores
E as suas cabanas a lapa corriam.
Mil doces cantigas, e o som dos tambores,
E flautas mimosas em torno se ouviam.

Pastoras formosas de gallas ornadas
Alli rendem cultos ao Deos recem-nado ;
Alli são as dansas com graça bailadas,
Alli mil prazeres—e escudo ao peccado.

He certo o portento que a estrella assignala ;
Jesus—o Messias—nasceu em Belem :
O filho do grande que a tudo avassalla
Os Magos do Oriente curvados o vêem.

Rompeu-se o véo nebuloso
Que tantos seculos guardava,
E os santos de outros tempos
A quem o limbo encerrava
Exultaram, antevendo
Nova aurora que raiava.

Cumpriram-se as prophecias
Ha tanto tempo resadas !
Folga, Abraham ! folgaevos todos
Justos das eras passadas,
Que a vossa crença e virtudes
Vão prestes ser coroadas.

He nado o Messias : e tudo assegura
Do rei do universo o pompozo natal
O seu nascimento nos trouxe a ventura,
E a quéda infallivel do genio do mal.

O *gloria in excelsis*—que se ouve entoado
Sauda successo de tanto prazer :
He nado o Messias, e o céo franqueado
A quem nelle espera, tem fé, sabe crer.

He certo o portento que a estrella assignala ;
Jesus—o Messias—nasceu em Belem :
O filho do grande que a tudo avassalla
Os Magos do Oriente curvados o vêem !

Soledade no Recife 6 de janeiro de 1856.

A. B. G. Costa.

Esmolas novamente offertadas ao hospital Portuguez de Beneficencia.

Os Ilms. Srs. :

Dr. Almeida	100$000
Commendador Antonio Luiz Gonçalves Ferreira	100$000
Carlos Frederico da Silva Pinto	50$000
D. Custodia Maria da Silva Braga, 6 lenções de brim	
Os Srs. :	
Antonio Manoel de Souza	5$000
Bento José Correa	2$000

Está conforme.—Secretaria do hospital Portuguez de Beneficencia, 8 de janeiro de 1856.

Manoel Ferreira de Souza Barbosa.
Secretario.

Commercio.

PRAÇA DO RECIFE 9 DE JANEIRO AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Desconto de lettras—1 1/4 % ao mez.
Cambio sobre Londres—28 1/2 d. 60 d/v.

CAMBIOS.

Sobre Londres, a 28 1/2 d. por 1$.	
« Paris, 348 rs. por f.	
« Lisboa, 92 por 100.	
« Rio de Janeiro, ao par.	
Acções do Banco, 40 0/0 de premio.	
Acções da companhia de Beberibe.	51$000
Acções da companhia Pernambucana	ao par.
« « Utilidade Publica, 30 por cento de premio.	
« « Indemnisadora.—sem vendas.	
Disconto de lettras, de 12 a 18 por 0/0.	

METAES.

Ouro.—Onças hespanholas	29$000
Moedas de 6$400 velhas	16$000
» » 6$400 novas	16$000
» » 4$000	9$000
Prata.—Patacões brasileiros	2$000
Pesos columnarios	2$000
» mexicanos	1$860

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 8	100:786$319
Idem do dia 9	22:295$696
	123:082$015

Descarregam hoje 10 de janeiro.

Barca ingleza—*Rosario*—mercadorias.
Barca ingleza—*Spirit of the Times*—bacalhão.
Brigue inglez—*Friends*—cabos.
Brigue americano—*Thomaz Walter*—farinha e bolachinha.
Barca americana—*Minesota*—mercadorias.
Brigue sueco—*Superior*—taboado.
Barca ingleza—*Chase*—idem.
Brigue sardo—*Maria Eliza*—marmore.
Hiate brasileiro—*Dous Amigos*—fumo e charutos.

IMPORTAÇÃO'.

Barca americana *Lewis & Damon*, vinda de Philadelphia, consignada á Matheus Austin & C., manifestou o seguinte :

900 barricas e 500 meias ditas farinha de trigo, 273 caixas cha, 10 barricas graxa, 100 duzias cadeiras, 48 cadeiras de balanço, 50 fardos cravo, 47 rolos esteiras, 61 saccas canella, 29 caixas terebentina, 500 barricas bolachinha, 49 caixas tecidos de algodão, 8 ditas drogas, 1 dita chicotes ; aos consignatarios.

50 fardos tecidos de algodão, 47 caixas chá ; a H. Forster & C.

66 fardos tecidos de algodão ; a James Ryder & Companhia.

Brigue inglez *Friend*, vindo de Jersey, consignado a Paton Nash & Companhia, manifestou o seguinte :

76 peças de cabos, 9 toneladas batatas ; aos consignatarios.

Polaca sarda *Anna*, vinda de Malaga e Genova, consignada á Bastos & Lemos, manifestou o seguinte :

1 caixa maná, 1 dita solfato, 1 dita coral, 2 ditas bordados, 2 ditas camas de ferro ; a N. Bravos.

1 embrulho livros ; a F. de Assis.

19 barris manteiga, 4 caixas vermouth, 3 fardos galha, 20 ditos cominhos, 10 ditos alfazema, 4 caixas chapeos de palha, 27 barricas sementes de linhaça, 2 jacazes senne, 58 caixas marmore lavrado, 109 ditas tijolos de marmore, 60 ditas papel para escrever, 382 fardos papel pardo ; aos consignatarios.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 8	25:837$566
Idem do dia 9	2:393$518
	28:231$084

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 8	1:370$166
Idem do dia 9	275$768
	1:645$934

DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO PELA MESA DO CONSULADO DESTA CIDADE NO DIA 9 DE JANEIRO DE 1856.

Marselha—Brigue francez «Jules», Viuva Amorim & Filho, 80 saccos assucar branco.
Lisboa—Brigue portuguez «Imperador», Novaes & Companhia, 150 saccos idem.
Ilha de S. Miguel—Patacho portuguez «Alfredo», Viuva Moreira Filho & Companhia, 33 saccos idem.
Rio da Prata—Barca brasileira «Rufina», Viuva Amorim & Filho, 50 barricas idem.
Rio da Prata—Patacho dinamarquez «Anna Catharina», Amorim Irmãos & Companhia, 250 barricas idem.
Liverpool — Galera ingleza «Town of Liverpool», Johnston Pater & Companhia, 609 saccos assucar mascavado.
Marselha—Brigue francez «Chasseur», N. O. Bieber & Companhia, 900 saccos idem.
Marselha—Brigue francez «Jules», Viuva Amorim & Filho, 600 saccos idem.
Lisboa—Brigue portuguez «Imperador», Novaes & Companhia, 250 saccos idem.
Idem—Brigue portuguez «Experiencia», Amorim Irmãos & Companhia, 500 saccos idem.
Ilha de S. Miguel—Patacho portuguez «Alfredo», Viuva Moreira Filho & Companhia, 33 saccos idem.
Rio da Prata—Patacho dinamarquez «Anna Catharina», Amorim Irmãos & Companhia, 50 barricas idem.
Lisboa—Brigue portuguez «Imperador», Novaes & Companhia, 118 cascos mel.
Idem—Barca portugueza «Carlota e Amelia», Francisco Severiano Rabello & Filho, 5 cascos idem.

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 1 a 8	4:162$024
Idem do dia 9	417$678
	4:579$702

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 8	29:682$891
Idem do dia 9	4:560$916
	34:243$807

Movimento do porto.

Navios entrados no dia 9.

Rio de Janeiro—15 dias, brigue brasileiro «Leão», de 217 toneladas, capitão Adelino Elpedio Pinho, equipagem 10, carga pipas vasias e mais generos ; a Isaac Curio & C. Passageiro, Pedro Vallete e Filho. Ficou de quarentena por 15 dias.

Lisboa—42 dias, barca portugueza «Constante», de 260 toneladas, capitão Silverio Manoel do Reis, equipagem 20, carga vinho e mais generos ; a Thomaz de Aquino Fonseca & Filho. Passageiros, Manoel Gomes de Campos, Manoel José de Oliveira, João Pedro Rodrigues.

Terra Nova—34 dias, brigue inglez «Balclutha», de 244 toneladas, capitão George Hart, equipagem 14, carga 2,985 barricas com bacalhao ; a James Crabtree & Companhia.

Rio de Janeiro—18 dias, brigue brasileiro «Sagitario», de 276 toneladas, capitão Manoel José Ribeiro, equipagem 14, carga pipas vasias e mais generos ; a Manoel Francisco da Silva Carriço. Ficou de quarentena por 15 dias.

Cotinguiba—6 dias, sumaca brasileira «Flor do Angelim», de 120 toneladas, mestre Antonio Francisco Ribeiro Padilha, equipagem 11, carga assucar ; a Basto & Lemos. Ficou de quarentena por 15 dias.

Terra Nova—25 dias, barca ingleza «Spirit of Times», de 259 toneladas, capitão John Martin, equipagem 11, carga 2,650 barricas com bacalhao ; a Mc. Calmont & Companhia.

Hartlepool—52 dias, barca ingleza «Annie Scott», de 251 toneladas, capitão William Kinmond, equipagem 10, carga carvão de pedra ; a Scott Wilson & Companhia.

Rio de Janeiro—20 dias, galera ingleza «Defence», de 608 toneladas, capitão William Moore, equipagem 18, em lastro ; a James Ryder & Companhia. Ficou de quarentena por 15 dias.

Navio sahido no mesmo dia.

Liverpool—Brigue inglez «Phantom», capitão Robert Knight, carga assucar.

Declarações.

— Por esta subdelegacia foi apprehendido um queijo novo dos vulgarmente chamados—queijos do Reino, a um crioulo livre, que pelas 8 horas da noite de hoje, o fôra vender em uma taberna da rua Imperial, e ja o dava por 1$600, o que fez suspeitar que o queijo era furtado ; quem for seu dono, procure, que lhe sera entregue, depois das averiguações necessarias. Subdelegacia de policia de S. José do Recife 5 de janeiro de 1856. — O subdelegado supplente, Accioli.

BANCO DE PERNAMBUCO.

O Banco de Pernambuco sacca a vista sobre o do Brasil no Rio de Janeiro. Banco de Pernambuco 5 de dezembro de 1855.—O secretario da direcção, João Ignacio de Medeiros Rego.

O banco de Pernambuco toma dinheiro a juros, de conformidade com os seus estatutos. Banco de Pernambuco 24 de novembro de 1855.—João Ignacio de Medeiros Rego, secretario da direcção.

— Em virtude do aviso da repartição de marinha de 27 de novembro ultimamente findo, referindo-se a elle o officio do Exm. Sr. presidente com data de 21 do mez subsequente, o Illm. Sr. inspector manda fazer publico que contrata um contra-mestre de calafates para o arsenal de marinha do Para', com qualquer individuo que apresente-se-lhe, tendo as necessarias habilitações.

Secretaria da inspecção do arsenal de marinha de Pernambuco em 7 de janeiro de 1856.— O secretario, Alexandre Rodrigues dos Anjos.

O Illm. Sr regedor interino do gymnasio provincial manda declarar que os compendios adoptados pelo professor da lingua allemãa do mesmo gymnasio são os seguintes :

Grammatica allemãa de Fries.

Collecção de peças de differentes autores allemães para traduzir —de Ermler.

Diccionario francez allemão e allemão francez — de Thibaut.

Augusto Stober — collecção de peças allemãas — segunda parte.

Secretaria do gymnasio provincial de Pernambuco 7 de janeiro de 1856.—O secretario, *Antonio da Assumpção Cabral.*

O Illm. Sr. regedor interino do gymnasio provincial manda declarar, em conformidade do artigo 62 do regulamento de 25 de julho de 1855, que do dia 15 do corrente mez em diante esta aberta a matricula do mesmo gymnasio.

Secretaria do gymnasio provincial de Pernambuco 7 de janeiro de 1856. — O secretario, *Antonio da Assumpção Cabral.*

— O Illm. Sr. regedor interino do gymnasio manda declarar que do dia 15 do corrente mez em diante serão admittidos no mesmo gymnasio como alumnos internos e meio-pensionistas os meninos que se mostrarem habilitados na conformidade do artigo 63, segunda parte do regulamento de 25 de julho de 1856.

Secretaria po gymnasio pernambucano 7 de janeiro de 1856. — O secretario, *Antonio da Assumpção Cabral.*

CONSELHO ADMINISTRATIVO.

O conselho administrativo, em cumprimento do art. 22 do regulamento de 14 de dezembro de 1852, faz publico que foram aceitas as propostas de Bernardo Cerqueira Castro Monteiro, Manoel José Freire de Andrade, José Francisco da Costa Guimarães, João Fernandes Parente Vianna, Ricardo de Freitas & C. e Souza & Irmão, para fornecerem :

O 1.º, 8 barricas de farinha de trigo marca S S S, a 36$000 rs.

O 2.º, 24 arrobas de assucar branco embarricado, a 4$400 rs. ; 10 ditas de arroz pilado do Maranhão, a 4$200 rs. ; 2 ditas de tapioca, a 6$000 rs. ; 40 medidas de vinho de Lisboa, a 4$500 rs. a canada velha, 40 ditas de aguardente branca, a 1$000 rs. ; 1 peça de baetilha encarnada com 40 covados, a 580 rs. ; 9 1/2 covados de panno verde, a 3$200 rs ; 2 folhinhas de algibeira, a 500 rs. ; 12 varas de fita de retroz amarello, a 1$120 rs.

O 3.º, 550 saccas de farinha de mandioca de 34 razas, medida velha, a 5$800 rs. ; postas a bordo.

O 4.º, 8 resmas de papel almaço, a 3$000 rs. ; 6 canivetes de 2 folhas, a 640 rs.

O 5.º, 4 resmas de papel pautado, a 4$400 rs. ; 8 duzias de lapis, a 360 rs.

O 6.º, 6 pelles de lustre, por 23$000 rs. ; 6,000 pregos ripaes do Reino, a 1$200 rs. ; 10,000 ditos caixaes, a 2$560 rs.

E avisa aos supraditos vendedores que devem recolher ao arsenal de guerra os referidos objectos ás 9 horas do dia 12 do corrente mez.

Secretaria do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra 9 de janeiro de 1856.—*Bernardo Pereira do Carmo Junior*, vogal e secretario.

Avisos Maritimos.

CEARA'.

Segue nestes dias o hiate *Exaltação* ; para o resto da carga trata-se com Caetano Cyriaco da C. M., ao lado do Corpo Santo n. 25.

Para o Aracajy

segue por toda a semana o hiate *Capibaribe* ; para o resto da carga ou passageiros, trata-se na rua do Vigario n. 5.

COMPANHIA PERNAMBUCANA.

Dentro em poucos dias sahirá para o Maranhão com escala pelos portos da Parahiba, Rio Grande do Norte, Aracaty, Ceará, Acaracú e Maranhão, o vapor *Marquez de Olinda* : quem no mesmo quizer carregar ou ir de passagem dirija-se ao escriptorio da agencia no Forte do Mattos.—O secretario, *Antonio Marques de Amorim.*

PARA O PORTO.

A barca *Fernandes I* vai sahir com muita brevidade ; para carga e passageiros trata-se com Barroca & Castro na rua da Cadeia do Recife n. 4, ou com o capitão na praça.

PARA A BAHIA.

O bem conhecido palhabote nacional *Dous Amigos*, pretende seguir com muita brevidade por ter parte do seu carregamento prompto, para o resto e passageiros trata-se com o seu consignatario Antonio Luiz de Oliveira Azevedo, rua da Cruz n. 1.

ACARACU'.

Segue no dia 15 do mez corrente o palhabote *Sobralense* ; recebe carga e passageiros : a tratar com Caetano Cyriaco da C. M., ao lado do Corpo Santo n. 25.

RIO DE JANEIRO.

No dia 18 do corrente segue o patacho *Valente* ; para o resto da carga e passageiros, trata-se com Caetano Cyriaco da C. M., ao lado do Corpo Santo n. 25.

PARA LISBOA

pretende sahir com muita brevidade, por ter a maior parte da carga prompta, o brigue portuguez «Imperador» : para o resto, trata-se com Novaes & C., na rua do Trapiche n. 54, primeiro andar.

— Para Lisboa seguirá com a maior brevidade possivel o brigue portuguez *Experiencia* : quem no mesmo quizer carregar ou ir de passagem, para o que tem bons commodos, dirija-se a rua da Cruz n. 3, escriptorio de Amorim Irmãos & Companhia.

Companhia brasileira de paquetes de vapor.

O vapor *Guanabara*, commandante o 1.º tenente J. Salomé Ramos, espera-se dos portos do norte até 14 do corrente, em seguimento para os portos de Maceió, Bahia e Rio de Janeiro : recebe passageiros, carga e encommendas : agencia, rua do Trapiche n. 40, segundo andar.

Companhia

de navegação a vapor Luso-Brasileira.

Do Rio de Janeiro e Bahia deverá a esta chegar, até o dia 16 do corrente, o vapor D. PEDRO II, commandante o tenente Viegas do O', e depois da competente demora seguirá para Lisboa, por San-Vicente e Madeira : para cartas (com o porte trocado), passagens e encommendas, dirijam-se ao agente M. D. Rodrigues, rua do Trapiche n. 26.

Maranhão e Pará.

O palhabote LINDO PAQUETE, vai seguir com presteza ; para o resto da carga e passageiros, trata-se com o consignatario Antonio de Almeida Gomes, na rua do Trapiche n. 16, segundo andar, ou com o seu capitão José Pinto Nunes, no trapiche do algodão.

Leilões.

LEILÃO EXTRAORDINARIO.

O agente Borja fará leilão em seu armagem na rua do Collegio n. 15, de um grande e completo sortimento de obras de marcineria novas e usadas, um rico sanctuario de gosto modernissimo, obras de ouro e prata, relogios patente inglez, suisso e horizontal para algibeira, candelabros, lanternas, louça e vidros para serviço de mesa, uma grande porção de miudezas de diversas qualidades muito modernas e outros muitos objectos etc., que se acharão patentes no mesmo armazem no dia do leilão, os quaes serão vendidos sem limite de preço algum ; assim como varios escravos moços e de bonitas figuras, de ambos os sexos, uma porção de obras de labyrintho como bem toalhas, lenços, etc, um excellente bilhar com todos os seus pertences, e um optimo cabriolet: quinta-feira 10 do corrente ás 11 horas em ponto.

Avisos Diversos.

—O Sr. Joaquim Octaviano da Silva, queira dirigir-se a esta typographia a negocio seu.

BICHAS DE HAMBURGO.

Na rua estreita do Rosario, loja de barbeiro n. 2, vendem-se bichas de Hamburgo, chegadas pelo ultimo navio, aos centos e mesmo a retalho, por modico preço.

—Precisa-se de um caixeiro que tenha pratica de taberna : na rua de Apollo n. 19.

—O Dr. Joaquim de Oliveira e Souza, lecciona em sua casa, rua do Aragão n. 4, e por casas particulares, a ler, escrever e fallar a lingua franceza.

Cozinheiro.

Precisa-se de um preto ou preta que saiba bem cozinhar, para casa de pouca familia, paga-se bem a vista de seu trabalho : na rua do Queimado n. 38.

Festa na Capella dos milagres em Olinda.

O abaixo assignado, protector perpetuo e encarregado da direcção da festa de N. S. da Conceição, que se costuma celebrar na capella dos milagres em Olinda, faz sciente a todos os devotos e devotas da mesma milagrosa Senhora, que a mesma festa terá lugar domingo, 13 do corrente, com aquella pompa que lhe for possivel. No sabbado as 8 horas da noite terá lugar a bandeira, a qual será carregada por pastorinhas. No domingo terá lugar a festa, e a noite terá fogo de vista ; antes do fogo subira ao ar um balão, e depois do fogo terão lugar mais tres de diversas formas. O abaixo assignado espera que os devotos concorram, afim de apreciar o balão lugar e a bella vista da muito antiga e amena cidade de Olinda.—Januario Antonio Costa.

— Existem para alugar na Passagem da Magdalena, antes da ponte, 2 sitios com casas de sobrado, as quaes tendo communicação interna, tambem podem servir para uma só familia : a tratar na rua da Cruz n. 45.

— José F. de Oliveira continúa dar lições de primeiras lettras, lingua nacional, francez, inglez, por casas particulares, a discipulos de ambos os sexos ; promettendo todo o disvelo pelo adiantamento dos mesmos : a tratar na rua do Cotovello n. 125.

— Furtaram do sitio de Albino José Ferreira da Cunha, no Manguinho, na noite de domingo para segunda-feira, 6 para 7 do corrente, um cavallo com os signaes seguintes : rodado tirando a ruço, anca de porco, cauda quebrada, bebe em branco, capado, idade 7 para 8 annos, anda baixo, e tem mais alguns signaes que se ignoram, como seja o ferro, etc. ; quem o pegar ou tiver noticia, dirija-se ao dito sitio, ou a rua do Queimado, loja n. 6, que se gratificará generosamente.

— Na manhãa do dia 11 do corrente terá lugar o levantamento da bandeira de N. S. da Boa-Viagem, a qual se fará com toda a pompa e magnificencia. Acabada a missa sahirá a bandeira carregada por anjos, e guarnecida por senhoras, esta percorrera a roda da igreja, entoando-se lindos versos acompanhados por musica marcial, o levantar o estandarte dará fim com uma salva real, e deste dia em diante haverá novenas.

— Precisa-se de uma ama de leite que seja boa, escrava ou livre, e sem filho : na rua da Lingoeta n. 1.

— Precisa-se de uma ama de leite, forra ou captiva, que não tenha filho : a tratar na rua da Cadeia de Santo Antonio, armazem de tijolos n. 17.

— O padre João José da Costa Ribeiro, substituto das aulas de latim desta cidade, continúa no exercicio de sua aula no dia 14 do corrente, pateo do Collegio n. 37, segundo andar.

— Precisa-se de um caixeiro que tenha pratica de taberna, sendo portuguez, de idade de 16 a 20 annos, que dê conhecimento de sua conducta : no Recife, rua da Cruz n. 31, se dira quem precisa.

— José Nunes de Oliveira, tendo visto no *Diario* de hontem, 9 do corrente, nas prescripções de dividas de livro e quaderno de taberna, uma divida de seu fallecido mano Bernarnino Nunes de Oliveira a dever ao Illm. Sr. Pedro Ignacio Baptista a quantia de 3$780, pede a este mesmo Sr., já que por falta de vista não vio o annuncio que sahio no *Dirrio* de 17 de setembro do anno passado, dias logo depois de seu fallecimento, para quem, por acaso, se julgasse credor do mesmo seu fallecido mano, ir receber o que devesse, visto não ter enxergado o annuncio, queira vir mesmo ou mandar com o recibo receber no pateo da Santa Cruz n. 8, casa de morada, não só o principal como os juros.

— Precisa-se alugar um sitio perto do Recife, a tenha pasto para 6 ou 8 vaccas, larangeiras e bananeiras, e cujo terreno seja massapê : quem assim pois o tiver, annuncie para ser procurado.

— O Sr. Francisco Duarte de Oliveira dos Santos tem uma carta vinda da cidade do Porto, na rua do Queimado n. 29.

— Offerece-se uma ama com muito e bom leite, sem criança : na rua do Pocinho, na loja do sobrado do Sr. Miguel Felicio da Silva.

SALA DE DANSA.

O abaixo assignado faz sciente aos Srs. assignantes de sua sala, que do dia 13 do corrente em diante a mesma sala estará aberta, continuando os seus divertimentos como he de costume.

Antonio dos Santos Mira.

— Arrenda-se uma olaria : quem tiver annuncie.

— Precisa-se de um escravo ou escrava para casa estrangeira, que cozinhe só para 2 homens solteiros : na rua da Aurora n. 58, primeiro andar

— João Francisco Julião vai a Bahia.

— A pessoa que fallou para alugar o segundo andar n. 37 do aterro da Boa-Vista, sendo que ainda queira, póde apparecer.

— A professora particular D. Cica Francisca da Silva Coutinho avisa aos senhores pais de suas alumnas, que no dia 14 acha-se com aula aberta para continuar nos seus trabalhos, na rua Direita n. 43, segundo andar.

— Aluga-se o segundo andar da rua do Padre Floriano n. 21 : a tratar na rua do Collegio n. 5.

— Acha-se ausente desde o dia 31 do mez proximo passado o escravo Joaquim, bem conhecido por —molho-bom—crioulo, de idade, pouco mais ou menos, 38 annos, pouca barba, e entre ella alguns cabellos já brancos ; levou calça de casemira de listras já usada, e camisa de algodãozinho ; he canoeiro e foi escravo do Sr. José Jacome de Araujo : quem o pegar ou delle der noticia, póde entender-se com o abaixo assignado, que gratificará.

Porfirio da Cunha Moreira Alves.

— Furtaram no dia 8 do corrente da estrada do Cordeiro 3 cavallos com os signaes seguintes : um melado, de clina e cauda pretas, uma costura velha na costella mindinha, uma pisadura no meio do espinhaço, pequeno ; o outro castanho escuro, uma sarna n'anca ; outro alasão, com uma estrella na testa, pes calçados de branco, com algumas marcas de assadoras no espinhaço, pequeno : quem os pegar ou der noticia certa na rua do Hospicio n. 20, casa do Sr. João Rufino Ramos, será generosamente recompensado.

— Pede-se ao Sr. Antonio de Sá Albuquerque, senhor do engenho Santo André, em Muribeca, o favor de dar solução ao negocio que não ignora ; na loja de calçado do abaixo assignado.

Belarmino dos Santos Bolcão.

— O Sr. Antonio Marçal da Costa, do engenho Boacica, queira mandar pagar o seu vale, vencido ha um anno : na loja de calçado do abaixo assignado.

Belarmino dos Santos Bolcão.

— A mesa regedora da irmandade de N. S. da Boa-Viagem, tendo de festejar a sua padroeira no dia 20 do corrente, faz sciente aos devotos da mesma, para que concorram, afim de abrilhantar a dita festa. No dia 11 de madrugada será levantada a bandeira, carregada por anjos, a qual percorrera a povoação acompanhada de musica de batalhão, e haverá novenas feitas com solemnidade.

— Na rua do Collegio, armazem n. 15 da-se 20$ a quem inculcar uma ama de leite forra ou captiva que tenha bom leite e boas qualidades.

MUTILADO

ILEGÍVEL

Terceira edição.

TRATAMENTO HOMEOPATHICO.

Preservativo e curativo

DO CHOLERA-MORBUS,

PELOS DRS.

CHARGÉ E JAHER.

ou instrucção ao povo para se poder curar desta enfermidade, administrando os remedios mais efficazes para atalha-la, emquanto se recorre ao medico, ou mesmo para cura-la independente destes nos lugares em que não os ha.

TRADUZIDO EM PORTUGUEZ PELO DR. P. A. LOBO MOSCOZO.

Estes dous opusculos contém as indicações mais claras e precisas, e pela sua simples e concisa exposição está ao alcance de todas as intelligencias, não só pelo que diz respeito aos meios curativos, como principalmente aos preservativos que tem dado os mais satisfactorios resultados em toda a parte em que elles tem sido postos em pratica.

Sendo o tratamento homeopathico o unico que tem dado grandes resultados no curativo desta horrivel enfermidade, julgamos a proposito traduzir estes dous importantes opusculos em lingua vernacula, para dest'arte facilitar a sua leitura a quem ignore o francez.

Vende-se unicamente no Consultorio do traductor, rua Nova n. 52, por 2$000. Vendem-se tambem os medicamentos precisos e boticas de 12 tubos com um frasco de tinctura 15$, uma dita de 30 tubos com livro e 2 frascos de tinturas. 25$000.

— Desappareceu no dia 5 de novembro o pardo Manoel, com 65 annos de idade, tem as barbas e os cabellos brancos, falla fina, tem as mãos e os joelhos foveiros como quem teve calor de figado; foi escravo de João da Rocha, em Tijucupapo, onde se julga estar; portanto roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo daquelle lugar a apprehensão do dito escravo, que levando ao sitio defronte do Poço da Panella aos herdeiros do fallecido Pedro Cavalcanti de Albuquerque Lins, serão recompensados.

— Precisa-se de um caixeiro portuguez ou mesmo brasileiro, com pratica de negocio, para taberna: na rua estreita do Rosario, taberna n. 16.

Instrucção.

José Bernardino de Souza Peixe faz sciente aos pais de seus alumnos e aquellas pessoas a quem interessar possa, que no dia 14 do corrente da' principio aos trabalhos da sua aula: na rua Direita n. 50.

— O Dr. Ribeiro, medico pela Universidade de Cambridge, continua a residir na rua da Cruz n. 15.

SOCIEDADE EM COMMANDITA.

FABRICA DE FIAR E TECER ALGODA'O,

A qual occupa diariamente para mais de 200 aprendizes ou obreiros nacionaes de 10 a 12 annos de idade para cima.

CAPITAL 300:000$000.

Socios em nome collectivo gerentes responsaveis os senhores: Antonio Marques de Amorim, Justino Pereira de Farias, Manoel Alves Guerra.

Firma social: Amorim, Farias, Guerra & C.

A sociedade tem ja numerosos assignantes, que prefazem para mais do valor da metade do capital.

Ella continua a admittir no decurso deste mez socios de 100$ até 5:000$.

As pessoas assignantes das primeiras listas, que dezejam contribuir para a prompta realisação da fabrica são convidadas a não demorar suas respectivas assignaturas, que devem ser passadas no livro da sociedade.

No fim do corrente os socios gerentes reclamarão a primeira prestação que será' de 10 por cento do capital subscripto, e passarão os competentes recibos.

As vantagens que a fabrica offerecera' logo que ella estiver em pleno andamento serão:

1.º 12 por cento sobre o beneficio annual que cada socio recebera', alem do seu direito sobre o fundo de reserva, que será de 4 a 7 por cento do capital.

2.º Occupação diaria a mais de 200 operarios, ou obreiros nacionaes.

3.º Consumo de 30 a 40 mil arrobas de algodão nacional, o qual até agora não tem outro comprador senão o exportador.

4.º Tecido de qualidade superior liso ou lavrado a 240 a vara, em lugar de 260 ou 280 que se vendia o da Bahia, e hoje não ha mesmo a mais de 320 reis, preço da ultima venda.

A facilidade das entradas, que nunca serão de mais de 20 por cento do capital subscripto, permitte a todas as pessoas que poderem dispor de uma economia mensal de 3$ por mez, entrar como socio de 100$.

Sendo as entradas de 10 por cento e os pagamentos espaçados de pouco mais ou menos 2 mezes, serão precisos 18 a 20 para ser realisado o inteiro pagamento de cada subscripção.

Os senhores que residem fora da capital, e que quizerem entrar nesta util sociedade, poderão dirigir suas cartas de pedido a qualquer dos tres socios gerentes, ou ao socio de industria F. M. Duprat, que tem em seu poder o livro das subscripções.

Elles declararão os seus nomes por extenso, domicilio e o nome do correspondente nesta capital, encarregado de effectuar o pagamento das entradas das prestações, quando forem reclamadas.

Uma copia impressa da escriptura da sociedade sera' entregue a cada um dos socios na occasião de effectuar o pagamento da primeira prestação de 10 por cento do capital subscripto

Pernambuco 3 de janeiro de 1856.

F. M. Duprat.

O Dr. Firmo medico, mudou a sua residencia para a rua Nova n. 25, primeiro andar, e continua no exercicio de sua profissão.

— Uma pessoa versada em latim, francez, inglez, portuguez, geographia, geometria, arythmetica e philosophia, ensina para a freguezia de Santo Antão ou parte conjunta a ella: quem precisar annuncie.

— No dia 4 de janeiro fugio o preto Justino, crioulo, idade 25 annos, muito regrista, imitta na falla ser de Angola, tem falta de 2 dentes na frente, estatura regular, levou calça de riscado amarello, camisa branca; recommenda-se a quem encontrar este escravo, o mande prender e levar a rua Direita n. 75, que será generosamente recompensado.

Daguerreotypo, electrotypo e stereoscopo.

Na antiga e bem conhecida galeria e officina de retratos do aterro da Boa-Vista n. 4, terceiro andar, continua-se a tirar retratos por qualquer desses systemas com toda a perfeição. Ahi se encontra o mais rico e abundante sortimento de objectos para a collocação dos retractos, que tem vindo a esta capital. Não se entrega retrato algum sem estar parecido e de um trabalho perfeito. Os retratos em stereoscopo apresentam a pessoa em seu tamanho natural e com todo o relevo como se o proprio individuo fôra. Na galeria se acham amostras deste maravilhoso trabalho. Das 9 horas da manhãa as 3 da tarde está sempre a galeria e officina a disposição do publico.

Aviso importantissimo pára os Srs. jogadores das loterias.

O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira

avisa aos Srs. jogadores das loterias da provincia, que os preços dos bilhetes e cautelas ficam firmes como abaixo se demonstra, os quaes são pagos sem o desconto de oito por cento da lei nas tres primeiras sortes grandes em quanto existir o plano actual de 5,000 bilhetes, pelo qual são extrahidas as loterias da provincia. Elles estão expostos á venda nas lojas do costume. Só he responsavel a pagar os oito por cento da lei sobre os tres primeiros premios grandes em seus bilhetes inteiros vendidos em originaes.

Bilhetes	5$600	Recebe por inteiro			5:000$000
Meios	2$800	»	»		2:500$000
Terços	1$920	»	»		1:666$666
Quartos	1$440	»	»		1:250$000
Quintos	1$160	»	»		1:000$000
Oitavos	720	»	»		625$000
Decimos	600	»	»		500$000
Vigesimos	300	»	»		250$000

O cautelista

Salustiano de Aquino Ferreira.

— Na fabrica de chapeos de feltro e castor, defronte do novo hospital militar, precisa-se de aprendizes.

PUBLICAÇAO' LITTERARIA.

Repertorio juridico.

Esta publicação será sem duvida de utilidade aos principiantes que se quizerem dedicar ao exercicio do fôro, pois nella encontrarão por ordem alphabetica as principaes e mais frequentes occurrencias civis, orphanologicas, commerciaes e ecclesiasticas do nosso fôro, com as remissões das ordenações, leis, avisos e regulamentos por que se rege o Brasil, e bem assim resoluções dos Praxistas antigos e modernos em que se firmam. Contém semelhantemente as decisões das questões sobre sizas, sellos, velhos e novos direitos e decimas, sem o trabalho de recorrer á collecção de nossas leis e avisos avulsos. Constará de dous volumes em oitavo, grande francez, e o primeiro sahio á luz e está á venda por 8$ na loja de livros n. 6 e 8 da praça da Independencia.

— Na rua da Roda n. 11, se dirá quem dá dinheiro a premio sobre penhores de ouro ou prata.

— O abaixo assignado roga a todas as pessoas que lhe são devedoras, o favor de satisfazer seus debites até o fim do corrente.—*Joaquim Ferreira da Silva Junior.*

— Joaquim Ferreira da Silva Junior roga a qualquer pessoa que se julgar seu credor de apresentar suas contas para serem satisfeitas até 10 do corrente: na rua do Collegio n. 13, primeiro andar.

AULA DE LATIM.

O padre Vicente Ferrer de Albuquerque continua com sua aula de latim, do dia 2 de janeiro em diante, pela mesma maneira e sob as condições ja' annunciadas.

— Precisa-se de duas pessoas para o serviço interno de uma casa estrangeira, que entenda de cozinha e engomme, e outra para costura: na rua Nova n. 47, se dirá quem precisa.

— O cidadão Caetano Pinto de Veras, tendo entrado no exercicio de juiz de paz do primeiro districto da freguezia do S. Sacramento do bairro de Santo Antonio desta cidade, faz certo a quem interessar, que passa a dar audiencia do mesmo juizo as 2 horas da tarde dos dias ja marcados por seu antecessor, na sala em que dão audiencia os Srs. juizes do civel, orphãos, commercio e dos feitos da fazenda, etc., sendo a casa de sua residencia na rua de S. Francisco n. 8, aonde se achará prompto das 6 a 7 ½ horas da manhãa á despachar as partes, ou na alfandega, aonde he empregado, até as 4 horas da tarde.

— Uma pessoa bastante versada na lingua portugueza se offerece para ensinar primeiras lettras a ambos os sexos, dirigindo-se para isto as casas dos pais de familias: quem de seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se a rua do Padre Floriano n. 28, que achará com quem tratar.

— Francisco Luiz da Costa, cidadão portuguez, retira-se para fora do imperio.

— O abaixo assignado, testamenteiro de sua fallecida mãi a Sra. D. Angela Custodia do Sacramento, declara a quem convier, que a dita fallecida em seu testamento com que finou, deixou a quantia de 30$ a cada um afilhado ou afilhada de baptismo, á vista do que podem os interessados habilitar-se, e dirigir-se a travessa da rua da Concordia n. 26 F, afim de receberem o que lhes pertence de Honorato Joseph de Oliveira Figueiredo.

— A obra do Hospital Pedro II precisa de 3 officiaes de carapina: a tratar com o director Antonio José Gomes do Correio.

— Precisa-se de uma senhora honesta, e que afiance a sua boa conducta, para servir de mestra de primeiras letras a tres meninas filhas de um senhor de engenho da freguezia da Escada: quem lhe convier annuncie por este jornal ou dirija-se ao pateo da matriz de Santo Antonio casa n. 1, que encontrara' com quem ajustar-se.

— Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar, seja limpa e de boa conducta: na rua de Apollo n. 19, terceiro andar.

— Desappareceu uma vacca castanha, grande, nº dia sexta-feira 4 do corrente, (a qual hoje deve estar parida), do lugar onde pastava —Campina do Remedio—, e pertence ao abaixo assignado, na rua Imperial casa n. 209: quem della souber ou a tenha em seu poder dirija-se a' mesma casa ou no Remedio, sitio do Sr Tenorio, que sera' recompensado pelo abaixo assignado. — José Francisco de Souza Lima. Recife 8 de janeiro de 1856.

CONSULTORIO

HOMŒOPATHICO.

28. Rua das Cruzes 28.

(Gratuito para os pobres.)

O Dr. *Casanova* da consultas e faz vizitas a qualquer hora do dia.

No mesmo consultorio vende-se

O TRATAMENTO HOMEOPATHICO, *preservativo e curativo do cholera morbus*, accommodado a intelligencia do povo, cada folheto. 300

Carteiras de 12 medicamentos para o cholera, a 8$ e 12$000.

½ onça de tintura. . . . . . . 1$000

Tubos avulsos, a 300, 500 e 1$000

Carteiras de todos os tamanhos muito em conta.

N. B.—Os medicamentos homoeopathicos que forem comprados por conta do governo desta provincia, terão o abatimento de 20 por cento sobre o valor de que ordinariamente se vendem ao publico.

Pastelaria franceza,

aterro da Boa-Vista n. 17.

Madama Blandin tem recebido pelo ultimo navio francez chocolate Baunilha a 1$600 a libra, dito Bagneres a 1$280, dito Bain Turc a 1$280, e um sortimento de caixinhas de confeitos.

—O abaixo assignado, professor particular de instrucção primaria, residente no terceiro andar da casa da rua Nova n. 58, da' principio ao exercicio de seu magisterio, no dia 15 do corrente, e continua tambem a ensinar latim e francez: os senhores pais de seus alumnos e o respeitavel publico, o acharão como sempre, solicito no desempenho das referidas disciplinas.—José Maria Machado de Figueredo.

Ao publico.

D. Thereza Alexandrina de Souza Bendeira abrio no dia 7 do corrente uma aula particulas de primeiras lettras, costuras, varias especies de bordados, etc., e continua a receber alumnas, tanto internas como externas: no pateo do Paraizo, primeiro andar unido a igreja.

---SACCA-SE sobre Portugal a cambio de 92: na rua da Cadeia do Recife n. 4.

LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.

Acham-se a venda os novos bilhetes da loteria 18ª da casa de correcção, que devia correr a 2 ou 3 do corrente: as listas esperam-se pelo vapor portuguez D. PEDRO II, de 15 a 16 do andante: os premios serão pagos a distribuição mesmas listas.

— Arrenda-se uma olaria: quem tiver annuncie.

— A Sra. Anna Firme da Silva, viuva de José Rabello de Medeiros, querendo receber noticias dos parentes de seu marido, e tambem negocio de seu interesse, dirija-se a rua Direita n. 27, ou a livraria da praça da Independencia ns. 6 e 8.

— Precisa-se de uma ama: na rua Bella n. 36.

— Illm. Sr. presidente e mais membros da commissão de hygiene desta provincia.—Diz Paulo Luiz Gaignoux, dentista francez, que precisa a bem de seu direito, Vs. Ss. serem servidos examinar a preparação de que se serve para chumbar dentes, e denominou massa adamantina, em ordem de verificar-se que a dita preparação differe inteiramente de todas as conhecidas. Pede a Vs. Ss. sejam servidos deferir-lhe como requer.—E. R. Mc.

Paulo Luiz Gaignoux.

A massa denominada pelo supplicante—Adamantina—e por elle apresentada á commissão de hygiene publica, differe de todas as apresentadas nessa mesma occasião por outros; sendo a confrontação feita na presença de todos. Sala das sessões da commissão 30 de julho de 1855.—Dr. A. Fonseca.

REPERTORIO DO MEDICO HOMEOPATHA.

EXTRAHIDO DE RUOFF E BOENNINGHAUSEN E OUTROS.

é posto em ordem alphabetica, com a descripção abreviada de todas as molestias, a indicação physiologica e therapeutica de todos os medicamentos homeopathicos, seu tempo de acção e concordancia, seguido de um diccionario da significação de todos os termos de medicina e cirurgia, e posto ao alcance das pessoas do povo, pelo

DR. A. J. DE MELLO MORAES.

Os Srs. assignantes podem mandar buscar os seu exemplares, assim como quem quizer comprar.

Massa adamantina.

He geralmente reconhecida a excellencia desta preparação para chumbar dentes, porque seus resultados sempre felizes são ja do dominio do publico. Sebastião José de Oliveira faz uso desta preciosa massa, para o fim indicado, e as pessoas que quizerem honra-lo dispondo de seus serviços, podem procura-lo na travessa do Vigario n. 1, loja de barbeiro.

J. JANE, DENTISTA,

continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

— Precisa-se fallar com o Sr. Manoel Mendes Ferreira Guimarães, ou com pessoa encarregada dos negocios do mesmo: em casa de Paton Nash & Companhia, rua do Trapiche Novo n. 10.

O SOCIALISMO

PELO GENERAL ABREU E LIMA.

Ainda existem alguns exemplares enquadernados, e acham-se a' venda na loja de livros dos senhores Ricardo de Freitas & C., esquina da rua do Collegio, e em casa do autor, pateo do Collegio, casa amarella, no primeiro andar.

— No sobrado da rua do Pilar n. 82, precisa-se alugar uma pessoa livre ou escrava, que saiba cozinhar alguma cousa, para ser empregada neste e n'outros serviços ordinarios de uma casa de pequena familia, a excepção de engommado, preferindo-se desta ultima condição, e do sexo masculino; paga-se bem agradando.

MAI IRMA'OS.

Teem a honra de participar ao respeitavel publico que teem aberto uma nova loja e fabrica de chapéos na rua do Crespo, no sobrado novo que faz esquina para a rua da Cadeia, aonde os compradores acharão desde hoje em diante um bello sortimento de chapeos e fazendas tendentes ao mesmo estabelecimento, e por menos preço do que em outra qualquer parte, tanto em porção como a retalho, e desde ja lhe recommendam chapéos francezes de bonitas e elegantes fórmas e de boa qualidade, ditos feitos na terra de todas as qualidades de palha, seda, e montaria para senhora, de lustre para pagem, e um rico sortimento de galões finos, de prata e ouro para os mesmos; chapéos de castor francezes e inglezes, ditos de Italia para homens, meninos e senhoras, do Chile finos para homens, meninos e senhoras, bonetes de todas as qualidades, assim como se apronta qualquer encommenda tendente ao mesmo estabelecimento, e tudo por preços mais baratos do que em outra qualquer parte.

— Aluga-se uma grande casa com sotão, 4 quartos, cozinha fóra, estribaria, casa para pretos, 2 copiares, portão de madeira, bom quintal plantado, sendo na Capunga, canto da rua dos Droges: os pretendentes podem dirigir-se a rua do Queimado n. 7.

CONSULTORIO CENTRAL HOMŒOPATHICO.

(Gratuito para os pobres.)

Rua de Santo Amaro, (Mundo-Novo) n. 6.

O Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho dá consultas todos os dias desde as 8 horas da manhãa até as 2 da tarde.

Visita os enfermos em seus domicilios, das 2 horas em diante; mas em casos repentinos e de molestias agudas e graves as visitas serão feitas em qualquer hora.

As molestias nervosas merecem tratamento especial segundo meios hoje aconselhados pelos praticos modernos. Estes meios existem no consultorio central.

UMA AMA.

Precisa-se alugar uma mulher escrava ou livre para o serviço interno de uma casa de muito pequena familia: exige-se que não beba nem furte, e se engommar paga-se bem: nos Afogados, rua de Motocolombó n. 1.

— O arrematante do imposto das aferições do municipio do Recife convida a todos quanto costumam vender liquidos em ancoras no dito municipio, de virem aferir as mencionadas ancoras para o anno corrente de 1856, pois aproveita a occasião de prevenir aos compradores de taes generos, que este anno alem das lettras do costume terá mais uma marca de um R. que vem a ser Recife, onde bem se poderá conhecer as aferições feitas nesta cidade, e assim poderão se dirigir a rua da Florentina n. 36, onde sempre o acharão prompto a despacha-los com toda presteza como sempre praticou.

— O arrematante do imposto das aferições do municipio do Recife convida aos donos dos estabelecimentos das freguezias de Jaboatão, Muribeca, parte das freguezias dos Afogados e da Varzea, para que venham aferir os referidos estabelecimentos, visto o tempo marcado pela lei ja ter espirado em 31 de dezembro, do contrario usará de seu direito.

GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA.

A directoria do Gabinete Portuguez de Leitura nesta cidade, attendendo que a diminuta concurrencia de socios a utilisarem-se dos cursos abertos no mesmo Gabinete não corresponde ao sacrificio que se faz para sustenta-los, resolveu suspende-los até ulterior deliberação; o que se faz publico, para conhecimento de quem interessar. Secretaria do Gabinete Portuguez de Leitura em Pernambuco 5 de janeiro de 1856.—João Carlos Coelho da Silva, 1.º secretario.

— Desappareceu no dia 6 do corrente de um sitio na ponte d'Uchoa, uma cachorrinha muito nova, *preta com os pés amarellos e a pontinha da cauda quebrada*; quem a tiver achado se quizer entrega-la n rua da Cruz n. 45, terá' uma gratificação.

— John Gatis vai para Inglaterra, levando em sua companhia dous filhos menores, e tenciona voltar dentro de pouco tempo.

— Precisa-se alugar um preto ou moleque que sirva para todo serviço: na rua da Cadeia Velha n. 45.

— Roga-se a pessoa que achou no dia 1 de janeiro do corrente anno uma toalha aberta de renda toda com bico, dentro de um lenço, no batente da porta travessa da igreja de San Pedro Apostolo em Olinda, querendo restituir o alheio, dirija-se a rua do Balde do Varadouro n. 24, que recebera o achado

— A barca nacional «Ipojuca» tem necessidade de marinheiros brasileiros, para compor a maioria de sua tripolação na recente viagem que vai fazer ao Rio de Janeiro, e os respectivos consignatarios não duvidam dar maiores soldadas do que as estabelecidas: quem quizer entenda-se com o capitão a bordo.

— Precisa-se de um moleque de 14 a 16 annos, muito fiel, para casa estrangeira: rua Nova n. 42.

— Negocia-se uma porção de cera de carnauba (do Aracaty) por preço commodo: na rua Nova n. 20 a tratar com João Fernandes Parente Vianna.

—Precisa-se de uma ama para casa de homem solteiro: a tratar na rua do Crespo, loja n. 15.

— Francisco de Oliveira Franco previne a toda as pessoas que se julgarem credoras de Pedro de Oliveira Junior, que se entendam com o mesmo, na rua do Rangel n. 1.

— Antonio de Quadros Pereira, subdito portuguez, pede ao Sr. Manoel Francisco de Azevedo Lima, morador na povoação de S. José dos Bezerros, que declare par esta folha quaes foram as contas que lhe deu durante 5 annos e 3 mezes e 16 dias que neste tempo foi seu caixeiro; assim como tambem tratou sua familia, tanto interior como exterior.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, dentista, estabelecido na rua larga do Rosario n. 36, segundo andar, colloca dentes com a pressão do ar, e chumba dentes com a massa adamantina e outros metaes.

— A substituta das cadeiras de instrucção elementar desta cidade, residente na rua do Rosario da Boa-Vista n. 38, faz sciente a quem convier, que abrio a sua aula particular no dia 7 do corrente.

— Precisa-se de uma ama de leite para criar um menino de 38 dias, que tenha bom leite, e paga-se bem; na rua Imperial, fabrica de Caldeireiro, se dira quem precisa. Assim como se da 10$ a quem se quizer encarregar de procurar e levar a mesma casa.

Escola pelo methodo Castilho.

Sem rigor, sem vis castigos,
Risonha, a escola nos attrai
Tem o mestre em nós amigos,
Temos n'elle amigo e pai.

Raiou luz na escuridade,
Como um doce alvorecer!
A alegria, a variedade,
Pôz encantos no aprender.

Castilho, directorio de instrucção primaria, pagina 52.

Abrio-se esta escola segunda-feira, 7 de janeiro, no sobrado de um so andar, na rua Nova junto a igreja da Conceição dos Militares; a casa tem todas as condições hygienicas e capacidade para passarem ahi a semana os alumnos, que pela longitude de suas moradas não quizerem regressar diariamente as suas casas.—Francisco de Freitas Gamboa, professor particular, autorisado pelo governo.

— Offerece-se um moço portuguez, de idade de 17 annos, para caixeiro de taberna: a tratar no pateo do Collegio n. 25.

— Francisco de Souza e Sa retira-se para fóra do imperio.

— Pergunta-se ao Sr. Marcolino Antonio de Brito quando pretende fazer mesa para nomear novo thesoureiro para festejar a imagem de Santa Rita de Cassia, erecta na igreja de Nossa Senhora do Terço, no anno corrente, pois S. S. sendo o juiz e sabendo que o thesoureiro morreu em dezembro de 1855 ate o presente ainda não cuidou em fazer uma mesa para nomear-se o novo thesoureiro, pois S. S. lembre-se que existe uma eleição lida no pulpito na festa de 1855 e que a mesa esta' avisada e esperando pela festa de 1856, isto pergunta —*Um procurador*

— Bernardo Fernandes Vianna comprou o bilhete n. 3168 da segunda parte da primeira loteria abeneficio do collegio dos orphãos, por ordem do Illm. e Rvm. Sr. Joaquim Gonçalves de Azevedo, da cidade da Barra do Alto-Amazonas.

— Manoel Francisco de Moraes retira-se para o Pará, o mesmo deixou de ser caixeiro do Sr. José Pires de Moraes desde o dia 8 do corrento, e que muito lhe agradece o bom tratamento durante o tempo que foi seu caixeiro.

— O Sr. Manoel de Rezende Rego Barros, dirija-se a' rua da Senzala-Nova n. 38, para receber o dinheiro que lhe deve o Sr. Francisco Joaquim Wanderley.

— Precisa-se de um moleque: na pastellaria Franceza no aterro da Boa-Vista n. 17.

— Dão-se 800$000 rs. a premio com segurança, em uma casa nesta praça: quem pretender annuncie.

Compras.

— Compra-se um braço de balança do autor Romão, porem que seja grande, novo ou mesmo usado com os competentes pesos ou mesmo sem elles: quem tiver annucie para ser procurado.

— Compra-se uma grade de ferro para porta, que tenha de 11 a 12 palmos de altura com 5 de largo: no aterro da Boa Vista n. 14.

—Compra-se um predio de 2 ou 3 andares, em qualquer dos tres bairros desta cidade, contanto que não esteja deteriorado, e que o seu rendimento regule de 400$ a 500$000 rs.: na rua da Cadeia do Recife, loja n. 41.

— Compra-se em segunda mão uma prensa de copiar cartas: na rua do Queimado, loja n. 18.

— Compram-se escravos de ambos os sexos, assim como recebem-se para se vender de commissão: na rua Direita n. 3.

Vendas.

Folhinhas

PARA 1856.

Estão a' venda as bem conhecidas folhinhas impressas nesta typographia, as de algibeira a 320 e as de porta a 160; as de algibeira alem do kalendario ecclesiastico e civil, contem um resumo dos impostos municipaes, provinciaes e geraes que affectam todas as classes da sociedade, extracto dos regulamentos parochiaes, do cemiterio, enterros e sello, tratamento de varias molestias, inclusive a do cholera, contos, variedades e regras para fazer manteiga e queijos de differentes qualidades, ditas ecclesiasticas ou de padre, correctas, e conforme as rubricas e uso deste bispado, inclusive a resa de S. Tito, e feitas pelo padre Machado, o mais antigo folhinheiro desta provincia, (sem privilegio visto como a constituição e leis do Brasil o prohibem) a 400 rs. cada uma: vendem-se unicamente na livraria n. 6 e 8, da praça da Independencia.

— Vendem-se saccas com farinha de mandioca, chegadas ha poucos dias do norte, e de boa qualidade: quem pretender, dirija-se ao armazem defronte da rampa da escadinha n. 3, de Joaquim de Paula Lopes, ou a rua da Cruz n. 3, escriptorio de Amorim Irmãos & Companhia

— Vende-se a casa de pasto do pateo do Collegio n. 25, a qual tem bastante freguezia.

NA LOJA DE MADAMA Theard.

Acha-se um rico sortimento de vestidos de seda bordados e de blond para casamento, ricas mantas de blond bordadas, capellas para noivos, flores, franjas, tranças, fitas, como não ha iguaes, ricos e lindos enfeites de cabeça para theatro, grande sortimento de chapeos de seda e de palha tanto para senhoras como para meninos, e meninas, bons velludos de todas as cores para vestidos, muito lindos, e muito em conta.

—Oculos patentes para theatro, ditos de alcance, ditos de armação, de bufalo, de aço, de tartaruga e de ouro, tanto para vistas cançadas, como para miopes, brancos ou azues, oculos de 4 vidros, e lunetos de todas as qualidades: encontram-se sempre na loja dos relojoeiros Chapront & Bertrand, praça da Independencia n. 18 e 20.

—Relogios de mesa e de parede, ditos de algibeira, tanto de ouro como de prata dourada e foleados, patente ou horizontaes: acha-se sempre um grande sortimento, na loja dos relojoeiros Chapront & Bertrand, praça da Independencia n. 18 e 20.

Relogios de ouro inglezes de patente, de sabonete e de vidro,

chegados pelo ultimo paquete, vendem-se por preço razoavel; em casa de Augusto C. de Abreu, na rua da Cadeia do Recife n. 48, primeiro andar.

— Vendem-se travesseiros de velludo cheios de pennas, pelo diminuto preço de 4$000 cada um: na loja de João Moreira Lopes, rua do Crespo n. 9.

Taboado de pinho da Suecia, alcatrão e pixe. Mc. Calmont & Companhia, tendo recebido um carregamento destes generos pelo brigue sueco *D. Thereza*, de Gothembourg, venderão os mesmos a retalho por preços baratos; o taboado acha se recolhido no armazem dos Srs. Carvalho & Irmão, rua do Brum.

Luvas de pellica

de Iouvin pretas para homem, e brancas para senhora; vendem-se na rua do Crespo, loja n. 19.

Relogios.

Vendem-se relogios de ouro patente inglez: no escriptorio do agente Oliveira, rua da Cadeia do Recife n. 62 primeiro andar.

CHAROPE DO BOSQUE

O unico deposito continúa a ser na botica de Bartholomeu Francisco de Souza, na rua larga do Rosario n. 36; garrafas grandes 5$500 e pequenas 3$000

IMPORTANTE PARA O PUBLICO.

Para cura de phtisica em todos os seus differentes graos, quer motivada por constipações, tosse, asthma, pleuriz, escarros de sangue, dôr de costados e peito, palpitação no coração, coqueluche, bronchite dôr na garganta, e todas as molestias dos orgãos pulmonares.

Navalhas a contento.

Na rua da Cadeia do Recife n. 48, primeiro andar, escriptorio de Augusto C. de Abreu, continuam-se a vender a 8$000 o par (preço fixo, as ja bem conhecidas e afamadas navalhas de barba feitas pelo habil fabricante que foi premiado na exposição de Londres, as quaes além de durarem extraordinariamente, não se sentem no resto na acção de cortar; vendem-se com a condição de, não agradando, poderem os compradores devolve-las até 15 dias depois da compra restituindo-se o importe.

A vista faz fé.

Maia Irmãos avisam aos amantes do baile masqué, que receberam um lindo sortimento de córtes de vestidos bordados de ouro e prata, pelo baratissimo preço de 5$000.

— Vende-se uma cocheira, sita no Varadouro da cidade de Olinda, com omnibus, carro e cavallos, e com uma planta de capim; advertindo-se que se vende em razão do seu proprietario ter outro negocio em que occupa sua attenção, e por não poder ser frequente no seu estabelecimento, offerecendo o mesmo vantagens por ter assignantes certes para irem a academia mensalmente durante o anno lectivo, e o omnibus fazendo viagens para a cidade do Recife diariamente maior vantagem tirara: quem a pretender, dirija-se a cidade de Olinda, a fallar ao seu proprietario nos Quatro Cantos, sobrado n. 5.

Pannos pretos

de diversas qualidades, por preços de 2$800 a 8$; vendem-se na rua do Crespo, loja n. 19.

Chales

de merino e lapim bordados na ponta: vendem-se na rua do Crespo, loja n. 19.

Louça.

No aterro da Boa-Vista n. 8, vende-se uma porção de louça propria para taberna, por preço muito commodo para acabar.

— Vende-se uma escrava creoula de 20 annos, com uma filha mulatinha de 6 mezes de idade, a escrava engomma, coze chão, cozinha e lava, e um escravo crioulo de meia idade, proprio para sitio: na rua das Cruzes n. 22.

LABYRINTHOS.

Na rua da Cruz n. 34, primeiro andar, continua a haver sortimento de boas obras de labyrintho a' venda.

AOS MEDROSOS CHOLERICOS.

Em casa do baratéiro, rua do Crespo n. 11, vende-se o folheto da cura infallivel do cholera-morbus pelo sumo do limão, com 16 paginas, remedio cuja efficacidade he attestada pelos medicos e innumeras testemunhas; outro sim participa ao respeitavel publico, que tem por modicos preços muitas obras e escriptos, tanto scientificos como litterarios, etc. etc.

BISCOITOS INGLEZES.

No pateo da Santa Cruz, padaria n. 6 de João Luiz Ferreira Ribeiro, alem do excellente pão, bolacha muito fina, biscoitos, fatias, araruta, alfiados e bolinhos de diversas qualidades, recebeu pelo ultimo navio chegado de Inglaterra um grande sortimento dos mui apreciaveis biscoitinhos de differentes qualidades em latas pequenas, os quaes se tornam muito recommendaveis pela sua superior qualidade e delicadeza: vendem-se por preço muito commodo.

Algodão monstro a 900 rs. a vara.

Vende-se o verdadeiro algodão monstro, com 9 palmes de largura, pelo baratissimo preço de 900 rs. a vara: na rua do Crespo n. 5.

Pianos elegantes.

No escriptorio de Domingos Alves Matheus, na rua da Cruz n. 54, ha para vender ricos e elegantes pianos de jacarandá de excellentes vozes, por preços modicos.

Deposito de algodão trançado da fabrica de Todos os Santos da Bahia.

No escriptorio de Domingos Alves Matheus, na rua da Cruz n. 54 continúa a vender-se superior panno de algodão trançado da fabrica da Bahia proprio para roupa de escravos, assim como fio proprio para pavios de vella.

ROLA'O FRANCEZ.

He novamente chegada esta apreciavel pitada no ultimo navio francez, e esta' a venda por barato preço: na rua da Cruz n. 26, primeiro andar.

— Vende-se um elegante carrinho de quatro rodas com arreios muito ricos, para um ou dous cavallos: na rua da Cruz n. 26, primeiro andar.

— Vendem-se espingardas de dous canos, francezas, muito proprias para caça ultimamente chegadas de França, e por barato preço: na rua da Cruz n. 26, primeiro andar.

— Vendem-se frascos com rolhas de vidro, proprios para conservar toda a qualidade de rapé, e por baratissimo preço: na rua da Cruz n. 26, primeiro andar.

— Vende-se muito superior champagne em caixas, o melhor que tem apparecido no mercado e por commodo preço, licor de Kirsch tambem em caixas e muito em conta: na rua da Cruz n. 26, primeiro andar.

— No engenho Moreno vendem-se bois para açougue: os pretendentes podem dirigir-se ao proprietario do dito engenho Antonio de Souza Leão.

A 1,600.

He muito barato, cortes de cassa chita de lindos gostos, com 7 varas, pelo diminuto preço de 1$600: na rua do Queimado n. 33 A.

Barato não visto

A 5,600 rs.

Chales de lãa e seda, finissima fazenda, de gostos inteiramente lindos, imitando aos de seda, vendem-se pelo diminuto preço de 5$600: na rua do Queimado n. 33 A, loja de Rodrigues & Lima.

—Ainda restam algumas saccas com cera de carnauba do Aracaty, que se vendem por preço commodo, para fechar contas de venda: na rua Nova n. 20, loja de João Fernandes Parente Vianna.

— Vende-se um cabriolet em bom uso; a trata na rua do Collegio n. 21, primeiro andar.

Fabrica de botões.

Jose Baptista Braga, com fabrica de latoeiro, fundição e funileiro, na rua Nova n. 38, acaba de montar uma outra fabrica de botões de metal em ponto grande para fabricar toda a qualidade de botões com numero, lettras ou qualquer dizer que o pretendente queira, tanto para tropa de terra como de marinha, dourados ou em amarello, assim como para os batalhões de guarda nacional, por preço barato.

Tijolos de marmore.

Acaba de chegar um novo sortimento de tijoles de marmore, e vende-se no armazem de Tasso Irmãos, no becco do Gonçalves.

Cartas francezas.

Vendem-se superiores cartas francezas para voltarete a 300 rs. o baralho: na rua do Queimado, loja de miudezas da Boa Fama n. 33.

Pratos ocos patentes para conservar a comida quente: vendem-se na praça do Corpo Santo, armazem n. 48, de Kostron Rooker & C.

Cousas finas e de bons gostos

NA LOJA DA BOA FAMA.

Vendem-se ricos leques com plumas, bolota, e espelho a 2$, luvas de pellica de Jouvin o melhor que póde haver a 1$800 o par, ditas de seda amarellas e brancas para homem e senhora a 1$280, ditas de torçal pretas e com bordados de cores a 800 rs. e 1$200, ditas de fio de Escocia brancas e de todas as cores para homem e senhora a 500 rs., ditas para meninos e meninas muito boa fazenda a 320, lencinhos de retroz de todas as cores a 1$, toucas de lãa para senhora a 640, pentes de tartaruga para atar cabello, fazenda muito superior a 5$, ditos de alisar tambem de tartaruga a 3$, ditos de verdadeiro bufalo para atar cabello imitando muito aos de tartaruga a 1$280, ditos de alisar de bufalo, fazenda muito superior a 320 e 500 rs., lindas meias de seda pintadas para crianças de 1 a 3 annos a 1$800 o par, ditas de fio de Escocia tambem de bonitas cores para crianças de 1 a 10 annos a 320 o par, espelhos para parede com excellentes vidros a 500, 700, 1$ e 1$200, toucadores com pés a 1$500, fitas de velludo de todas as cores a 160 e 240 a vara, escovas finas para dentes a 100 rs., e finissimas a 500 rs., ditas finissimas com cabo de marfim a 1$, tranças de seda de todas as cores e larguras a 320, 400 e 500 rs. a vara, sapatinhos de lãa para crianças de bonitos padrões a 240 e 320, adereços pretos para luto com brincos e alfinetes a 1$, toucas pretas de seda para crianças a 1$, travessas das que se usam para segurar cabello a 1$, pistolinhas de metal para crianças a 200 rs., galheteiras para azeite e vinagre a 2$200, bandejas muito finas e de todos os tamanhos de 1$, 2$, 3$ e 4$, meias brancas finas para senhora a 240 e 320 o par, ditas pretas muito boas a 400 rs., ricas caixas para rapé com riquissimas estampas a 3$ e 2$500, meias de seda de cores para homem a 640, charuteiras muito finas a 2$, castões para bengalas a 40 rs., pastas para guardar papeis a 800 rs., oculos de armação de aço prateados e dourados a 640, 1$ e 1$200, lunetas com aro de bufalo e tartaruga a 500 rs. e 1$, superiores e ricas bengalinhas a 2$, e a 500 rs. mais ordinarias, chicotes para cavallo pequenos e grandes, fazenda muito superior a 640, 800, 1$, 1$200, 1$500 e 2$, atacadores de cornalina para casaca a 320, pentes muito finos para suissa a 500, escovas finas para cabello a 640, ditas para casaca a 640, capachos pintados para sala a 640, meias brancas e cruas para homem, fazenda superior a 160, 200 e 240 o par, camisas de meia muito finas a 1$ e 1$200, luvas brancas encorpadas proprias para montaria a 240 o par, meias de cores para senhora muito fortes a 220 o par, ricas abotoaduras de madreperola e de outras muitas qualidades e gostos para colletes e palitós a 500 rs., fivelas douradas para calças e colletes a 120, ricas fitas finas lavradas e de todas as larguras, bicos finissimos de bonitos padrões e todas as larguras, ricas franjas brancas e de cores para camas de noivas, tesourinhas para costura o mais fino que se póde encontrar. Além de tudo isto outras muitissimas cousas muito proprias para a festa, e que tudo se vende por preço que faz admirar, como todos os freguezes ja sabem: na rua do Queimado, nos quatro cantos, na bem conhecida loja de miudezas da Boa Fama n. 33.

Meias pretas para padres.

Vendem-se superiores meias de laia para padres, pelo baratissimo preço de 1$800 o par, ditas de algodão pretas a 640 o par: na rua do Queimado, loja de miudezas da Boa Fama n. 33.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa, de capim, na fundição de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

Camisas de meia de pura lãa.

Vendem-se superiores camisas de meia de lãa, pelo barato preço de 3$: na rua do Queimado, loja de miudezas da Boa Fama n. 33.

Córtes de cassa para quem quer dar festas por pouco dinheiro.

Vendem-se cortes de cassa chita de bom gosto a 2$, ditos de padrões francezes a 2$400, cassas roxas para aleviar luto, ditas pretas de padrões miudos a 2$ o corte, alpaca de seda de quadros de todas as cores a 720 o covado, lenços de bico tanto pintados como bordados a 320 cada um, gravatas de seda para homem a 1$ e 1$600; todas estas fazendas vendem-se na rua do Crespo n. 6.

LEONOR D'AMBOISE.

Vende-se o excellente romance historico Leonor d'Amboise, duqueza de Bretanha, 2 volumes por 1$000 rs., na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

—Vende-se cal em pedra chegada no ultimo navio de Lisboa, e potassa americana da mais nova: no unico deposito da rua de Apollo n. 2—B, de A. J. T. Basto & Companhia.

POTASSA E CAL VIRGEM.

No antigo e ja' bem conhecido deposito da rua da Cadeia do Recife, escriptorio n. 12, ha para vender muito superior potassa da Russia, dita do Rio de Janeiro e cal virgem de Lisboa em pedra, tudo a preços muito favoraveis, com os quaes ficarão os compradores satisfeitos.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se superior farinha de mandioca em saccas que tem um alqueire, medida velha por 5$000 reis: nos armazens ns. 3, 5 e 7, e no armzem defronte da porta da alfandega, ou a tratar no escriptorio de Novaes & Companhia na rua do Trapiche n. 34, primeiro andar.

A 3$500

Vende-se cal de Lisboa ultimamente chegada, assim como potassa da Russia verdadeira: na praça do Corpo Santo n. 11.

— Vende-se aço em cunhetes de um quintal, por preço muito commodo: no armazem de Mc. Calmont & Companhia, praça do Corpo Santo n. 11.

— Vende-se uma balança romana com todos os seus pertences, em bom uso e de 2,000 libras: quem pretender, dirija-se á rua da Cruz, armazem n. 4.

—Brins de vella: no armazem de N. O Bieber & C., rua da Cruz n. 4.

VINHO XEREZ.

Vende-se superior vinho de Xerez em barris de 1¼, em casa de E. H. Wyatt: rua do Trapiche n. 18.

Chapeos de Chili.

He chegado á praça da Independencia ns. 24 a 30, loja de Joaquim de Oliveira Maia, uma grande porção dos muito desejados e excellentes chapeos do Chili finos, de todos os tamanhos e diversos preços, os quaes se vendem mais em conta do que em outra qualquer parte.

Maia Irmaõ,

com loja de chapeos na rua do Crespo, avisa aos seus amigos e freguezes, que recebeu ultimamente um grande sortimento de chapeos do Chili finos, por preços mais em conta do que em outra parte.

Chapeos do Chili,

tanto para senhora como para homens e meninos, de qualidade mais superior que ha neste mercado, recentemente chegados pelo ultimo vapor: vendem se na fabrica da rua Nova n. 44.

— Vende-se uma armação de uma loja que se desmanchou, tendo um bom balcão, fiteiros, e porção de taboas, tudo englobado ou a retalho conforme a vontade do comprador: na rua Nova n. 8.

— Vende-se um torno de tornear qualquer obra de ourives, defronte da matriz da Boa-Vista n. 88.

Attenção.

Na confeitaria da rua da Cruz n. 17, acha-se sempre a venda um grande e completo sortimento de doces seccos e de caldas, e de fructas de todas as qualidades, tudo superior, para embarque para dentro ou fora do imperio, por mais barato preço que em outra qualquer parte se pode vender.

APPROVADO PELA JUNTA DE HYGIENE PUBLICA DO Rio de Janeiro.

COM PRIVILEGIO DO GOVERNO DE SUA MAGESTADE Imperial.

NON PLUS ULTRA.

José Puiz y Bruguera declara ao respeitavel publico que tem o prazer de lhe offerecer as admiraveis virtudes que, em uma longa experiencia tem demonstrado a agua dos amantes, de sua composição, e são as seguintes: cura todas as enfermidades de pelle, como pannos, (com 1 garrafa pouco mais ou menos), sardas com 2 garrafas pouco mais ou menos) e as espinhas, por muito antigas que sejam, (com duas ou tres garrafas, pede-se a ultima mais forte ou mais carregada), e applicando-a mais quente que morna com um trapinho molhado, e amarrando-o com um lenço. Fria, refresca, tira a pelle farinhosa e suavisa-a, da-lhe lustro e faz desapparecer a côr trigueira (em cinco dias de um modo mui notavel), cura a bortueja com muita facilidade, por ser muito fresca, e sem prejudicar a saude. Instantaneamente faz desapparecer o ardor do sangue quando se coça a pelle, e applicado nas faces um algodão molhado na dita agua, e amarrando-o com um lenço, amanhecem as côres naturaes muito agradaveis, sem prejudicar em nada a pelle, e pode-se continuar quando as côres se perderem (cansara este effeito quando se tiver temperamento sanguineo). Em lavatorio he um preservativo optimo contra syphilis. E applicando morna nas faces um algodão molhado na dita agua ao tempo da apparição das bexigas, serve para neutralisar ou purificar, limpar o humor, e para prevenir a formação das marcas no rosto; e faz desapparecer a inflammação preservando do ar e da luz, aos doentes de bexigas. Do mesmo modo cura impingens dificeis de curar. Para toucadores (toilette) particular das senhoras, preço 2$000 a garrafa.

Vende-se unicamente na rua da Cruz, escriptorio de Antonio Luiz de Oliveira Azevedo.

— Vendem-se traves de 30 a 48 palmos, de muito boas qualidades e preços commodos: rua da Concordia, junto ao sobrado de Manoel Firmino Ferreira, e a tratar com o mesmo.

— Vende-se uma escrava de nação, de meia idade: na rua do Caldeireiro n. 3.

— Vende-se o sobrado de dous andares da praça da Boa-Vista n. 5: a tratar no mesmo.

— Vende-se um cabriolet quasi novo, com todos os seus pertences e com cavallo, ou sem elle, muito lindo e bem feito, por menos do seu valor: na rua da Praia, travessa do Carioca, n. 11.

MODA.

Chally do melhor gosto possivel, chegado ultimamente de França, para vestido de senhora e meninas, pelo preço de 1$ cada covado: nos quatro cantos, rua do Queimado, loja do sobrado amarello n. 29.

— Vende-se um moleque de idade de 18 a 20 annos sem vicios nem achaques: na rua da Cruz n. 1.

— Vende-se excellente taboado de pinho, recentemente chegado da America: na rua de Apollo trapiche do Ferreira, a entender-se com o administrador do mesmo.

Relogios cobertos e descobertos,

de ouro, patente inglez.

Vendem-se no escriptorio de Southall Mellor & Companhia, na rua da Cadeia do Recife n. 36, os mais superiores relogios cobertos e descobertos, de ouro, patente inglez, de um dos melhores fabricantes de Liverpool, vindos pelo ultimo paquete inglez

PIANOS.

Vendem-se em casa de Henry Brunlos C., rua da Cruz n. 10, optimos pianos chegados no ultimo navio da Europa.

Sedas de cores.

Vendem-se córtes de vestido de seda de cores, gostos modernos, e por preço commodo: na loja de 4 portas, na rua do Queimado n. 10.

Chales de touquim.

Vendem-se chales de touquim bordados a matiz, e por preço commodo: na loja de 4 portas, na rua do Queimado n. 10.

Sedas francezas.

Vendem-se ricos córtes de vestido de seda branca com babados e sem elles, havendo sortimento para escolher: na loja de 4 portas, na rua do Queimado n. 10.

— Na rua Direita n. 27, vendem-se chicharros a 240 a libra, e sardinhas muito novas a 1$ o cento.

— Vende-se uma escrava parda, de 20 annos e bonita figura, sadia, propria para casa de familia: na rua do Crespo n. 15.

— Vende-se cal nova e muito superior, chegada ultimamente de Lisboa no brigue portuguez *Experiencia*, e por commodo preço; quem quizer pode dirigir-se ao armazem n. 3, defronte da rampa da escadinha, de Joaquim de Paula Lopes.

— Vendem-se na rua do Encantamento, taberna n. 10, as seguintes qualidades de peixe: chicharros, cherne e cavallinhas, vindos da ilha de S. Miguel, no patacho *Alfredo.*

— Vende-se a armação da loja de sapatos da rua Direita n. 45, com alguns pertences tendentes ao mesmo estabelecimento: quem pretender, dirija-se a mesma rua n. 53, taberna.

ARADOS DE FERRO.

Na fundição' de C. Starr. & C. em Santo Amaro acha-se para vender arados de ferro de superior qualidade.

Escravos fugidos.

— Fugio a seu senhor Domingos Soriano de Oliveira, proprietario do engenho Onça, na freguezia de Una, no dia 20 de novembro de 1855, o escravo crioulo, de nome José, de 28 annos de idade, estatura regular, pouca barba, rosto descarnado e com signaes miudos de bexigas tidas ha pouco tempo, dentes perfeitos, nariz afilado, ar carregado, pernas e pés regulares, nadegas elevadas, e trabalha de mestre de assucar; conduzio um cavallo ruço vermelho pintado de pedrez, e com marcas ou mal de besta nos quadriz e nas pernas: quem apprehender dito escravo e entregar a seu senhor no mencionado engenho, terá 100$ de gratificação.

— No noite de 28 para 29 do mez passado fugio da campina da Casa Forte, da casa do abaixo assignado, o negro José, crioulo, idade de 30 annos, pouco mais ou menos, estatura baixa, secco do corpo e bem espigado, cor preta, falta de dentes na frente do lado superior, falla um pouco descançado, levou camisa de madapolão, calça azul, foi conduzindo um bahu' pintado de verde do comprimento de 2 ½ palmos, pouco mais ou menos, com fechadura nova, tem o vicio de cachimbar, costuma trazer cinto, e nelle a chave do bahu'; foi encontrado na mesma noite acima em procura do Recife, e suppõe-se ter fugido para o sertão de Pajeú', por assim o ter feito por tres vezes que tem tomado este destino, ou para bordo de algum navio por ser embarcadiço, tem officio de serrador: quem o pegar leve-o a rua do Queimado, loja de miudezas n. 33.

Francisco José Alves Guimarães.

PERN.: TYP. DE M. F. DE FARIA.—1856.

MUTILADO

ILEGÍVEL